

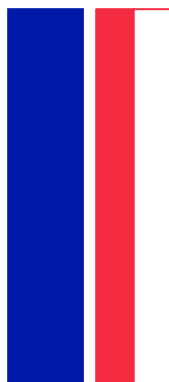
MESTRADO EM FILOSOFIA, POLÍTICA E ECONOMIA

O Álcool e os Rituais Académicos de Coimbra

Diogo Miguel Martins Nunes

M

2026



Diogo Miguel Martins Nunes

O Álcool e os Rituais Académicos de Coimbra

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia, Política e Economia,
orientada pelo Professor Doutor Diogo Campos Monteiro de Melo Lourenço.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ano: 2026

*Aos meus amigos e à família querida,
Ao Porto, por momentos de ternura,
A Coimbra, por me marcar tanto a vida,
E a todos os que me acompanharam nesta aventura.*

Latinoman

Índice

Índice	iv
Declaração de honra / <i>Declaration of Honour</i>	vii
Agradecimentos	ix
Resumo.....	x
Abstract	xi
Índice de Tabelas.....	xii
Índice de Gráficos.....	xiv
Lista de abreviaturas e siglas.....	xv
Introdução.....	1
1. Coimbra, tradição e rituais académicos.....	3
1.1. A tradição académica de Coimbra.....	3
1.2. Coimbra como lugar simbólico	4
2. O consumo de álcool nos rituais académicos: significados, funções e tensões.....	7
2.1. O álcool como prática simbólica e social	7
2.2. Consequências sociais e enquadramento institucional do consumo de álcool	10
3. Tensões entre liberdade, tradição, pressões sociais e intervenção/regulação institucional	12
3.1. Liberdade individual e tradição: tensões e limites.....	12
3.2. Racionalidade limitada e <i>nudges</i>	13
3.3. Desafios institucionais: tradição, autonomia e intervenção	14
4. Perguntas de investigação e Hipóteses.....	16
4.1. Perguntas de Investigação	16
4.2. Hipóteses de Investigação	16
5. Metodologia	17
5.1. Observação direta ou participante	18
5.1.1. Observação naturalista.....	19
5.1.2. Observação estruturada.....	19
5.1.3. Posicionamento do investigador	20
5.2. Inquéritos por questionário.....	21
5.3. Entrevistas	22
5.4. Estratégia de Análise dos Dados	24
6. Análise dos resultados e discussão.....	24
6.1. Caracterização da amostra	24

6.2. Rituais académicos, integração e escolha de Coimbra	26
6.3. Padrões de consumo de álcool em contexto académico	28
6.3.1. Prevalência, pico e frequência de consumo de álcool.....	29
6.3.2. Consumo intensivo de álcool (<i>binge drinking</i>).....	31
6.3.3. Contexto de consumo e tipo de bebidas.....	34
6.4. Significado atribuído aos rituais académicos e ao consumo de álcool	36
6.4.1. Significado do consumo de álcool em contexto académico	36
6.4.2. Normas sociais, pressão e diferenças entre grupos	39
6.5. Tradição, autonomia e influência do grupo	41
6.6. Regulação institucional, patrocínios e medidas de mitigação	43
6.6.1. Perceção de regulação institucional.....	43
6.6.2. Patrocínios e legitimação simbólica	45
6.6.3. Medidas institucionais	46
6.6.4. Teste de hipótese – H3a e H3b	47
6.7. Síntese dos resultados das hipóteses e das perguntas de investigação	50
7. Conclusões finais	52
7.1. Síntese da investigação.....	52
7.2. Limitações	53
7.3. Implicações e aplicações	54
7.4. Recomendações para investigações futuras.....	55
Referências Bibliográficas	57
Anexos.....	64
Anexo A – Dados DGEEC.....	65
1) Tabela 1: Estudantes deslocados por cidade (2022/2023 a 2024/2025)	65
2) Tabela 2: Principais Faculdades por Cidade (2024/2025)	66
Anexo B – Registos da Observação Participante	67
1) Observação Naturalista	67
2) Observação Estruturada	67
Anexo C – Fotografias	70
Anexo D – Parecer da Comissão de Ética.....	75
Anexo E – Questionários	78
Anexo F – Guião das entrevistas.....	87
Anexo G – Termo de consentimento informado.....	89

Anexo H – Transcrição das Entrevistas	90
A. Entrevista Ricardo Reis (H-21-FEUC-D).....	90
B. Entrevista Almeida Garrett (H-22-FEUC/FCTUC-ND).....	94
C. Entrevista Ana Luísa Amaral (M-21-FEUC-D)	98
D. Entrevista Joana Bértholo (M-20-FEUC-D).....	100
E. Entrevista José Saramago (H-20-FEUC-D).....	103
F. Entrevista Maria Judite de Carvalho (M-20-FEUC-D)	109
G. Entrevista Sophia de Mello Breyner (M-23-ExUC-ND)	111
H. Entrevista Guerra Junqueiro (H-23-ExUC-D)	115

Declaração de honra / *Declaration of Honour*

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this dissertation is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

Declaro, ainda, que utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa, nomeadamente o ChatGPT, Perplexity e ferramentas semelhantes, como apoio auxiliar à realização da dissertação. A sua utilização baseou-se na revisão de texto académico, correção de gralhas e erros linguísticos, fluidez de texto e verificação pontual dos cálculos. Toda a revisão bibliográfica, a análise e interpretação dos dados, bem como a escrita do texto final desta investigação, são da minha autoria.

I further declare that I have used generative artificial intelligence tools, such as ChatGPT, Perplexity and similar tools, as auxiliary support in the preparation of my dissertation. I used these tools to review the academic text, correct linguistic errors, improve the fluency of the text, and occasionally verify calculations. The entire literature review, data analysis and interpretation of the results, and the final text were written by me.

Porto, 9 de maio de 2026

Diogo Nunes

Agradecimentos

A realização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas e instituições, às quais gostaria de deixar aqui uma palavra de agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, o Professor Doutor Diogo Lourenço, por toda a ajuda, comentários e disponibilidade ao longo desta investigação, num tema exigente e de grande complexidade.

À minha família, em especial aos meus pais, agradeço o apoio constante e as possibilidades que me deram de prosseguir os meus estudos.

Aos meus amigos e colegas que me acompanharam neste percurso, como a Mónica, o Gui, o Neta, o Pedro, o Joaquim, entre muitos outros que não caberiam nestas linhas, agradeço o apoio, a amizade e o suporte ao longo do meu percurso académico.

Deixo também um agradecimento à minha “família de praxe” – padrinhos, afilhados, netos e bisnetos – que, de diferentes formas, marcaram a minha vivência académica e também inspiraram esta dissertação.

Agradeço também ao José Nunes, presidente do Núcleo de Estudantes de Gestão da Universidade de Coimbra, pela ajuda na divulgação do inquérito. Deixo igualmente um agradecimento a todos os que responderam ao questionário e aos que aceitaram contribuir com os seus testemunhos nas entrevistas realizadas.

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto e à Faculdade de Economia da Universidade do Porto, agradeço as aprendizagens ao longo do mestrado e a abordagem multidisciplinar que possibilitou a realização desta dissertação.

Por fim, agradeço à cidade de Coimbra e à sua vivência e tradição académica, que inspiraram esta investigação e tornaram possível a realização desta reflexão.

Resumo

A presente investigação analisa o papel do consumo de álcool nos rituais académicos de Coimbra, procurando compreender de que forma esta prática contribui para a integração, que significados lhe são atribuídos pelos estudantes e que medidas de âmbito institucional são percecionadas como mais aceitáveis. Partindo de uma abordagem multidisciplinar, que une contributos de filosofia, economia comportamental, política, sociologia e outras ciências sociais, a investigação procura analisar de que modo o consumo de álcool não deve ser visto como um comportamento meramente recreativo e individual, estando associado a uma prática social coletiva e enraizada nos rituais académicos de Coimbra.

Metodologicamente, a presente investigação segue uma abordagem mista, combinando observação participante, inquérito por questionário respondido por 321 estudantes e ex-estudantes de Coimbra, e ainda 8 entrevistas semiestruturadas. Os resultados sugerem que o consumo de álcool facilita a integração dos estudantes, sobretudo dos estudantes deslocados, estando também associado à criação de laços, à sociabilidade e ao sentimento de pertença. Por outro lado, os resultados indicam uma tensão entre autonomia individual, influência grupal, tradição académica e regulação institucional. Verifica-se ainda uma maior aceitação de medidas de mitigação de riscos, como campanhas de sensibilização, equipas de apoio e primeiros socorros ou disponibilização de comida e água de forma gratuita, em detrimento de medidas de carácter mais restritivo. A investigação conclui que o fenómeno necessita de uma análise multidisciplinar aprofundada, em que se reconheçam as características culturais, sociais, simbólicas e institucionais.

Palavras-chave: consumo de álcool; rituais académicos de Coimbra; integração social; tradição académica; intervenção institucional

Abstract

The present research examines the role of alcohol consumption in the academic rituals of Coimbra, seeking to understand how this practice contributes to social integration, what meanings students attribute to it, and which institutional measures are perceived as most acceptable. Drawing on a multidisciplinary approach that brings together contributions from philosophy, behavioural economics, political science, sociology, and other social sciences, the research aims to analyse the extent to which alcohol consumption cannot be viewed as a merely recreational or individual behaviour, as it is associated with a collective social practice rooted in Coimbra's academic rituals.

Methodologically, the research adopts a mixed-methods approach, combining participant observation, a questionnaire survey completed by 321 current and former students of Coimbra, and 8 semi-structured interviews. The findings suggest that alcohol consumption facilitates student integration, particularly for those living away from home, and is associated with the formation of social bonds, sociability, and a sense of belonging. Conversely, the results indicate a tension between individual autonomy, group influence, academic tradition, and institutional regulation. There is also greater acceptance of harm-reduction measures, such as awareness campaigns, support and first-aid teams, or the free provision of food and water, as opposed to more restrictive interventions. The study concludes that this phenomenon requires an in-depth multidisciplinary analysis that recognises its cultural, social, symbolic, and institutional dimensions.

Keywords: alcohol consumption; Coimbra's academic rituals; social integration; academic tradition; institutional intervention

Índice de Tabelas

TABELA 1 – AMOSTRA POR GÊNERO.....	24
TABELA 2 – AMOSTRA POR GERAÇÃO	24
TABELA 3 – ESTUDANTES POR FACULDADE/UNIDADE ORGÂNICA	25
TABELA 4 – CONDIÇÃO DOS ESTUDANTES (DESLOCADO VS NÃO DESLOCADO).....	25
TABELA 5 – PARTICIPAÇÃO NOS RITUAIS ACADÊMICOS DE COIMBRA	26
TABELA 6 – INFLUÊNCIA DE DIFERENTES FATORES NA ESCOLHA DE COIMBRA PARA ESTUDAR	27
TABELA 7 – CONSUMO DE ÁLCOOL NA AMOSTRA.....	29
TABELA 8 – PERÍODO DE PICO DE CONSUMO DE ÁLCOOL EM CONTEXTO ACADÊMICO (ESTUDANTES CONSUMIDORES COM ENTRADA EM COIMBRA ATÉ 2022).....	29
TABELA 9 – FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE ÁLCOOL.....	29
TABELA 10 – FREQUÊNCIA DE EPISÓDIOS DE <i>BINGE DRINKING</i> (CONSUMO DE 5 OU MAIS BEBIDAS PADRÃO NUMA OCASIÃO PARA HOMENS E 4 OU MAIS BEBIDAS PARA MULHERES).....	31
TABELA 11 – CONSUMO DE ÁLCOOL EM CONTEXTO ACADÊMICO VS EM CONTEXTO NÃO ACADÊMICO	34
TABELA 12 – FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS POR TIPO DE BEBIDA E POR GÊNERO	34
TABELA 13 – PERCEÇÕES SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL.....	36
TABELA 14 – FREQUÊNCIA COM QUE PRESENCIOU EPISÓDIOS DE EMBRIAGUEZ EVIDENTE	36
TABELA 15 – PERCEÇÃO SOBRE O QUE REPRESENTA O CONSUMO DE ÁLCOOL	36
TABELA 16 – IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS ACADÊMICOS PARA A INTEGRAÇÃO NA VIDA ACADÊMICA	37
TABELA 17 – PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES/INQUIRIDOS SOBRE A EXISTÊNCIA DE PRESSÃO OU EXCLUSÃO SOCIAL ASSOCIADA AO CONSUMO DE ÁLCOOL (TOTAL E POR GÊNERO)39	
TABELA 18 – PERCEÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE A TRADIÇÃO E A LIBERDADE/AUTONOMIA	41
TABELA 19 – CONCORDÂNCIA COM AS AFIRMAÇÕES SOBRE A TRADIÇÃO, INFLUÊNCIA GRUPAL E AUTONOMIA INDIVIDUAL POR GÊNERO (EM %)	41
TABELA 20 – CONCORDÂNCIA COM AS AFIRMAÇÕES SOBRE A TRADIÇÃO, INFLUÊNCIA GRUPAL E AUTONOMIA INDIVIDUAL POR GERAÇÃO (EM %)	42

TABELA 21 - CONHECIMENTO SOBRE MEDIDAS INSTITUCIONAIS REFERENTES AO CONSUMO DE ÁLCOOL	43
TABELA 22 – OPINIÃO SOBRE A EFICÁCIA DA ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DO ENSINO SUPERIOR DE COIMBRA NA GESTÃO DE RISCOS ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL	44
TABELA 23 – AVALIAÇÃO SOBRE A PRESENÇA DE MARCAS DE BEBIDAS ALCOÓLICAS COMO PATROCINADORES DE GRANDES FESTAS ACADÉMICAS (Ex: QUEIMA DAS FITAS)	45
TABELA 24 – OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE MEDIDAS INSTITUCIONAIS DE MITIGAÇÃO DOS RISCOS ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL	46
TABELA 25 – IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS ACADÉMICOS PARA A INTEGRAÇÃO NA VIDA ACADÉMICA (MUITO IMPORTANTES E IMPORTANTES).....	47
TABELA 26 – OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE MEDIDAS INSTITUCIONAIS DE MITIGAÇÃO DOS RISCOS ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL (ALTO ENVOLVIMENTO COM A TRADIÇÃO).....	48
TABELA 27 – IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS ACADÉMICOS PARA A INTEGRAÇÃO NA VIDA ACADÉMICA (POUCO IMPORTANTES E NADA IMPORTANTES)	48
TABELA 28 – OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE MEDIDAS INSTITUCIONAIS DE MITIGAÇÃO DOS RISCOS ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL (BAIXO ENVOLVIMENTO COM A TRADIÇÃO).....	49

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - CONSUMO INTENSIVO DE ÁLCOOL SEMANAL ENTRE ESTUDANTES DESLOCADOS E NÃO DESLOCADOS	32
GRÁFICO 2 - OPÇÃO DE ESCOLHA POR MEDIDAS DE MITIGAÇÃO VS MEDIDAS DE RESTRIÇÃO ...	46

Lista de abreviaturas e siglas

AAC	ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA
DGEEC	DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
DGES	DIREÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR
ESAC	ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE COIMBRA
ESEC	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA
ESENC	ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE COIMBRA
FCTUC	FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FCDEFUC	FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FDUC	FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FEUC	FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FEP	FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FFUC	FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FLUC	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FMUC	FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FPCEUC	FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INE	INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
ISCAC	INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DE COIMBRA
ISEC	INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE COIMBRA
OECD	ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT
UC	UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Introdução

O consumo de álcool é uma prática recorrente no ensino superior, assumindo um papel relevante nos processos de integração, adaptação e construção de amizades entre os estudantes (Brown & Murphy, 2018; Martin et al., 2020; Gambles et al., 2021; Fenton et al., 2023). Em cidades como Coimbra, onde existe uma forte tradição académica, esta prática assume uma característica essencial pela sua ligação aos rituais e festas académicas (Frias, 2003; Grácio et al., 2010; Martins et al., 2010; Aveiro, 2018).

Apesar da literatura sobre o tema nos últimos anos ter vindo a aumentar, os estudos focam-se essencialmente no impacto do álcool na saúde e nos comportamentos associados, dando menos importância às questões simbólicas, éticas, sociais ou culturais (Martin et al., 2020; Trigo & Santiago, 2022; Aguiar, 2023; D'Alessandro et al., 2023; Bonsu et al., 2024). Esta questão torna-se especialmente relevante em Coimbra, devido à sua longa história e tradição académica, onde as práticas associadas ao álcool vão muito além de uma questão recreativa (Frias, 2003; Estanque, 2016). Além disso, Portugal apresenta níveis de consumo de álcool elevados em termos internacionais (OECD, 2025). Este contexto levanta questões relevantes sobre o equilíbrio entre as esferas da integração social, da liberdade individual e da intervenção institucional.

A presente investigação visa responder a três questões centrais: de que forma as práticas de consumo de álcool influenciam o processo de integração e o sentimento de pertença no ensino superior em Coimbra, nomeadamente dos estudantes deslocados; que significados são atribuídos pelos estudantes às práticas de consumo intensivo; e como são percecionadas as formas de intervenção institucional na gestão e mitigação dos riscos associados a estas práticas.

Para responder a estas questões, a dissertação recorre, em termos metodológicos, a uma abordagem mista, combinando observação participante, inquérito por questionário e entrevistas semiestruturadas. Esta combinação permite analisar os padrões de consumo e a participação nos rituais académicos, bem como compreender os significados, experiências e perceções atribuídos a estas práticas por parte da comunidade estudantil de Coimbra.

Desta forma, esta dissertação procura contribuir para a literatura existente a partir de uma abordagem multidisciplinar, ao articular perspetivas de economia comportamental, filosofia, política e outras ciências sociais.

A investigação encontra-se estruturada da seguinte forma: em primeiro lugar, apresenta-se um enquadramento do contexto académico de Coimbra, do consumo de álcool e dos conflitos e tensões sociais; posteriormente, é feita a apresentação da metodologia da investigação; de seguida surge a análise e discussão dos resultados; e, por fim, são apresentadas as conclusões, limitações e recomendações para estudos futuros.

1. Coimbra, tradição e rituais académicos

Durante séculos, a “cidade dos estudantes” construiu um imaginário em que a experiência universitária está amplamente ligada a um conjunto de rituais simbólicos, cerimónias e festas académicas que moldam a vida e o percurso dos estudantes, desde o início até ao fim do ciclo de estudos (Grácio et al., 2010; Estanque, 2016). Importa, por isso, compreender o contexto histórico e cultural dessas tradições antes de analisar as práticas de sociabilidade e comportamentos associados ao consumo de álcool.

1.1. A tradição académica de Coimbra

A tradição académica constitui um elemento central da identidade universitária de Coimbra, marcada por um conjunto de rituais, símbolos e práticas transmitidos entre as gerações de estudantes, que ajudam a construir formas específicas de sociabilidade e pertença à comunidade académica (Frias, 2003; Estanque, 2016).

Uma das manifestações mais visíveis dessa tradição universitária é a praxe académica (Frias, 2003). De acordo com o Código da Praxe da Universidade de Coimbra, trata-se de um “conjunto de usos, costumes, regras, normas de etiqueta e protocolo que tradicionalmente regem as relações sociais dos estudantes da Universidade de Coimbra que livremente aderem à mesma” (Magnum Consilium Veteranorum, 2022).

Na prática, a praxe funciona como um sistema de integração dos novos estudantes – os caloiros – através de rituais que incluem formas específicas de tratamento (como o uso do título de “Doutor”), hierarquias entre estudantes – indo dos caloiros até aos veteranos – e entre faculdades, regras associadas à utilização da capa e batina e a participação em cerimónias académicas como serenatas, cortejos ou lutos académicos (Magnum Consilium Veteranorum, 2022).

Para Estanque (2016; 2017a), a praxe académica não se trata apenas de um conjunto de práticas lúdicas, mas de um instrumento simbólico que reforça hierarquias, gera coesão e transmite valores entre gerações. Estas dinâmicas manifestam-se, por exemplo, nas

relações entre padrinhos-afilhados¹ ou nas chamadas “famílias de praxe”², cujos vínculos e laços simbólicos tendem a permanecer ligados ao longo da vida universitária.

Essa estrutura ritual prolonga-se nas grandes festas académicas de Coimbra, que simbolizam momentos de entrada e de consagração na comunidade estudantil (Frias, 2003; Estanque, 2016, 2017a). Entre os rituais de passagem mais importantes, destacam-se a Festa das Latas e a Imposição das Insígnias (vulgarmente conhecida como Latada), no início do ano letivo (Associação Académica de Coimbra, s.d.-a), e a Queima das Fitas, celebrada no final do ano académico (Associação Académica de Coimbra, s.d.-b; Grácio et al., 2010; Frias, 2003). A primeira introduz os novos estudantes na comunidade, enquanto a segunda marca a despedida e a celebração de pertença.

Em conjunto, estas práticas definem o arco simbólico da experiência académica de Coimbra: da integração inicial até à consagração final, refletindo a continuidade da tradição e a forma como esta molda a vida universitária e a própria identidade do indivíduo (Frias, 2003).

Em muitos destes rituais e contextos festivos, as práticas de sociabilidade entre estudantes são frequentemente acompanhadas pelo consumo de álcool, que surge em momentos de integração, convívio e reforço de laços entre os pares. Esta dimensão será aprofundada nas secções seguintes.

1.2. Coimbra como lugar simbólico

A centralidade de Coimbra na cultura académica portuguesa advém não apenas da sua longa história, sendo a universidade mais antiga de Portugal e uma das mais antigas da Europa, mas também da forma como a “cidade dos estudantes” construiu, ao longo dos séculos, um ambiente cultural em que a vida académica assume grande visibilidade social (Frias, 2003). Como Estanque (2016) destaca, Coimbra vive numa grande

¹ Relação tradicional da praxe em que um estudante mais velho (“Doutor(a)”) e um caloiro estabelecem um vínculo simbólico, na qual o padrinho ou madrinha assume um papel de tutor. Esta relação é marcada pelo apoio na integração académica, partilha de apontamentos das unidades curriculares, conselhos durante o percurso académico, assim como a transmissão dos valores e das normas associadas à cultura académica e à tradição.

² Estruturas simbólicas da praxe, compostas por várias gerações de estudantes (padrinhos, afilhados, “avós”, “bisavós”, ...), que reproduzem tradições dentro de parte da comunidade estudantil, reforçando laços e assegurando a transmissão contínua de tradições e identidades estudantis.

interdependência entre a cidade e a universidade, visível em rituais académicos, como as serenatas, cortejos, praxe, Latada, Queima das Fitas, jantares de curso e de carro³. Estes rituais vão além do universo universitário, envolvendo a comunidade e a economia local, produzindo impactos económicos e culturais que influenciam as práticas académicas noutras regiões do país (Teixeira, 2021; Agante, 2009; Cabral, 2007; Frias, 2003).

Para além da dimensão simbólica e identitária, as festas académicas de Coimbra possuem também um grande impacto económico na cidade. Eventos como a Latada e a Queima das Fitas mobilizam um elevado número de visitantes, bem como dinamizam diversos setores, através da venda de bilhetes, patrocínios, restauração, venda de bebidas alcoólicas, dormidas e alojamentos. Em 2025, por exemplo, a Queima das Fitas de Coimbra recebeu cerca de 220 mil visitantes (As Beiras, 2025). Este elevado fluxo de pessoas coincide com alguns dos períodos de maior faturação para diversos agentes económicos locais. A literatura reforça esta visão, afirmando que a Queima das Fitas desempenha um papel essencial na dinamização socioeconómica da cidade de Coimbra e contribui para uma boa perceção por parte dos residentes e dos visitantes (Agostinho, 2024).

Outro fator relevante para compreender o simbolismo da vida académica de Coimbra é o perfil demográfico da sua comunidade estudantil. De acordo com dados da DGEEC, cerca de 70% dos estudantes de Coimbra vivem fora da sua zona de residência (Anexo A – Tabela 1 e 2), valor substancialmente superior à média nacional, que ronda os 33% (Anexo A – Tabela 1). O perfil demográfico de Coimbra fica ainda mais evidente ao compararmos as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, onde a percentagem de estudantes que deixam as suas residências para prosseguir os estudos superiores é bastante inferior, sendo, aproximadamente, 28% e 22%, respetivamente (Anexo A – Tabela 1). Estes valores vão ao encontro do que a literatura sugere, segundo a qual a maioria dos estudantes destas regiões são residentes (Magalhães et al., 2024).

³ Em Coimbra, para além dos jantares de curso, é também comum a organização de jantares de carro, que são uma forma de angariação de fundos para a construção dos carros alegóricos que participam no Cortejo da Queima das Fitas.

Esta elevada concentração de estudantes deslocados⁴ reforça o papel de Coimbra como destino privilegiado de mobilidade académica e contribui para que os rituais e práticas estudantis ganhem particular importância na construção de redes de sociabilidade, pertença e apoio mútuo. Para muitos estudantes deslocados, os amigos e colegas tornam-se uma importante fonte de apoio perante os desafios académicos e a distância à família de origem (Worsley et al., 2021; English et al., 2017; Langley & Breese, 2005). Aliás, estudos nacionais e internacionais demonstram que os pares tendem a assumir o papel de principal fonte de suporte e apoio, funcionando como uma espécie de “família substituta” durante o percurso académico (English et al., 2017; Figueiredo et al., 2017; Brown & Murphy, 2018). Esta dinâmica de apoio mútuo ajuda a perceber por que razão os rituais académicos e as práticas de sociabilidade se revelam determinantes na integração e adaptação ao novo meio académico.

Neste contexto, Coimbra oferece um ambiente empírico promissor para analisar a relação entre tradição académica, práticas de sociabilidade e consumo de álcool. Para alguns estudantes, sobretudo os deslocados, a participação nos rituais académicos pode funcionar como mecanismo de integração, de pertença ao grupo e de adaptação ao novo meio que é o ensino superior (Worsley et al., 2021; English et al., 2017; Langley & Breese, 2005). Para outros, estas práticas podem ser encaradas como uma forma de pressão social e de exclusão (Estanque, 2016, 2017b; Brown & Murphy, 2018; Fernandes & Santiago, 2020; Harris et al., 2022). É com base neste contexto que a presente investigação procura compreender de que forma o consumo de álcool em contextos académicos influencia o processo de integração e o sentimento de pertença dos estudantes deslocados no ensino superior em Coimbra.

⁴ É considerado estudante deslocado aquele que em consequência da distância entre a localidade da sua residência e a localidade onde frequenta o curso em que está inscrito, necessita de residir nesta localidade, ou nas suas localidades limítrofes (DGES, s.d.).

2. O consumo de álcool nos rituais académicos: significados, funções e tensões

Em Coimbra, o consumo de álcool surge frequentemente associado a momentos de sociabilidade e convívio entre estudantes. O ato de beber em grupo – frequentemente iniciado antes da saída para festas académicas ou espaços noturnos, em contextos de *pre-drinking*⁵ (Gambles et al., 2021), nos “finos sociais” na AAC⁶ ou nos shots consumidos nos convívios ligados aos carros alegóricos⁷ – adquire um valor que expressa pertença, reciprocidade e adesão a condutas e normas implícitas da vida académica (Estanque, 2016, 2017b; Grácio et al., 2010; Agante, 2009). Participar nestes rituais de consumo pode ser, em muitos casos, interpretado como uma forma de lealdade ao grupo (Estanque, 2016; Brown & Murphy, 2018; Fenton et al., 2023).

2.1. O álcool como prática simbólica e social

O consumo de álcool em contexto académico tem sido alvo de estudo, nas últimas décadas, revelando-se um fenómeno multidisciplinar complexo que articula dimensões culturais, sociais e institucionais. No contexto universitário, o ato de beber ocorre frequentemente em contextos coletivos de sociabilidade, não devendo, por isso, ser visto apenas como um comportamento recreativo, mas como uma prática carregada de significados simbólicos (Brown & Murphy, 2018; El Ansari et al., 2020; Martin et al., 2020; D’Alessandro et al., 2023; Fenton et al., 2023).

Relativamente aos rituais académicos, a literatura antropológica oferece um enquadramento teórico útil para compreender estas dinâmicas. De acordo com Van

⁵*Pre-drinking* refere-se ao consumo de álcool realizado antes do evento principal da noite, geralmente realizado na residência de um dos estudantes ou em espaços informais (como parques). Esta prática tem como objetivo a socialização e a redução de custos associados à noite académica, sendo muito comum no meio estudantil. Após o *pre-drinking* os estudantes prosseguem a noite para os bares ou discotecas.

⁶ Expressão informal utilizada pelos estudantes para designar o consumo de cerveja na Associação Académica de Coimbra. Este evento é comum após atividades académicas como praxe ou a realização de um exame, ou antes de um convívio académico como jantar de curso ou barracas/bancas de shots.

⁷ Ao longo do ano letivo, é comum que membros de cada curso organizem com regularidade convívios para angariarem fundos destinados ao carro alegórico que desfila no Cortejo da Queima das Fitas de Coimbra. Normalmente, o convívio mais comum são as chamadas “bancas de shots”, que ocorrem nos mais diversos bares da cidade. Aqui vemos um exemplo do consumo simbólico que os shots possuem, por estarem associados à preparação dos carros alegóricos e a marcos festivos.

Gennep (1960), rituais como a Praxe, a Latada ou a Queima das Fitas desempenham um papel importante na transição entre as diferentes fases da vida social, funcionando como ritos de passagem e de legitimação, nos quais a participação é entendida como reconhecimento e integração na comunidade (Estanque, 2016, 2017a; Grácio et al., 2010; Frias, 2003). À luz de Turner (1969), estes momentos podem ser entendidos como espaços “liminares”, nos quais são suspensas momentaneamente as hierarquias e geram-se as chamadas “communitas”, marcadas pela partilha e por uma forte solidariedade e coesão grupal. Aplicadas ao contexto universitário, estas perspetivas ajudam a compreender porque várias práticas coletivas – inclusive o consumo de álcool – podem possuir um valor simbólico associado à integração e à pertença estudantil.

Tanto a literatura internacional como a nacional convergem na ideia de que o consumo coletivo de álcool no meio universitário desempenha funções sociais relevantes. Em particular, o beber em grupo facilita interações sociais, promove integração e pode funcionar como marcador identitário ao longo das fases da vida universitária (Fenton et al., 2023; Gambles et al., 2021; English et al., 2017; Costa et al., 2016; Rodrigues et al., 2014). Estudos sobre as perceções dos estudantes demonstram ainda que o álcool é frequentemente encarado com expectativas positivas, como a redução do stress, o aumento da diversão ou a facilitação da relação entre os pares, o que pode contribuir para a normalização destas práticas no meio universitário (Rodrigues et al., 2014; Pereira & Lima, 2016; Almeida et al., 2020; Fernandes & Santiago, 2020; D’Alessandro et al., 2023). Segundo Brown & Murphy (2018), muitos estudantes ajustam os seus comportamentos de consumo de álcool em função das práticas dos seus pares e daquilo que consideram como norma dominante, pois receiam a rejeição associada à não participação (Pereira & Lima, 2016). Esta dimensão simbólica e social fica especialmente evidente no fenómeno *binge drinking*, frequentemente descrito na literatura não apenas como uma forma de consumo intensivo, mas também como um comportamento que reforça vínculos entre os pares e sinaliza os processos de integração nos grupos académicos (Pereira & Lima, 2016; Martin et al., 2020; Fenton et al., 2023; D’Alessandro et al., 2023).

Para além disso, várias investigações sublinham que a cultura académica portuguesa, fortemente marcada pela praxe e pelos rituais de integração, atribui um papel central ao álcool na construção da identidade estudantil e na formação de laços de pertença no

ensino superior (Estanque, 2016; Grácio et al., 2010). Em Coimbra, onde os rituais académicos têm uma forte profundidade simbólica e onde existe uma elevada proporção de estudantes deslocados, o álcool pode funcionar como um recurso social distinto, funcionando simultaneamente como um meio de integração e como um fator de vulnerabilidade para aqueles que não alinham coletivamente nos rituais (Martins et al., 2010; Fernandes & Santiago, 2020). Esta interpretação vai ao encontro de estudos como o de Aveiro (2018), no qual uma parte significativa dos estudantes associa o consumo de álcool em festas e convívios académicos às atividades extracurriculares e ao reforço do sentimento de união e coesão grupal.

Para além da função integradora, a literatura também destaca a dimensão hierárquica do consumo de álcool, nomeadamente em grupos com elevado capital simbólico, como equipas desportivas ou associações académicas (Brown & Murphy, 2018; Gambles et al., 2021; Fenton et al., 2023). Nestes contextos, o ato de beber coletivamente procura reforçar relações de reciprocidade, legitimar posições e criar mecanismos de poder que tanto podem promover a coesão como a exclusão (Harris et al., 2022; Pereira & Lima, 2016). Harris et al. (2022) mostram, por exemplo, que a capacidade de acompanhar o grupo no consumo, de aguentar maiores quantidades ou de liderar as dinâmicas de beber é frequentemente interpretada como um sinal de robustez ou estatuto, o que contribui para reforçar posições de prestígio dentro dos grupos e da hierarquia.

Em Portugal, diversas investigações sugerem que os padrões nacionais não divergem da realidade internacional. Estudos realizados em Coimbra (Aguiar, 2023; Trigo & Santiago, 2022; Aveiro, 2018; Martins et al., 2010), Aveiro (Rodrigues et al., 2014; Costa et al., 2016; Caetano et al., 2019), Covilhã (Martins, 2012; Carvalho, 2010), Braga (Pessôa, 2012; Saldanha et al., 2025), Vila Real (Lapa, 2014) e Viseu (Cabral, 2007) indicam que os picos de consumo coincidem com momentos de festividade, como Semana Académica, Recepção ao Caloiro, Latada ou Queima das Fitas.

Apesar de vários contributos, grande parte da investigação existente centra-se sobretudo na identificação de padrões de consumo intensivo de álcool e a sua associação a contextos festivos, não explorando ao detalhe os significados simbólicos atribuídos por parte dos estudantes nem as perceções de pertença ou pressão social (D'Alessandro, 2023; Bonsu et al., 2024). Neste sentido, a presente investigação procura colmatar essa lacuna,

analisando de que forma os estudantes universitários interpretam o papel do álcool nos rituais académicos e as dinâmicas e percepções de sociabilidade a eles associados.

2.2. Consequências sociais e enquadramento institucional do consumo de álcool

O impacto do álcool, bem como das práticas associadas ao consumo intensivo, manifesta-se em vários domínios (Almeida et al., 2020; Ferreira et al., 2014). Do ponto de vista académico, diversos estudos associam o consumo excessivo ao absentismo, a dificuldades de concentração e a menor desempenho escolar, embora a literatura não seja consensual nesse aspeto (El Ansari et al., 2020; Martin et al., 2020). Em Portugal, alguns estudos sugerem ainda que padrões de consumo intensivo de álcool estão associados a uma perceção mais baixa de desempenho académico e a dificuldades no cumprimento das exigências e tarefas no ensino superior (Martins, 2012; Costa et al., 2016).

No que toca à saúde, os riscos associados incluem questões como acidentes, episódios de violência, vulnerabilidades físicas e emocionais e comportamentos sexuais de risco (Cunha Filho & Ferreira-Borges, 2008; Martins et al., 2010; Ferreira et al., 2014; Rodrigues et al., 2014; Almeida et al., 2020; Li, 2025). Estes efeitos tendem a intensificar-se em períodos de festividade académica, em que momentos de consumo tornam-se mais frequentes e atingem níveis mais elevados (Trigo & Santiago, 2022; Caetano et al., 2019; Aveiro, 2018; Martins, 2012; Agante, 2009).

A nível social, as externalidades revelam-se igualmente importantes, desde a perturbação do espaço público até à pressão nos serviços públicos de saúde e de segurança, passando por potenciais custos de reputação para as próprias instituições do ensino superior (Cunha Filho & Ferreira-Borges, 2008; Martins et al., 2010; Cunha Filho, 2016). Estudos realizados em Coimbra mostram que os períodos festivos, nomeadamente a Latada e a Queima das Fitas, estão fortemente ligados a episódios de consumo intensivo e às suas consequências coletivas (Aveiro, 2018; Trigo & Santiago, 2022; Aguiar, 2023).

O enquadramento institucional e político assume aqui um papel complexo. Por um lado, as políticas públicas estabelecem limites formais através de idades mínimas legais para a venda e consumo de bebidas alcoólicas em certos espaços públicos, bem como regras específicas para a sua comercialização (Cunha Filho & Ferreira-Borges, 2008; Cunha Filho, 2016). Embora a maioria dos estudantes universitários já se encontrem na

maioridade, o que permite legalmente o consumo de álcool, estas normas enquadram o mercado e o acesso ao álcool de forma geral. Por outro lado, o ambiente académico tende a flexibilizar estas restrições, seja através da ausência de mecanismos de controlo eficazes, seja também pela realização de grandes festas que contam com o patrocínio de grandes marcas, condicionando tanto a disponibilidade como o simbolismo do consumo (Cunha Filho, 2016; Teixeira, 2021).

Além disso, estudos internacionais com medidas que visam reduzir danos, como mensagens preventivas e outras experiências digitais breves, têm sugerido uma eficácia limitada, sobretudo quando estas não prestam a devida atenção à cultura universitária local ou às práticas específicas de consumo, como o *pre-drinking* ou os grandes eventos e festividades (Bonsu et al., 2024; Maani et al., 2023; Riordan et al., 2017).

Apesar do aumento da investigação sobre o consumo de álcool no contexto universitário, ainda persistem lacunas relevantes na literatura. Continuam a faltar estudos longitudinais que acompanhem o estudante ao longo do seu percurso académico, análises aprofundadas de âmbito multidisciplinar que estudem a dimensão simbólica do álcool nos rituais locais e avaliações sobre medidas de intervenção adaptadas à realidade local (Bonsu et al., 2024; D'Alessandro et al., 2023). Embora a presente investigação não tenha natureza longitudinal, procura contribuir criticamente, quer a nível teórico quer empírico para o debate sobre o álcool e a vida académica no ensino superior em Portugal, com particular atenção às tensões entre tradição, integração e regulação institucional.

3. Tensões entre liberdade, tradição, pressões sociais e intervenção/regulação institucional

As tensões entre autonomia individual, integração grupal e pressão social, identificadas ao longo dos capítulos anteriores, exigem um enquadramento teórico capaz de clarificar os limites da liberdade, o peso da tradição e o papel das instituições.

O consumo de álcool em contexto académico, enquanto prática social e ritual de integração, levanta importantes desafios de ordem ética, política e institucional. Se, por um lado, o álcool é frequentemente percecionado como um elemento que reforça a coesão, a pertença e o convívio, por outro, expõe algumas contradições profundas que existem entre liberdade individual, expectativas coletivas e mecanismos formais e informais de regulação, podendo gerar situações de exclusão, constrangimento ou danos individuais e coletivos.

Partindo desta antítese, o presente capítulo articula contributos da filosofia política e da economia comportamental, com o objetivo de refletir sobre as formas como as tradições académicas e os contextos festivos moldam a liberdade individual e colocam desafios específicos à intervenção institucional.

3.1. Liberdade individual e tradição: tensões e limites

A reflexão sobre a liberdade individual pode ser analisada, do ponto de vista filosófico, a partir da perspetiva de John Stuart Mill. Na sua obra *Sobre a Liberdade* (1859), o autor defende que os indivíduos devem ser livres de prosseguir os seus interesses, prazeres e modos de vida, desde que essas escolhas não causem danos a terceiros, princípio que ele designa de “princípio do dano”. Nesta perspetiva, comportamentos considerados imprudentes ou moralmente questionados (por exemplo, a embriaguez) permanecem apenas na esfera da autonomia individual.

Mill distingue, contudo, entre comportamentos que dizem respeito apenas ao próprio indivíduo e ações que geram consequências a terceiros devido ao incumprimento de deveres. Assim, o problema não reside no simples ato do indivíduo “estar bêbado”, mas nas implicações que gera quando interfere com responsabilidades sociais ou com o bem-estar coletivo. Aplicada ao contexto académico, esta distinção levanta uma questão central: quando é que o consumo de álcool deixa de ser questão individual e passa a ser

uma preocupação coletiva, principalmente nos momentos em que se traduzem em perturbações do espaço público ou riscos de segurança perante terceiros.

No caso específico de Coimbra, esta análise torna-se mais complexa devido ao peso da tradição académica. Rituais como a Latada ou a Queima das Fitas conferem ao consumo intensivo de álcool um forte significado simbólico, que é regularmente percecionado como parte integrante da experiência universitária (Anexo C – Fotografia 1). Nestes cenários, a liberdade individual, embora não desapareça, pode tornar-se subtilmente condicionada por expectativas do grupo. Estudantes que optem por não beber podem sentir-se marginalizados ou afastados, enquanto aqueles que praticam consumo intensivo de álcool tendem a interpretar esses comportamentos como normas implícitas da tradição e da pertença grupal (Brown & Murphy, 2018; Fernandes & Santiago, 2020; Fenton et al., 2023).

Esta tensão revela que, em ambientes marcados pela tradição, a liberdade de escolha ocorre num contexto cultural que influencia e orienta comportamentos, podendo, em certos casos condicioná-los mesmo que de forma indireta (Gambles et al., 2021; D'Alessandro et al., 2023). É a partir deste conflito entre autonomia individual e conformidade social que se colocam algumas das questões centrais da presente investigação.

3.2. Racionalidade limitada e *nudges*

A economia comportamental, em particular a perspetiva de Richard Thaler & Cass Sunstein (2024), oferece uma leitura útil para se compreender a forma como os estudantes universitários tomam decisões em contextos sociais marcados por forte carga simbólica. Para estes autores, as nossas escolhas individuais não são inteiramente neutras em relação aos contextos em que ocorrem, sendo influenciadas por normas institucionais, padrões culturais ou limitações cognitivas, o que ajuda a explicar por que razão, mesmo reconhecendo os perigos e riscos associados ao consumo intensivo de álcool, muitos estudantes persistem em comportamentos potencialmente prejudiciais.

Neste quadro, Thaler & Sunstein (2024) propõem o conceito de “paternalismo libertário”, segundo o qual as instituições podem intervir de forma leve na “arquitetura de escolhas”, procurando orientar as decisões no sentido de reduzir os riscos e aumentar o bem-estar, sem eliminar a possibilidade de escolha. Estas intervenções, designadas pelos autores de

“nudges”, consistem em pequenos ajustes no contexto de decisão, capazes de influenciar comportamentos sem recorrer a proibições ou sanções diretas (Thaler & Sunstein, 2024).

Aplicado ao contexto académico, pensar em *nudges* significa identificar formas de mitigar os riscos associados ao consumo de álcool que sejam compatíveis com a continuidade das práticas festivas e com o peso da tradição. Exemplos incluem a utilização de mensagens preventivas antes dos eventos académicos, funcionando como lembrete de autocontrolo e de redução de danos (Riordan et al., 2017; Thaler & Sunstein, 2024), a facilitação do acesso à água nos recintos das festas académicas, ou intervenções que procurem corrigir perceções inflacionadas sobre a norma do consumo frequentemente alimentadas pelo receio de rejeição e decepção perante os pares (Gambles et al., 2021; Harris et al., 2022).

No entanto, como a literatura também o menciona, a eficácia destes mecanismos está dependente do contexto cultural e institucional em que são implementados (Bonsu et al., 2024), sendo limitada quando não têm em consideração as tradições e os simbolismos locais que moldam padrões de consumo e de sociabilidade, das quais Coimbra é um exemplo claro.

Por fim, é importante salientar que a influência sobre as escolhas de consumo não é exercida apenas pelas instituições académicas. Também diversos agentes económicos, como bares, discotecas ou superfícies comerciais, recorrem a estratégias que exploram o contexto de decisão e incentivam desejos imediatos ou escolhas pouco refletidas, como a colocação das bebidas alcoólicas nas montras de entrada dos supermercados durante períodos festivos, como a Latada ou a Queima das Fitas (Anexo C – Fotografias 2 a 5). Ainda que distintas de certas intervenções propostas por Thaler & Sunstein (2024), estas práticas evidenciam que o consumo de álcool ocorre num ambiente moldado por interesses económicos e institucionais, tornando o debate sobre autonomia, tradição e regulação complexo.

3.3. Desafios institucionais: tradição, autonomia e intervenção

Com base no enquadramento anterior, a intervenção institucional no consumo de álcool em contexto académico esbarra numa questão central: a força da tradição. Intervir num domínio fortemente marcado por rituais simbólicos e práticas de sociabilidade, como acontece nas festas académicas, coloca desafios de ordem ética, política e institucional.

Por um lado, à luz do princípio do dano de Stuart Mill (1859), a intervenção só se justificaria se visasse a prevenção de danos concretos a terceiros ou a salvaguarda de condições mínimas de segurança e de ordem pública. Por outro lado, a realidade universitária demonstra que, em múltiplas circunstâncias, os riscos associados ao consumo de álcool extrapolam a esfera individual, manifestando-se sob a forma de perturbação do espaço público, episódios de violência, incumprimento da lei ou pressão exercida sobre os pares (Trigo & Santiago, 2022; Brown & Murphy, 2018; Agante, 2009; Cunha Filho & Ferreira-Borges, 2008).

A complexidade deste dilema é agravada pelo facto de as práticas festivas estarem profundamente enraizadas na identidade académica e no calendário cultural da cidade de Coimbra (Frias, 2003). Festas como a Queima das Fitas, a Latada, os convívios associados aos carros alegóricos ou os jantares de curso não são apenas encarados como momentos de lazer, mas também como rituais de consolidação de pertença (Aveiro, 2018; Estanque, 2007). Qualquer tentativa de intervenção nestes contextos significa não só tentar regular comportamentos individuais, mas também intervir em estruturas culturais e processos de socialização, que perduram ao longo de várias gerações de estudantes (Frias, 2003; Estanque, 2016, 2017a). Como realçam Thaler & Sunstein (2024), tradições fortemente enraizadas tendem a ser mais resistentes à mudança, o que torna intervenções restritivas difíceis de serem implementadas e, em alguns casos, contraproducentes face aos objetivos pretendidos (Maani et al., 2023).

Além do mais, o ambiente académico universitário constitui um espaço propício a interesses económicos e comerciais que contribuem para a normalização do consumo intensivo de álcool. A presença de patrocínios, a venda de álcool em períodos festivos ou estratégias comerciais que exploram desejos e impulsos do consumidor, como a colocação proeminente de álcool em locais de elevada exposição para incentivar o consumo, revela que as instituições universitárias não intervêm num espaço neutro, mas sim numa sociedade onde existem diversos interesses, muitos dos quais opostos aos objetivos de saúde pública e mitigação dos riscos (Teixeira, 2021; Jernigan & Ross, 2020). Como reforçam Thaler & Sunstein (2024), muitos agentes económicos possuem incentivos claros para explorar fragilidades comportamentais, mais do que as mitigar, o que contribui para aumentar a complexidade do debate em relação ao tema da regulação do consumo de álcool.

Neste contexto, a intervenção institucional é confrontada com a necessidade de equilibrar três dimensões: o respeito pela autonomia individual, a preservação das tradições académicas e a mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool. Assim, perante estas tensões, coloca-se a necessidade de compreender como os estudantes percecionam o papel das instituições universitárias – como a Universidade de Coimbra, a Associação Académica de Coimbra (AAC) ou as organizações estudantis – na gestão do consumo de álcool no contexto académico, bem como que formas de intervenção consideram mais legítimas ou culturalmente aceites na redução dos riscos associados às festas académicas e ao consumo intensivo.

4. Perguntas de investigação e Hipóteses

A partir da reflexão desenvolvida nas secções anteriores, que destacou o papel que o consumo de álcool possui nos rituais académicos e as tensões entre tradição, autonomia e regulação institucional, formulam-se as seguintes perguntas de investigação e hipóteses.

4.1. Perguntas de Investigação

PI1: De que forma as práticas de consumo de álcool em contextos académicos (como jantares de curso, convívios, *pre-drinking*, Latada ou Queima das Fitas) influenciam o processo de integração e o sentimento de pertença dos estudantes deslocados no ensino superior em Coimbra?

PI2: Em que medida o *binge drinking* e outras formas de consumo intensivo são percecionados pelos estudantes universitários como comportamentos com significado simbólico nos rituais académicos de Coimbra?

PI3: Como é que os estudantes percecionam o papel das instituições universitárias na gestão do consumo de álcool, bem como na prevenção dos riscos associados às festas académicas de Coimbra?

4.2. Hipóteses de Investigação

As hipóteses de investigação formuladas resultam da articulação entre as perguntas de investigação e a literatura analisada, nomeadamente no que diz respeito ao papel do consumo de álcool (Brown & Murphy, 2018; Aresi et al., 2019), à frequência do seu consumo e práticas de *binge drinking* (Trigo & Santiago, 2022) e às tensões entre a

tradição académica, autonomia individual e regulação institucional (Mill, 1859; Thaler & Sunstein, 2024).

H1: Estudantes que participam com maior frequência em festas académicas e atividades associadas ao consumo intensivo de álcool (convívios, jantares de curso, *pre-drinking*) reportam níveis mais elevados de integração entre os pares e de coesão grupal.

H2: Existe uma associação positiva entre a perceção do *binge drinking* como comportamento socialmente normalizado e a frequência de episódios de consumo intensivo de álcool.

H3a: Estudantes que atribuem maior importância à tradição académica tendem a percecionar medidas institucionais de carácter mais restritivo (por exemplo, limitações à venda de álcool) como menos legítimas.

H3b: Estudantes que possuam menor envolvimento nos rituais académicos e nas práticas festivas tendem a percecionar medidas institucionais de mitigação de danos (por exemplo, campanhas de sensibilização) como mais legítimas.

H4: Existem diferenças nos padrões de consumo entre homens e mulheres, nomeadamente ao nível de frequência, intensidade e ao tipo de bebida consumida.

H5: Estudantes deslocados tendem a apresentar níveis mais elevados de participação nos rituais académicos e práticas de consumo de álcool.

5. Metodologia

A resposta às perguntas de investigação e o teste das hipóteses formuladas fazem-se com base numa abordagem metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos (Bryman, 2016; Creswell & Creswell, 2018; Van Campenhoudt et al., 2019). Esta opção mostra-se adequada para o estudo de fenómenos sociais complexos, como o consumo de álcool em contexto académico, o papel da tradição e os significados e práticas presentes nos rituais e nas dinâmicas de grupo, na medida em que permite analisar os padrões de consumo, ao mesmo tempo que ajuda a compreender os significados e dinâmicas sociais que os sustentam.

O estudo apresenta um carácter exploratório e procura, por um lado, investigar as experiências e os significados atribuídos pelos estudantes às práticas do consumo de

álcool, bem como, por outro lado, identificar possíveis padrões associados à integração social, à tradição académica e às perceções sobre a regulação institucional.

A estratégia metodológica desta investigação baseou-se na triangulação de dados, através da utilização de três técnicas complementares: a observação participante, os inquéritos por questionário e entrevistas semiestruturadas (Flick, 2009; Van Campenhoudt et al., 2019).

No âmbito da recolha de dados desta investigação, procedeu-se ao pedido de um parecer à Comissão de Ética da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Anexo D).

Após a emissão do parecer, todas as fases de estudo respeitaram as normas éticas aplicáveis à investigação na área das ciências sociais, nomeadamente: a participação nas entrevistas e inquéritos realizou-se de forma voluntária, mediante o consentimento informado; houve confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes; a identidade dos indivíduos presentes na observação participante não foi exposta.

5.1. Observação direta ou participante

A observação direta constituiu a primeira componente metodológica da presente investigação. Este método foi escolhido pela sua capacidade de captar fenómenos e acontecimentos do quotidiano universitário, presentes nas dinâmicas de grupo e nos comportamentos dos universitários, que dificilmente seriam apreendidos, única e exclusivamente, através de instrumentos de recolha de dados (Coutinho, 2022; Spradley, 1980).

A observação participante consiste na inclusão do investigador no contexto social em estudo, com o objetivo de compreender as práticas e dinâmicas sociais em ambiente natural (Spradley, 1980). No âmbito da investigação, a observação participante teve como foco perceber os seguintes aspetos: (i) contextos e padrões de consumo; (ii) dinâmicas de grupo presentes nos rituais académicos; (iii) o álcool como condutor de práticas de inclusão e exclusão; (iv) formas de sociabilidade entre estudantes deslocados.

A observação participante serviu de base inspiradora para as perguntas e hipóteses de investigação, permitindo uma primeira identificação de padrões de consumo e dinâmicas de sociabilidade. Esta foi realizada em dois momentos metodologicamente distintos, cujas diferenças importa especificar.

5.1.1. Observação naturalista

A primeira fase correspondeu a uma observação naturalista, anterior à formulação do problema de investigação, realizada ao longo do percurso académico do investigador em Coimbra. Esta exposição permitiu reconhecer práticas recorrentes de sociabilidade, rituais académicos e padrões de consumo de álcool, funcionando como um ponto de partida heurístico para identificar e formular o problema de investigação.

No entanto, as lembranças pessoais e as experiências vividas não são tratadas como dados empíricos sistemáticos, uma vez que não foram recolhidas com base em hipóteses e quadros teóricos previamente definidos, nem através de procedimentos de uma observação estruturada. Correspondem, antes, a um conhecimento situado que informa o olhar do investigador, sem substituir os dados recolhidos através de outras técnicas metodológicas (Spradley, 1980; Popper, 1959).

5.1.2. Observação estruturada

Após definida a problemática e o objetivo da investigação, durante o ano letivo de 2025/2026, foram realizadas deslocações estratégicas a Coimbra, com o intuito de recolher dados e tomar notas de forma estruturada.

Ao contrário da primeira fase, marcada por uma observação espontânea, com pouco rigor metodológico, esta segunda caracterizou-se por uma observação deliberada, orientada por dimensões analíticas previamente definidas em função da investigação. A atenção recaiu, em particular, sobre os seguintes aspetos:

- padrões de consumo (quantidade consumida, ritmo de consumo e tipo de bebida);
- dinâmicas grupais e práticas associadas ao consumo de álcool;
- processos de integração e exclusão;
- diferenças entre estudantes deslocados e não deslocados;
- relações entre as festividades académicas e a economia local.

A observação estruturada realizou-se nos seguintes momentos-chave do calendário académico:

- 1) A 18 de setembro de 2025, durante um jantar de carros do curso de Gestão e momentos subsequentes em bares e espaços noturnos, onde se observaram episódios de consumo intensivo de álcool;

- 2) Durante a primeira semana de outubro de 2025, através de momentos de *pre-drinking* e práticas sociais associadas à Latada de Coimbra, bem como à economia local;
- 3) Durante o Cortejo da Latada de Coimbra, com foco nas dinâmicas de grupo e nos simbolismos associados ao álcool em contexto académico.

Os registos referentes a esses momentos encontram-se descritos de forma mais detalhada no Anexo B.

5.1.3. Posicionamento do investigador

Embora a observação participante esteja sujeita à subjetividade do observador, a sua posição como membro integrado da comunidade académica constitui uma oportunidade metodológica, pois ajuda a compreender significados e práticas deste fenómeno, cujo entendimento é mais difícil perante observadores externos (Coutinho, 2022; Spradley, 1980). Este posicionamento não confere validade empírica por si só aos dados observados, mas facilita a compreensão das dimensões simbólicas do consumo de álcool que dificilmente seriam captáveis por métodos exclusivamente quantitativos.

Importa mencionar também que a maioria dos estudos portugueses tem analisado estes fenómenos sobretudo através de inquéritos (Aguiar, 2023; Trigo & Santiago, 2022; Fernandes & Santiago, 2020; Aveiro, 2018; Costa et al., 2016; Martins, 2012). Ao integrar a observação participante, esta investigação não procura tirar conclusões baseadas apenas nas experiências pessoais, mas acima de tudo dar pistas e lançar hipóteses que depois serão confrontadas através de outros métodos: inquéritos e entrevistas.

Com o intuito de minimizar potenciais enviesamentos, associados à posição do investigador, foram adotadas diversas práticas metodológicas (Spradley, 1980; Coutinho, 2022). Em primeiro lugar, manteve-se uma distinção entre a fase de observação inicial e naturalista e a fase de observação estruturada, na qual as experiências pessoais não são tratadas como dados empíricos. Em segundo lugar, os registos da observação estruturada privilegiaram descrições factuais de forma cronológica com os acontecimentos. Por fim, os dados provenientes da observação foram sistematicamente confrontados com a informação obtida por outros instrumentos de pesquisa, nomeadamente inquéritos por questionário e entrevistas, permitindo uma leitura cruzada e mais robusta da informação recolhida.

5.2. Inquéritos por questionário

O inquérito por questionário constituiu a principal componente quantitativa desta investigação. Este instrumento possibilitou a recolha de informação junto de um número mais alargado de atuais e antigos estudantes de Coimbra, o que permitiu identificar padrões de consumo, perceções associadas ao *binge drinking*, experiências e simbolismos de integração académica, bem como perceções sobre o papel das instituições na regulação do consumo em contexto académico.

Este instrumento permitiu, assim, identificar padrões e tendências gerais dentro da comunidade estudantil, que a componente qualitativa por si só não conseguiria captar. Além disso, o recurso ao questionário procurou também complementar os dados qualitativos – observação participante e entrevistas semiestruturadas – o que permitiu uma análise mais abrangente do fenómeno estudado (Coutinho, 2022; Creswell & Creswell, 2018; Bryman, 2016).

O questionário foi elaborado tendo como referência a literatura existente sobre o consumo de álcool em contexto académico (Aresi et al., 2019; Fernandes & Santiago, 2020; Martin et al., 2020; Gambles et al., 2021; Trigo & Santiago, 2022; Aguiar, 2023). A partir da mesma, foram organizadas questões com base nos padrões de consumo, importância e participação nos rituais académicos, perceções sobre integração social e regulação institucional e opiniões pessoais sobre possíveis medidas de mitigação de riscos.

Antes da sua divulgação, o inquérito foi sujeito a um teste piloto com um grupo restrito de 8 estudantes de Coimbra com o objetivo de averiguar a clareza e medição das perguntas. Apesar de não ter existido necessidade de ajustes, a realização deste teste piloto permitiu validar a compreensão geral do instrumento.

A recolha de dados foi feita através da plataforma Google Forms, sendo o questionário divulgado, posteriormente, nas redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), grupos de estudantes e contactos associados à comunidade estudantil de Coimbra. O inquérito foi realizado nas primeiras semanas de fevereiro de 2026, aproveitando a transição do 1.º para o 2.º semestre.

A amostra é de natureza não probabilística, baseada na participação voluntária e na disseminação online. No total, foram obtidas 321 respostas válidas. Importa, contudo,

reconhecer que este tipo de amostragem pode introduzir enviesamentos, nomeadamente ao nível de autosseleção dos participantes, o que limita a generalização completa dos resultados.

O instrumento incidiu sobre os seguintes domínios:

1. Caracterização sociodemográfica e académica dos participantes, incluindo género, ano de ingresso no ensino superior em Coimbra, bem como a condição de estudante deslocado
2. Participação nos rituais e práticas académicas e o peso atribuído à tradição e ambiente académico por parte dos estudantes na escolha de Coimbra
3. Frequência e padrões de consumo de álcool, incluindo episódios de consumo intensivo (*binge drinking*), em contexto académico
4. Significados atribuídos ao consumo de álcool, nomeadamente no que diz respeito à integração social, à coesão grupal, à pressão por parte dos pares e o simbolismo associado aos rituais
5. Tensões entre a tradição académica, autonomia individual e influência do grupo nas decisões de consumo
6. Perceções sobre o papel das instituições e aceitabilidade de possíveis medidas de mitigação de riscos em contexto académico.

As perguntas realizadas nos inquéritos encontram-se no Anexo E.

5.3. Entrevistas

Por fim, após a observação e os inquéritos por questionário, foram realizadas 8 entrevistas semiestruturadas a atuais e antigos estudantes do ensino superior em Coimbra. Este método qualitativo foi escolhido com o objetivo de aprofundar os significados, perceções e experiências individuais associadas ao consumo de álcool, além de explorar de forma mais detalhada as dinâmicas de integração, pressão social e regulação institucional (Kvale, 1996). Paralelamente, esta técnica permitiu uma análise mais a fundo sobre as vivências académicas e das representações associadas aos rituais e à tradição académica de Coimbra.

As entrevistas tiveram uma duração aproximada de 15 minutos e foram conduzidas com base num guião previamente elaborado (Anexo F) (Kvale, 1996), e focaram-se em torno dos seguintes domínios:

1. A vivência académica em Coimbra, incluindo participação nos rituais académicos e a relação com a tradição
2. Processos de integração e o papel do álcool em termos de sociabilidade
3. Normas sociais, pressão dos pares, hierarquia e simbolismos associados ao consumo de álcool
4. Diferenças percecionadas entre estudantes deslocados vs. estudantes não deslocados
5. Perceções sobre autonomia individual e o papel das instituições na regulação e mitigação dos riscos presentes no consumo de álcool
6. Considerações pessoais sobre a cultura académica e a tradição de Coimbra

A seleção dos participantes foi realizada com base em critérios de diversidade, procurando garantir heterogeneidade de perfis, experiências e níveis de envolvimento nos rituais académicos. Foram incluídos, nesta amostra, estudantes deslocados e não deslocados, e procurou-se o equilíbrio de género entre os entrevistados.

Mediante a assinatura de um termo de consentimento informado (Anexo G), todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (Kvale, 1996), cujas transcrições encontram-se no Anexo H. Após a sua transcrição, os ficheiros em áudio foram eliminados, sendo a informação recolhida usada apenas para fins académicos. A confidencialidade e o anonimato dos participantes foram assegurados através do uso de pseudónimos inspirados em escritores da literatura portuguesa, acompanhados por um código que identifica o género, a idade, a unidade orgânica ou instituição frequentada e a condição de estudante deslocado ou não deslocado. Deste modo, procura-se preservar o anonimato sem ignorar as características essenciais dos entrevistados. Assim, por exemplo, o código “H-21-FEUC-D” refere-se a um estudante do género masculino, de 21 anos, da Faculdade de Economia e em condição de deslocado.

As entrevistas permitiram, assim, aprofundar os significados atribuídos ao consumo de álcool e captar dimensões subjetivas – como experiências de integração e pressão social ou simbolismos associados ao consumo de álcool e aos rituais académicos – que não

seriam possíveis recorrendo apenas à observação participante ou aos inquéritos por questionário. A articulação entre os diferentes instrumentos permite interpretar de forma robusta o fenómeno em questão.

5.4. Estratégia de Análise dos Dados

Os dados quantitativos recolhidos no questionário foram exportados para o Microsoft Excel, onde se procedeu à organização e análise estatística descritiva, realizando-se o cálculo de frequências e percentagens e o cruzamento entre variáveis à luz das hipóteses e as perguntas de investigação anteriormente formuladas.

Os dados qualitativos provenientes das entrevistas foram analisados por temáticas, relacionando-as com a integração académica, pressão social, simbolismos associados ao consumo de álcool e as perceções sobre a intervenção institucional.

A articulação entre os dados quantitativos e os dados qualitativos dá à presente investigação um olhar mais robusto do fenómeno em análise, através de uma triangulação metodológica (Flick, 2009).

6. Análise dos resultados e discussão

6.1. Caracterização da amostra

Tabela 1 – Amostra por género

Género	N	%
Masculino	123	38,32%
Feminino	197	61,37%
Outro	1	0,31%

Tabela 2 – Amostra por geração

Por geração	N	%
Antes de 1997	65	20,25%
A partir de 1997 (Geração Z)	256	79,75%

Tabela 3 – Estudantes por Faculdade/unidade orgânica

Faculdade/unidade orgânica	N	%
Faculdade de Economia (FEUC)	137	42,68%
Faculdade de Medicina (FMUC)	24	7,48%
Faculdade de Ciências e Tecnologias (FCTUC)	61	19,00%
Faculdade de Letras (FLUC)	25	7,79%
Faculdade de Direito (FDUC)	10	3,12%
Faculdade de Farmácia (FFUC)	10	3,12%
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUC)	9	2,80%
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEFUC)	7	2,18%
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC)	10	3,12%
Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (ISCAC)	4	1,25%
Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC)	6	1,87%
Instituto Superior de Engenharia de Coimbra (ISEC)	7	2,18%
Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC)	2	0,62%
Outras	9	2,80%

Tabela 4 – Condição dos estudantes (Deslocado vs Não deslocado)

Condição do estudante	N	%
Deslocado	249	77,57%
Não Deslocado	72	22,43%

A amostra recolhida (N = 321) é composta maioritariamente por estudantes da designada “Geração Z”, entendida como aqueles nascidos a partir de 1997 em diante (Tabela 2), que representam 79,75% dos inquiridos, e apresenta uma predominância do género feminino (61,37%; Tabela 1), valor superior à média nacional, onde as mulheres representam cerca de 54% dos estudantes inscritos no ensino superior (INE, 2026). No caso da Universidade de Coimbra, que compõe a grande maioria da amostra, o género feminino representa cerca de 58% da população estudantil (Universidade de Coimbra, s.d.). A presente amostra é composta em grande medida por alunos da Faculdade de Economia (42,68%; Tabela 3), embora com representação das demais faculdades e unidades orgânicas. Destaca-se ainda

uma elevada proporção de estudantes deslocados (77,57%; Tabela 4), valor superior à média registada em Coimbra, situada em cerca de 68% a 70% (Anexo A).

6.2. Rituais académicos, integração e escolha de Coimbra

Esta secção visa analisar a participação por parte da comunidade estudantil nos rituais académicos de Coimbra, bem como a sua contribuição na integração na comunidade académica. Paralelamente, procura-se compreender em que medida fatores como a tradição académica e o ambiente estudantil influenciam a escolha da cidade para frequentar o ensino superior.

Tabela 5 – Participação nos rituais académicos de Coimbra

Rituais académicos participados	N	%
Praxe	277	86,29%
Latada	300	93,46%
Queima das Fitas	278	86,60%
Jantares de curso	307	95,64%
Festas académicas em espaços públicos (bares, restaurantes, festas, discotecas)	286	89,10%
Convívios em casas/residências	255	79,44%
Não participei em nenhum	3	0,93%

Os dados demonstram uma adesão muito elevada por parte dos inquiridos aos principais rituais e festas académicas (Tabela 5). Quase todos aqueles que estudaram em Coimbra participaram pelo menos uma vez num jantar de curso (95,64%) e na Latada (93,46%). A participação é também muito elevada em outros rituais como na Praxe académica (86,29%) e na Queima das Fitas (86,60%). Um detalhe que importa realçar é que, dado o inquérito ter sido realizado em fevereiro de 2026, não contempla a participação da maioria dos “caloiros” do ano letivo de 2025/2026 na Queima das Fitas. Se os excluíssemos desta contagem a participação na Queima das Fitas de Coimbra seria 96,06%. Da presente amostra, apenas 0,93% das pessoas que estudaram em Coimbra revelaram nunca ter participado em nenhum dos rituais académicos. Estes resultados indiciam uma adesão estruturalmente elevada aos principais rituais académicos de Coimbra.

A elevada participação nos rituais académicos (jantares de curso, Praxe académica, Latada, Queima das Fitas, etc.) sugere que estes não são eventos isolados, mas componentes centrais na vida académica da grande maioria dos estudantes.

Esta ideia é reforçada pelas entrevistas, onde vários participantes descrevem os rituais académicos como pontos centrais de integração. Uma das estudantes deslocadas da FEUC, Ana Luísa Amaral, refere, por exemplo, que a Praxe académica contribuiu “bastante para conhecer pessoas novas”, funcionando como um contexto que a incentivava a interagir com outros estudantes. Para além da Praxe, vários dos entrevistados referem os jantares de curso ou festas académicas, como a Latada ou a Queima das Fitas, como momentos particularmente relevantes para a criação de amizades e laços sociais.

Neste sentido, estes resultados vão ao encontro da hipótese H1, que propõe que a participação nos rituais académicos está associada à integração social dos estudantes.

Tabela 6 – Influência de diferentes fatores na escolha de Coimbra para estudar

Fator	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)	5 (%)	Mediana	% 4 e 5	N
Tradição e rituais académicos	15,26	13,08	19,94	34,89	16,82	4	51,71	321
Ambiente académico e estudantil	11,53	9,03	17,76	34,89	26,79	4	61,68	321
Vida social e lazer/qualidade de vida	14,02	13,08	19,31	33,96	19,63	4	53,58	321
Reputação/qualidade do curso ou da instituição	2,49	5,61	14,33	45,17	32,40	4	77,57	321
Custo de vida	10,90	7,79	28,97	28,66	23,68	4	52,34	321
Proximidade geográfica	12,77	11,53	16,20	21,81	37,69	4	59,50	321
Resultados da candidatura/opções de candidatura	28,04	9,35	21,50	20,87	20,25	3	41,12	321

Nota: 1- Nenhuma influência; 2- Influência reduzida; 3- Influência moderada; 4- Influência elevada; 5- Influência decisiva

Para além da elevada participação nos rituais académicos, também é importante compreender os fatores que levaram à escolha de Coimbra como cidade de

prosseguimento de estudos académicos. Segundo os dados da amostra (Tabela 6), o principal fator reportado pelos inquiridos para a escolha da cidade foi a ‘Reputação/qualidade do curso ou da instituição’, o que revela a perceção da qualidade das instituições universitárias de Coimbra, e não apenas o interesse pelas festas académicas. Além disso, o ‘Ambiente académico e estudantil (ex: vida universitária, associações, núcleos, ...)’ também teve bastante peso da escolha de Coimbra com 61,68% dos inquiridos consideraram que teve influência elevada ou decisiva. A tradição académica, embora tenha tido para 51,71% dos inquiridos um papel elevado ou decisivo, não surge como fator principal para a escolha de Coimbra.

Embora a tradição académica não tenha sido o principal fator para a escolha de Coimbra (51,71%), o peso atribuído ao ambiente académico indica que a experiência académica, onde estão inseridos rituais, sociabilidade e vivência estudantil, desempenha um papel relevante na decisão dos estudantes. Desta forma, os rituais académicos parecem não atuar como um fator isolado de escolha, mas uma componente integral que é valorizada para o prosseguimento dos estudos.

Estes resultados estão em linha com o que a literatura indica, em que os rituais académicos funcionam como mecanismos de integração, pertença e construção de uma identidade coletiva (Frias, 2003; Estanque, 2016; Brown & Murphy, 2018).

6.3. Padrões de consumo de álcool em contexto académico

Como referido ao longo da dissertação, o consumo de álcool constitui uma dimensão essencial para a compreensão dos rituais e da experiência académica de Coimbra. Este surge associado a várias dinâmicas e práticas de integração e sociabilidade, sobretudo no início do percurso académico.

Assim, é importante não só analisar o seu consumo de forma isolada, mas também os seus padrões como: o período de maior intensidade, a sua frequência, o acontecimento de episódios de consumo intensivo (*binge drinking*) ou eventuais diferenças entre grupos. Esta análise visa compreender até que ponto o consumo de álcool se encontra normalizado no dia a dia da comunidade estudantil e qual papel nos processos de integração social.

6.3.1. Prevalência, pico e frequência de consumo de álcool

Tabela 7 – Consumo de álcool na amostra

Alguma vez consumiu bebidas alcoólicas durante o seu percurso académico em Coimbra?	N	%
Sim	302	94,1%
Não	19	5,9%

Tabela 8 – Período de pico de consumo de álcool em contexto académico (estudantes consumidores com entrada em Coimbra até 2022)

Em que momento do seu percurso académico em Coimbra considera que o seu consumo de bebidas alcoólicas foi mais elevado?	N = 190*	%
Início do período académico (Ano de caloiro)	71	37,37%
Meio do percurso académico	62	32,63%
Fase final do percurso académico (Ano de Finalista)	57	30,00%

*A análise considera apenas os estudantes que reportam consumo de álcool em contexto académico e que iniciaram o seu percurso académico em Coimbra até 2022.

Tabela 9 – Frequência de consumo de álcool

	Total (n = 321)	%	Masculino (n = 123)	%	Feminino (n = 197)	%
Nunca	19	5,92%	6	4,88%	13	6,60%
1 vez por mês ou menos	31	9,66%	3	2,44%	27	13,71%
2 a 4 vezes por mês	118	36,76%	37	30,08%	81	41,12%
2 a 3 vezes por semana	120	37,38%	52	42,28%	68	34,52%
4 ou mais vezes por semana	33	10,28%	25	20,33%	8	4,06%

O consumo de álcool surge como fenómeno praticamente universal à vida académica de Coimbra, com 94,1% dos inquiridos a reportarem o seu consumo durante o seu percurso académico (Tabela 7).

Em relação ao período de pico de consumo (Tabela 8), observa-se que a fase mais frequentemente identificada pelos inquiridos corresponde ao início do percurso académico (ano de caloiro) (37,37%), seguida do período a meio do percurso académico (32,63%) e pela fase final ou ano de finalista (30%). Estes resultados indicam que, embora o período inicial da vida académica assuma um papel relevante relativamente ao momento de maior intensidade de consumo de álcool, esse padrão não é exclusivo do ano de caloiro, verificando-se uma distribuição relativamente constante ao longo da vida académica.

Quanto à regularidade do consumo (Tabela 9), a vasta maioria dos inquiridos (84,42%) reporta um consumo pelo menos mensal no seu pico de maior consumo – “2 a 4 vezes por mês”, “2 a 3 vezes por semana” e “4 ou mais vezes por semana”. Paralelamente, uma proporção significativa dos inquiridos (47,66%) apresenta também um elevado consumo regular semanal – “2 a 3 vezes por semana” e “4 ou mais vezes por semana” – o que evidencia que as práticas de consumo de álcool são bastante recorrentes em contexto académico.

A maior incidência do pico de consumo no início da vida académica está de acordo com o que a literatura sugere, que identifica esta fase como especialmente relevante em termos de integração social, adaptação a uma nova fase da vida e participação nos rituais académicos, muitas vezes associadas ao consumo de álcool (Van Gennep, 1960; Turner, 1969; Brown & Murphy, 2018).

Essa tendência é particularmente evidente nos estudantes deslocados, cujo processo de adaptação é mais exigente e por isso tendem a recorrer com maior frequência a contextos sociais onde o álcool se encontra presente.

Esta dimensão ficou evidente também nas entrevistas realizadas. Por exemplo, Ricardo Reis, estudante deslocado, refere que o consumo de álcool ajuda “sempre mais (...) porque é mais fácil associar-te às pessoas”, facilitando sobretudo o processo de interação numa fase inicial. Da mesma forma, Almeida Garrett, estudante não deslocado, destaca que estes contextos permitem “conhecer muita gente”, enquanto Ana Luísa Amaral, estudante deslocada da FEUC, relaciona estes momentos com facilidade em criar ligações dentro do grupo.

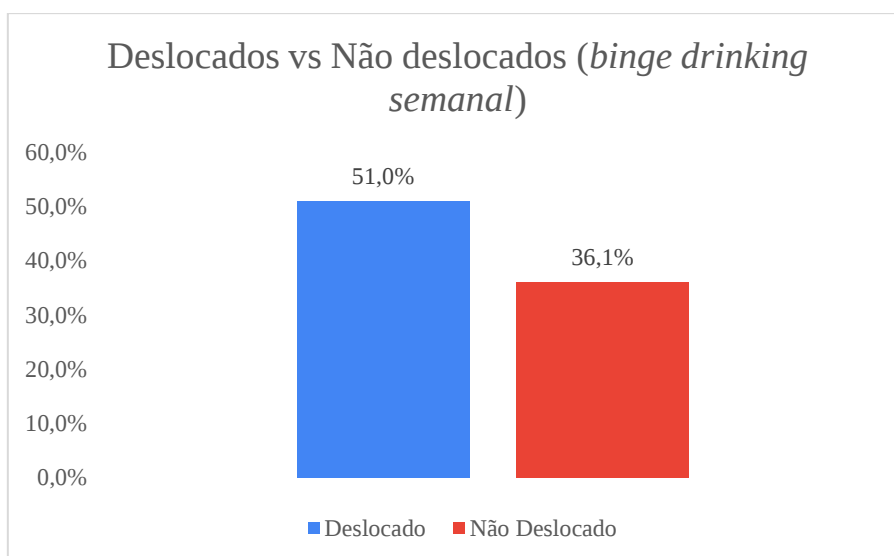
Assim, o consumo de álcool tende a assumir um papel de socialização e criação de laços na comunidade estudantil, principalmente nos primeiros momentos da vida universitária.

6.3.2. Consumo intensivo de álcool (*binge drinking*)

Tabela 10 – Frequência de episódios de *binge drinking* (consumo de 5 ou mais bebidas padrão numa ocasião para homens e 4 ou mais bebidas para mulheres)

	Total (n = 321)	%	Masculino (n = 123)	%	Feminino (n = 197)	%
Nunca	41	12,77%	11	8,94%	29	14,72%
Menos de 1 vez por semestre	25	7,79%	7	5,69%	18	9,14%
1 a 3 vezes por semestre	35	10,90%	7	5,69%	28	14,21%
1 vez por mês	33	10,28%	11	8,94%	22	11,17%
2 a 3 vezes por mês	73	22,74%	24	19,51%	49	24,87%
1 vez ou mais por semana	114	35,51%	63	51,22%	51	25,89%

Gráfico 1 - Consumo intensivo de álcool semanal entre estudantes deslocados e não deslocados



O consumo intensivo de álcool (*binge drinking*), definido como o consumo de 5 ou mais bebidas padrão numa ocasião pelos homens ou 4 ou mais nas mulheres, constitui um dos aspetos mais importantes na análise dos padrões de consumo de álcool em contexto académico.

Os resultados indicam uma forte prevalência deste fenómeno por parte dos estudantes de Coimbra no período de maior intensidade de consumo. Cerca de 35,51% dos estudantes (Tabela 10) reportam terem tido episódios semanais de *binge drinking* no período de maior consumo, sendo que esta percentagem aumenta para 68,53% quando considerados todos os inquiridos que referiram ter tido um episódio pelo menos uma vez por mês. Estes dados apontam para padrões de consumo regulares, o que sugere que estas práticas não ocorrem esporadicamente.

A elevada frequência de episódios de consumo intensivo sugere que o *binge drinking* pode assumir um carácter normalizado, fazendo parte das rotinas sociais dos estudantes de Coimbra. Esta evidência vai ao encontro do que diz a hipótese H2, apontando que o consumo intensivo de álcool não ocorre de maneira ocasional, mas sim como uma prática recorrente dentro do ambiente académico.

Esta interpretação vai ao encontro da literatura, que identifica o *binge drinking* como uma prática frequentemente integrada em contextos de sociabilidade, bem como à participação

de festas ou eventos académicos (Aguiar, 2023; Trigo & Santiago, 2022; Fernandes & Santiago, 2020; Aveiro, 2018; Agante, 2009).

Observam-se ainda diferenças relevantes quando se compara o consumo entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados (Gráfico 1). Entre os deslocados, mais de metade (51%) reporta episódios semanais de *binge drinking* no período de maior consumo, enquanto nos estudantes não deslocados esse valor é de 36,01%.

Esta diferença sugere que a condição de estudante deslocado pode estar associada a níveis mais elevados de consumo intensivo, o que vai ao encontro do que indica a hipótese H5. Estes resultados, possivelmente, poderão dever-se a uma maior exposição a contextos de socialização académica, bem como a uma menor supervisão parental.

Esta tendência é também observada nas entrevistas, em que alguns dos estudantes referem que ser deslocado facilita a participação na praxe e em convívios académicos, aumentando a exposição a possíveis momentos de consumo. Como referido por um dos entrevistados deslocados (Ricardo Reis), “ser deslocado (...) permite-te ir a mais coisas porque (...) tens a tua própria rotina”, ao contrário dos estudantes que vivem com os pais que têm rotinas mais restritas.

Para além disso, verificam-se diferenças entre os géneros, com os homens a apresentarem uma maior frequência de consumo intensivo, enquanto as mulheres apresentam padrões mais consistentes e distribuídos ao longo das diferentes categorias.

Estes resultados vão em parte ao encontro da hipótese H4, ao evidenciar diferenças nos padrões de consumo entre homens e mulheres, não só no que respeita à frequência, mas também quanto à intensidade. Esta diferença também está alinhada com a literatura, que aponta para uma prevalência de comportamentos de consumo intensivo de álcool no género masculino (Trigo & Santiago, 2022; Martin et al., 2020; Martins, 2012).

6.3.3. Contexto de consumo e tipo de bebidas

Tabela 11 – Consumo de álcool em contexto académico vs em contexto não académico

Em comparação com eventos em contextos não académicos, em eventos equiparáveis em contexto académico tende a beber...	N	%
Muito menos	44	13,71%
Um pouco menos	31	9,66%
Mais ou menos o mesmo	81	25,23%
Um pouco mais	70	21,81%
Muito mais	72	22,43%
Não se aplica	23	7,17%

Tabela 12 – Frequência de consumo de bebidas alcoólicas por tipo de bebida e por género

Bebida	Género	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre ou quase sempre	N
Cerveja	Masculino	8,94%	4,88%	4,88%	15,45%	65,85%	123
	Feminino	32,49%	8,12%	10,15%	19,29%	29,95%	197
Sidra/Somersby	Masculino	41,46%	31,71%	21,14%	4,88%	0,81%	123
	Feminino	26,90%	15,23%	27,92%	19,80%	10,15%	197
Shots/bebidas espirituosas	Masculino	12,20%	17,07%	25,20%	28,46%	17,07%	123
	Feminino	17,26%	5,58%	22,84%	29,95%	24,37%	197
Vinho/Sangria	Masculino	8,94%	12,20%	28,46%	35,77%	14,63%	123
	Feminino	10,66%	12,69%	27,41%	29,44%	19,80%	197
Bebidas mistas*	Masculino	15,45%	17,89%	21,14%	29,27%	16,26%	123
	Feminino	14,72%	13,20%	15,23%	28,93%	27,92%	197

*Bebidas mistas (bebidas espirituosas misturadas com refrigerantes ou outros ingredientes, como gin tónico, mojito, vodka laranja, whisky cola, ...)

No que respeita ao contexto de consumo académico (Tabela 11), apenas 23,37% dos inquiridos admitem consumir menos quando comparado com outros contextos não académicos, enquanto 44,24% admitem consumir “um pouco mais” ou “muito mais”. Estes resultados reforçam a ideia de que o ambiente universitário é propício ao consumo de álcool, e sugerem que está associado a momentos ritualizados e sociais que influenciam o seu consumo.

Para além disso, verifica-se um contraste quanto ao tipo de bebidas consumidas tanto no género masculino (homens) como no feminino (mulheres). Entre os homens, observa-se uma clara predominância pelo consumo de cerveja, onde 81,30% assumem que consomem “Frequentemente” ou “Sempre ou quase sempre” (Tabela 12). Em contraste, nas mulheres a cerveja é a bebida com maior rejeição, com 32,49% das inquiridas a admitirem que “Nunca” bebem cerveja, e menos de metade (49,29%) o fazem com regularidade – “Frequentemente” ou “Sempre ou quase sempre”.

Por outro lado, o género feminino apresenta maior tendência para o consumo de bebidas espirituosas (*shots*) e de bebidas mistas, com valores superiores nas categorias “Frequentemente” e “Sempre ou quase sempre” (Tabela 12).

A “Sidra/Somersby”, por sua vez, é uma bebida maioritariamente feminina, sendo significativamente consumida pelas mulheres e altamente rejeitada pelos homens – 41,46% dizem “Nunca” consumir. Já o vinho/sangria apresenta padrões de consumo mais equilibrado, havendo consumo relativamente semelhante entre os géneros (Tabela 12).

Estas diferenças vão ao encontro do que a literatura diz, onde os padrões de consumo não diferem apenas na frequência e intensidade, mas também no tipo de bebidas e no contexto que acontecem (Trigo & Santiago, 2022).

Assim, os resultados reforçam a hipótese H4, ao evidenciar que as diferenças entre homens e mulheres não se prendem só na frequência e na intensidade, como visto anteriormente, mas também ao tipo de bebidas consumidas, refletindo padrões de consumo distintos no contexto académico.

6.4. Significado atribuído aos rituais académicos e ao consumo de álcool

6.4.1. Significado do consumo de álcool em contexto académico

Tabela 13 – Perceções sobre o consumo de álcool

	1	2	3	4	5
Na minha perceção, o consumo de álcool facilita a integração social dos estudantes deslocados na vida académica em Coimbra	11,53%	16,51%	22,12%	42,06%	7,79%
Beber com colegas ajudou-me a criar amizades ou a fortalecer laços sociais durante o período académico	12,77%	14,95%	18,07%	38,01%	16,20%
Associo a experiência estudantil de Coimbra ao consumo de álcool	19,31%	21,81%	23,99%	27,10%	7,79%

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Nem concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

Tabela 14 – Frequência com que presenciou episódios de embriaguez evidente

	N	%
Nunca	13	4,05%
Raramente	27	8,41%
Algumas vezes	91	28,35%
Frequentemente	190	59,19%

Tabela 15 – Perceção sobre o que representa o consumo de álcool

	1	2	3	4	5
Uma forma de celebrar	6,23%	16,20%	15,26%	48,29%	14,02%
Um rito de passagem	9,03%	18,69%	23,05%	23,05%	23,05%
Um comportamento para estar ao nível do grupo	13,08%	23,99%	24,30%	31,78%	6,85%
Um "excesso" sem significado	9,03%	17,45%	29,60%	32,40%	11,53%
Um problema de saúde ou de comportamento	17,45%	28,97%	26,79%	20,56%	6,23%

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Nem concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

Tabela 16 – Importância dos rituais acadêmicos para a integração na vida acadêmica

	N	%
Muito importantes	105	32,71%
Importantes	145	45,17%
Pouco importantes	54	16,82%
Nada importantes	10	3,12%
Não participei	7	2,18%

Passando para as percepções atribuídas pelos estudantes (Tabela 13), cerca de metade dos inquiridos (49,85%) considera que o consumo de álcool tem um papel facilitador de integração social, principalmente dos estudantes deslocados. Inclusive, mais de metade (54,2%) reconhece que o ato de beber em contexto acadêmico ajudou na criação ou no fortalecimento de laços sociais.

Estes resultados são consistentes com a hipótese H1, ao sugerirem que o consumo de álcool não se limita a uma simples prática recreativa, e que constitui um elemento central de criação e fortalecimento de laços.

Paralelamente, 34,9% dos estudantes associam Coimbra ao consumo de álcool (Tabela 13), o que demonstra que, embora o álcool ajude a fortalecer laços, a maioria não o associa à identidade acadêmica, funcionando antes como um meio de interação social. Estes resultados estão alinhados com a literatura, que indica o consumo de álcool como um facilitador da integração social em contextos universitários (Brown & Murphy, 2018; Aresi et al., 2019; Gambles et al., 2021; Fenton et al., 2023).

Por outro lado, quase todos os estudantes já presenciaram, pelo menos uma vez, algum ato de embriaguez evidente (95,95%), sendo que mais de metade (59,19%) assume que viu estes episódios de forma frequente (Tabela 14). Esta ideia contrasta com a menor proporção que encara estes episódios como um problema de saúde ou de comportamento, o que revela que tais atos são vistos com normalidade por parte da comunidade estudantil (Tabela 15).

Adicionalmente, os dados indicam uma percepção ambivalente quanto ao consumo intensivo (Tabela 15). A maioria dos inquiridos vê o consumo intensivo como uma ‘forma de celebrar’, com 62,31% a dizerem que concordam ou concordam totalmente, embora

também exista uma proporção elevada que considera estes como um “excesso” sem qualquer significado (43,93%) ou um ‘rito de passagem’ (46,1%), o que demonstra que as interpretações destes rituais são heterogêneas. Esta diversidade de interpretações vai ao encontro da literatura que costuma identificar estes eventos como rituais de transição associados ao processo de integração ou mudanças na vida social (Van Gennep, 1960; Turner, 1969; Estanque, 2016, 2017a; Pereira & Lima, 2016; Harris et al., 2022), onde se observa a coexistência de muitos destes significados.

Esta heterogeneidade de significados também ficou bastante evidente nas entrevistas realizadas. Enquanto Ricardo Reis reconhece que pode ser visto como rito de passagem associado ao tempo da universidade [“(…) Se calhar um rito de passagem, afinal és adulto e consomes mais”], outros como Almeida Garrett e Guerra Junqueiro interpretam como sendo apenas “diversão” e convívio [“(…) é mais pela diversão do que qualquer outra coisa” – Almeida Garrett]. Por sua vez, alguns entrevistados associam estas práticas a dinâmicas de estatuto dentro do grupo [“já presenciei muitos casos em que beber muito era sinal de elevação” – Joana Bértholo; “É sinal de (...) que tem mais capacidade que os outros” – José Saramago], evidenciando a pluralidade de significados reconhecida até por alguns [“(…) é mais sobre diversão. Mas acredito que para outras pessoas possa significar outras coisas” – Ana Luísa Amaral].

Relativamente ao peso dos rituais académicos (Tabela 16), uma larga maioria dos inquiridos (77,88%) considera que os rituais académicos – como a Praxe, Queima das Fitas, Latada ou os jantares de curso – foram ‘Muito importantes’ ou ‘Importantes’ para a sua integração na vida académica de Coimbra. Essa importância é maior ainda nos estudantes deslocados, nos quais 83,94% consideram que foram ‘Muito importantes’ ou ‘Importantes’, do que nos estudantes não deslocados, em que apenas 56,94% atribuem tanta importância aos rituais.

Estes resultados estão em linha com a hipótese H5, segundo a qual os estudantes deslocados tendem a participar e a valorizar mais os rituais académicos enquanto mecanismos de integração do que os estudantes não deslocados, o que pode ajudar a compreender os padrões de consumo anteriormente observados.

Esta dimensão é corroborada pelas entrevistas, em que vários participantes admitem que os estudantes deslocados estão mais envolvidos nos rituais e nas atividades académicas. Inclusive, esta ideia é reforçada pelos deslocados José Saramago e Guerra Junqueiro que admitem que “as pessoas deslocadas vivem mais Coimbra do que as pessoas que são realmente de Coimbra”.

6.4.2. Normas sociais, pressão e diferenças entre grupos

Tabela 17 – Perceção dos estudantes/inquiridos sobre a existência de pressão ou exclusão social associada ao consumo de álcool (Total e por género)

	Total	Masculino (n = 123)	%	Feminino (n = 197)	%
Sim, claramente	20	6	4,88%	14	7,11%
Sim, mas de forma subtil	37	15	12,20%	22	11,17%
Raramente	106	35	28,46%	71	36,04%
Nunca	158	67	54,47%	90	45,69%

Nota: Percentagens calculadas dentro de cada grupo (pressão dentro dos homens e das mulheres)

No que respeita à pressão social (Tabela 17), quase metade (49,22%) afirmou que nunca sentiu pressão ou exclusão por consumir menos álcool do que os seus pares. Todavia, 50,78% admitiram que em alguma circunstância sofreram algum tipo de pressão, ainda que a maioria de forma subtil ou raramente.

Estes resultados sugerem a existência de normas implícitas, com base nas quais ocorrem comportamentos que são regulados não por imposição direta do grupo, mas por expectativas que os mesmos partilham. O mesmo aponta a literatura que destaca a utilização de mecanismos na regulação de comportamentos, não de forma coerciva, mas através de influência indireta (Harris et al., 2022; Thaler & Sunstein, 2024).

Estas normas implícitas são visíveis também nas entrevistas. Por exemplo, Ricardo Reis refere que ninguém é diretamente obrigado a beber, mas admite que “Há sempre um

bocadinho de pressão para beber porque é o que a maioria faz”, evidenciando as dinâmicas de grupo. Do mesmo modo, Almeida Garrett e Ana Luísa Amaral admitem a existência de pressão social, ainda que conheçam casos de pessoas que se divertem mesmo sem beber álcool. No entanto, alguns testemunhos revelam mecanismos de pressão informal dentro dos grupos. É o caso de José Saramago que considera que “uma pessoa que não queira beber não bebe”, contudo confessa que essa pressão existe dentro do seu próprio grupo [“Se tiverem amigos como aos meus sim, sem dúvida (...) É gozado 100%.” – Saramago].

Os testemunhos dos entrevistados revelam que a pressão social associada ao consumo de álcool não se trata apenas da dicotomia entre beber ou não beber, estando presente em outras formas do quotidiano, como comentários ou bocas recorrentes e incentivos dentro do próprio grupo [“se vemos um gajo com quem saímos, (...) e do nada está a beber pouco (...) também o puxamos um pouco.” – Ricardo Reis; “há sempre uma troçazinha, umas provocações.” – José Saramago; “No máximo houve assim uma piadinha e podem dizer: “Anda lá, bebe!”.” – Maria Judite de Carvalho].

Quando analisados os resultados por género (Tabela 17), observam-se algumas diferenças na perceção de pressão social associada ao consumo de álcool. As mulheres reportam maior nível de pressão social que os homens (54,31% vs. 45,53%). Por outro lado, a maioria dos homens (54,47%) reportou que ‘Nunca’ sofreu pressão por causa do consumo de álcool, ao passo que as mulheres esse valor foi de 45,69%.

No entanto, para avaliar a relevância destas diferenças, foi realizado um teste do qui-quadrado, não se verificando uma relação estatisticamente significativa entre o género da pessoa e a perceção de pressão social ($\chi^2 = 3,21$; $df = 3$; $p = 0,365$).

6.5. Tradição, autonomia e influência do grupo

Tabela 18 – Percepções dos estudantes sobre a tradição e a liberdade/autonomia

	1	2	3	4	5
As tradições académicas criam expectativas sociais que influenciam o consumo de álcool entre os estudantes	2,49%	9,35%	17,45%	52,02%	18,69%
Em contexto académico, o consumo de álcool é frequentemente influenciado pelo grupo	2,80%	9,97%	15,26%	54,83%	17,13%
Sinto que a decisão de beber ou não beber álcool em contextos académicos depende sobretudo de mim	0,93%	2,80%	8,10%	37,07%	51,09%

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Nem concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

Tabela 19 – Concordância com as afirmações sobre a tradição, influência grupal e autonomia individual por género (em %)

	Homens (4+5)	Mulheres (4+5)
As tradições académicas criam expectativas sociais que influenciam o consumo de álcool entre os estudantes	67,48%	72,59%
Em contexto académico, o consumo de álcool é frequentemente influenciado pelo grupo	66,67%	75,63%
Sinto que a decisão de beber ou não beber álcool em contextos académicos depende sobretudo de mim	87,80%	88,32%

Nota: as percentagens correspondem à soma do “Concordo” e “Concordo Totalmente” (4 e 5). A análise por género exclui a resposta “Outro”.

Tabela 20 – Concordância com as afirmações sobre a tradição, influência grupal e autonomia individual por geração (em %)

	Geração Não Z	Geração Z
As tradições académicas criam expectativas sociais que influenciam o consumo de álcool entre os estudantes	53,85%	75,00%
Em contexto académico, o consumo de álcool é frequentemente influenciado pelo grupo	78,46%	70,31%
Sinto que a decisão de beber ou não beber álcool em contextos académicos depende sobretudo de mim	90,77%	87,50%

Nota: as percentagens correspondem à soma do “Concordo” e “Concordo Totalmente” (4 e 5). Geração não Z reporta a todos os inquiridos nascidos antes de 1997.

No que respeita à relação entre tradição e autonomia individual (Tabela 18), os dados revelam um cenário relevante. Uma larga maioria dos inquiridos (70,7%) considera que as tradições criam expectativas que influenciam o consumo de álcool entre os estudantes, e 72% reconhecem que este consumo é influenciado pelo grupo.

Simultaneamente, uma maioria expressiva (88,2%) afirma que a decisão de beber ou não beber em contextos académicos parte do próprio indivíduo (Tabela 18).

Numa primeira leitura, estes resultados poderiam indicar uma contradição entre autonomia individual e influência grupal. Porém, os dados apontam mesmo para a coexistência entre ambos os fenómenos. Os estudantes reconhecem a existência de dinâmicas grupais e expectativas coletivas, mas não consideram que estas anulam a sua capacidade de decisão no ato de beber álcool.

A análise por género (Tabela 19) mostra diferenças moderadas sobre as perceções associadas à tradição e à influência do grupo na autonomia da escolha de beber ou não álcool. As mulheres apresentam um maior nível de concordância em relação aos homens, quer no que respeita ao facto de as tradições criarem expectativas sociais que influenciam o consumo de álcool (72,59% nas mulheres vs. 67,48% nos homens) quer que o consumo é influenciado pelo grupo (75,63% vs. 66,67%). No que diz respeito à decisão de beber, ambos os géneros consideram em larga maioria que a escolha depende somente do indivíduo.

Na análise por gerações verificam-se igualmente algumas diferenças interessantes (Tabela 20). No que se refere às tradições criarem expectativas que influenciam o consumo de álcool, a Geração Z possui maior concordância (75% vs. 53,85%), enquanto que as gerações anteriores reportam maior concordância que o consumo de álcool é influenciado pelo grupo (78,46% vs. 70,31%). Todavia, nas diferentes gerações continua a existir a percepção de uma autonomia individual muito elevada na decisão de consumo de álcool.

Este resultado aponta para uma interiorização das normas culturais, em que as expectativas coletivas deixam de ser reconhecidas como imposições externas e passam a ser vistas no âmbito da decisão individual. Neste contexto, a tradição não elimina a autonomia individual, mas ajuda a moldar o contexto dentro do qual essa autonomia é exercida. Estes valores vão ao encontro do que é apontado pela literatura, em que os indivíduos tendem a adotar comportamentos condicionados por normas e expectativas sociais, mesmo que estas não impeçam diretamente a liberdade de escolha (Harris et al., 2022; Thaler & Sunstein, 2024).

6.6. Regulação institucional, patrocínios e medidas de mitigação

6.6.1. Percepção de regulação institucional

Tabela 21 - Conhecimento sobre medidas institucionais referentes ao consumo de álcool

	N	%
Sim	60	18,69%
Não	261	81,31%

Tabela 22 – Opinião sobre a eficácia da atuação das instituições do ensino superior de Coimbra na gestão de riscos associados ao consumo de álcool

	N	%
Muito eficaz	2	0,62%
Eficaz	13	4,05%
Nem muito nem pouco	63	19,63%
Pouco eficaz	54	16,82%
Ineficaz	43	13,40%
Não tenho conhecimento suficiente para avaliar	146	45,48%

Quanto ao enquadramento institucional (Tabela 21), os dados indicam uma fraca perceção de regulação institucional. Apenas 18,69% dos inquiridos afirmam conhecer alguma medida institucional sobre o consumo de álcool em atividades ou festas estudantis, enquanto 81,31% afirmam não terem qualquer conhecimento.

Estes resultados sugerem uma baixa visibilidade ou conhecimento, por parte dos estudantes, de eventuais orientações formais existentes. Além disso, podem indicar uma fraca visibilidade institucional nesta questão ou a presença de uma cultura de consumo de álcool que afasta este problema como prioritário.

Já quando questionados sobre a eficácia da atuação das instituições universitárias no combate e na mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool (Tabela 22), somente 4,67% consideram esta atuação como ‘Muito eficaz’ ou ‘Eficaz’. Paralelamente, 30,22% classificam-na como ‘Pouco eficaz’ ou ‘Ineficaz’, e quase metade dos inquiridos (45,48%) julgam não possuir conhecimento suficiente para avaliar.

Esta avaliação reforça a ideia de um possível distanciamento institucional e baixa centralidade do tema no debate público.

6.6.2. Patrocínios e legitimação simbólica

Tabela 23 – Avaliação sobre a presença de marcas de bebidas alcoólicas como patrocinadores de grandes festas académicas (Ex: Queima das Fitas)

	N	%
Positiva	92	28,66%
Neutra	123	38,32%
Negativa	36	11,21%
Não tenho opinião	70	21,81%

A presença de marcas de bebidas alcoólicas (ex: Super Bock) como patrocinadoras de grandes eventos académicos (ex: Queima das Fitas) é percecionada pelos estudantes de forma maioritariamente neutra ou positiva (Tabela 23). No total, 28,66% avaliam a presença de forma positiva, 38,32% de forma neutra e 21,81% assumem não ter opinião. Apenas 11,21% consideram estes patrocínios como algo negativo.

Com base nestes dados, podemos considerar que, de forma geral, não existe uma percepção negativa significativa em relação à presença da indústria de bebidas alcoólicas nos eventos académicos. Ainda que não se possa afirmar diretamente a existência de um processo de legitimação, a ausência de uma oposição por parte da maioria dos estudantes pode contribuir para o processo de normalização da associação entre consumo de álcool e tradição académica.

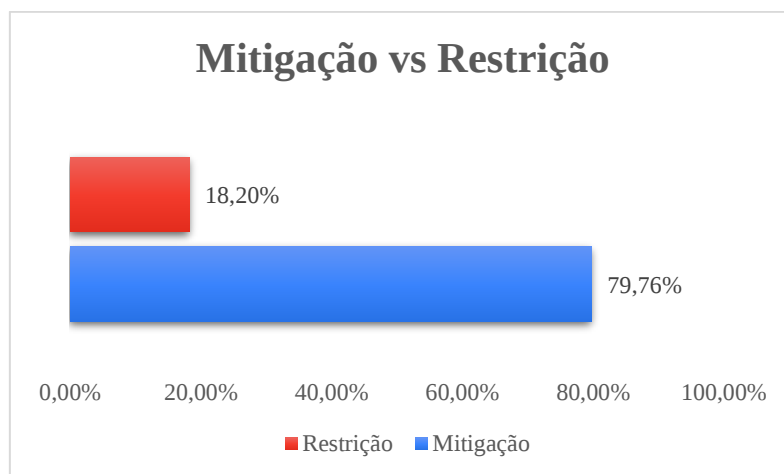
6.6.3. Medidas institucionais

Tabela 24 – Opinião dos estudantes sobre medidas institucionais de mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool

	Total (n = 588*)	%
Regras institucionais mais exigentes para a organização de eventos acadêmicos por núcleos e associações	55	9,35%
Campanhas de sensibilização sobre consumo responsável	154	26,19%
Restrições à venda de bebidas com elevado teor alcoólico em eventos acadêmicos	52	8,84%
Presença de equipas de apoio e primeiros socorros em grandes eventos acadêmicos	185	31,46%
Obrigatoriedade de disponibilização de água e comida de forma gratuita em festas académicas, mesmo que implique custos adicionais para a organização	130	22,11%
Nenhuma destas medidas (Se seleccionar esta não seleccione outras)	12	2,04%

*Nota: eram permitidas serem seleccionadas até 2 medidas por inquirido

Gráfico 2 - Opção de escolha por medidas de mitigação vs medidas de restrição



Relativamente às medidas consideradas mais aceitáveis para reduzir os riscos associados ao consumo de álcool (Gráfico 2; Tabela 24), constata-se uma clara preferência por medidas que mitiguem os danos (79,76%), como campanhas de sensibilização, presença

de equipas de suporte e primeiros socorros ou disponibilização de água e comida de forma gratuita, em detrimento de medidas de âmbito mais restritivo (18,20%), como regras mais rígidas ou limitações à venda de bebidas alcoólicas.

Importa destacar que esta questão permitia múltiplas respostas pelo que estes valores são referentes à distribuição das opções assinaladas e não à percentagem de estudantes (Tabela 24).

Este resultado indica que, embora haja reconhecimento por parte dos inquiridos de riscos associados ao consumo intensivo de álcool, a vasta maioria não demonstra interesse em medidas de carácter proibitivo ou que impliquem limitações diretas à sua liberdade individual.

Esta tendência está alinhada com a literatura, que sugere que intervenções indiretas ou leves tendem a ser mais eficazes e socialmente mais aceites do que medidas de carácter coercivo ou restritivo, principalmente em contextos marcados por fortes tradições académicas que influenciam os comportamentos de consumo (Thaler & Sunstein, 2024).

6.6.4. Teste de hipótese – H3a e H3b

H3a: Estudantes que atribuem maior importância à tradição académica tendem a percecionar medidas institucionais de carácter mais restritivo (por exemplo, limitações à venda de álcool) como menos legítimas.

Tabela 25 – Importância dos rituais académicos para a integração na vida académica (Muito Importantes e Importantes)

	N	%
Muito importantes	105	32,71%
Importantes	145	45,17%

Tabela 26 – Opinião dos estudantes sobre medidas institucionais de mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool (Alto envolvimento com a tradição)

Medidas aceitáveis face ao alto envolvimento com a tradição	N	%
Regras institucionais mais exigentes para a organização de eventos académicos por núcleos e associações	40	16,00%
Restrições à venda de bebidas com elevado teor alcoólico em eventos académicos	31	12,40%
Campanhas de sensibilização sobre consumo responsável	126	50,40%
Presença de equipas de apoio e primeiros socorros em grandes eventos académicos	151	60,40%
Obrigatoriedade de disponibilização de água e comida de forma gratuita em festas académicas, mesmo que implique custos adicionais para a organização	103	41,20%

H3b: Estudantes que possuam menor envolvimento nos rituais académicos e nas práticas festivas tendem a perceber medidas institucionais de mitigação de danos (por exemplo, campanhas de sensibilização) como mais legítimas.

Tabela 27 – Importância dos rituais académicos para a integração na vida académica (Pouco Importantes e Nada importantes)

	N	%
Pouco importantes	54	16,82%
Nada importantes	10	3,12%

Tabela 28 – Opinião dos estudantes sobre medidas institucionais de mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool (Baixo envolvimento com a tradição)

Medidas aceitáveis com estudantes pouco envolvidos nos rituais	N	%
Campanhas de sensibilização sobre consumo responsável	26	40,63%
Presença de equipas de apoio e primeiros socorros em grandes eventos académicos	33	51,56%
Obrigatoriedade de disponibilização de água e comida de forma gratuita em festas académicas, mesmo que implique custos adicionais para a organização	25	39,06%
Regras institucionais mais exigentes para a organização de eventos académicos por núcleos e associações	13	20,31%
Restrições à venda de bebidas com elevado teor alcoólico em eventos académicos	17	26,56%

No que respeita à hipótese H3a, que propõe que estudantes que atribuem maior importância à tradição académica tendem a percecionar medidas de âmbito mais restritivo como menos legítimas, os dados sugerem uma associação entre ambas as variáveis (Tabelas 25 e 26).

Entre os estudantes que atribuem uma elevada importância à tradição e cultura académica, apenas 28,4% demonstram apoio a medidas de carácter mais restritivo, como regras mais rígidas e limitações à venda de bebidas alcoólicas. Este valor sugere uma predisposição menor para intervenções de âmbito mais regulatório. Contudo, quando comparado com estudantes menos envolvidos nos rituais académicos, a diferença observada é moderada, indicando que a rejeição deste tipo de medidas não é absoluta, mas não constitui a posição predominante entre os inquiridos.

Deste modo, os resultados tendem a aproximar-se parcialmente da H3a, sugerindo que um maior envolvimento com a tradição e os rituais académicos está associado a uma menor predisposição de medidas de carácter restritivo.

Relativamente a H3b, que propõe que estudantes com menor envolvimento nos rituais académicos tendem a percecionar medidas de mitigação de risco como mais legítimas, os dados não evidenciam uma associação clara entre as variáveis (Tabelas 27 e 28).

Observa-se que o apoio por medidas de mitigação de danos, como campanhas de sensibilização, presença de equipas de socorro ou disponibilização de água e comida, é elevado em ambos os grupos, independentemente do grau de envolvimento com a tradição académica. Desta forma, os dados sugerem que este tipo de intervenção é amplamente legitimado pelos estudantes.

Assim, a hipótese H3b não encontra suporte nos resultados obtidos, não sendo possível estabelecer uma relação clara entre o menor envolvimento na vida académica e a maior aceitação de medidas de mitigação de danos.

6.7. Síntese dos resultados das hipóteses e das perguntas de investigação

De forma geral, os resultados permitem identificar padrões consistentes entre o consumo de álcool, integração social e dinâmicas no contexto universitário, demonstrando a sua importância no meio académico de Coimbra.

No que diz respeito a PI1, os dados indicam que o consumo de álcool é amplamente percecionado como um facilitador da integração social, contribuindo para o reforço de laços e para o sentimento de pertença. Essa sensação é ainda maior nos estudantes deslocados, para os quais estes contextos se revelam parte essencial da vida académica.

Quanto à PI2, verifica-se que o consumo de álcool não é percecionado de forma homogénea, assumindo diversos significados. Para alguns estudantes está associado a momentos de diversão e convívio, enquanto para outros pode ser visto como um rito de passagem ou até mesmo significado de estatuto dentro do grupo. Esta diversidade evidencia a complexidade que os significados das práticas de consumo têm dentro do contexto académico.

Relativamente a PI3, os resultados indicam que existe uma fraca perceção do papel das instituições universitárias na gestão e mitigação dos riscos associados ao consumo de álcool. A maioria dos estudantes revela não ter conhecimento de normas institucionais e tendem a avaliar a sua eficácia de forma muito limitada, o que sugere distanciamento institucional face ao tema.

No que toca às hipóteses, os resultados não infirmam H1, apontando que uma maior participação nos rituais académicos associados ao consumo de álcool está relacionada

também a uma maior integração e coesão grupal. Já H2 não é rejeitada, dado que a percepção do consumo intensivo como comportamento normalizado está associada à sua maior frequência.

Relativamente à H3a, esta é parcialmente sustentada pelos dados, uma vez que estudantes que valorizam mais a tradição e vida académica tendem a rejeitar mais medidas institucionais de carácter restritivo. Enquanto H3b é rejeitada, dado que as medidas de mitigação de danos tendem a possuir uma aceitação transversal, independentemente da ligação aos rituais.

Quanto a H4, observam-se algumas diferenças nos padrões de consumo entre os homens e as mulheres, principalmente no tipo de bebida, na frequência de episódios de *binge drinking* e na percepção de pressão social. No entanto, no caso da pressão social, essas diferenças não se revelam estatisticamente relevantes, o que obriga a uma análise mais aprofundada sobre o fenómeno.

Por fim, relativamente à hipótese H5, não é rejeitada, evidenciando que os estudantes deslocados tendem a participar mais e a atribuir maior importância aos rituais académicos, estando também associados a níveis mais elevados de consumo de álcool.

7. Conclusões finais

7.1. Síntese da investigação

Em termos gerais, a presente investigação permitiu observar que o consumo de álcool em contexto académico em Coimbra não pode ser reduzido somente a um comportamento individual de natureza recreativa. Trata-se, pelo contrário, de uma prática social fortemente enraizada nos rituais académicos, nas dinâmicas grupais e na própria experiência universitária, intrinsecamente ligada à tradição académica da cidade.

Ao longo do estudo, ficou evidente que a tradição académica, a experiência estudantil e as festas académicas constituem momentos que ultrapassam o simples ato de beber, funcionando como espaços de integração, de celebração e fortalecimento de relações sociais.

Os resultados da investigação evidenciam que os rituais académicos parecem assumir um papel central na experiência universitária de Coimbra, sobretudo entre os estudantes deslocados, para os quais constituem mecanismos fundamentais na adaptação ao novo meio académico e na criação de redes sociais.

Além disso, verificou-se que o consumo de álcool é amplamente banalizado no meio académico da cidade, estando associado a momentos de diversão, convívio, integração e coesão grupal. Contudo, esta normalização não elimina as tensões sociais existentes, principalmente entre liberdade individual e influência do grupo. Os dados recolhidos sugerem que, embora os estudantes reconheçam a existência de expectativas coletivas e de pressão social por parte dos pares, a decisão de beber ou não beber álcool continua a ser percecionada como fazendo parte da esfera individual. Assim, observa-se uma coexistência entre autonomia individual e condicionamento social.

Do ponto de vista institucional, os resultados apontam para uma perceção generalizada de fraca atuação institucional na gestão de riscos associados ao consumo de álcool. Ao mesmo tempo, verifica-se uma maior aceitação por medidas de mitigação de danos – como campanhas de sensibilização, referidas, inclusive, nas entrevistas por participantes como Maria Judite de Carvalho, estudante deslocada, e Sophia de Mello Breyner, antiga estudante não deslocada, – em detrimento de medidas de carácter mais restritivo. Esta

evidência sugere que intervenções leves, ou *nudges* ajustados ao contexto cultural poderão revelar-se mais eficazes (Thaler & Sunstein, 2024).

Desta forma, os resultados sugerem que, na perspetiva dos inquiridos, a autonomia individual tende a ser valorizada, sendo as intervenções percecionadas como mais legítimas quando associadas a medidas de mitigação e prevenção de riscos. Em contrapartida, medidas de carácter restritivo, como a proibição ou limitação de venda de bebidas alcoólicas, tendem a ser menos bem aceites. Esta leitura aproxima-se do princípio do dano (Mill, 1859), segundo o qual medidas orientadas para a prevenção de danos tendem a ser vistas como mais legítimas do que limitações diretas à liberdade individual.

Em síntese, a presente investigação procurou contribuir com uma análise mais ampla do fenómeno do álcool no contexto académico em Coimbra, evidenciando a sua natureza social, comportamental e cultural. O fenómeno não pode ser interpretado através de uma ótica exclusivamente de responsabilidade individual, nem reduzido a apenas um problema social e de saúde pública. Pelo contrário, exige uma abordagem multidisciplinar capaz de reconhecer as tensões existentes entre liberdade individual, tradição académica e responsabilidade institucional.

7.2. Limitações

Apesar dos contributos apresentados, a presente investigação sofre de algumas limitações que importa realçar.

Em primeiro lugar, ao nível da metodologia, o estudo baseia-se numa abordagem mista que recorre principalmente a inquéritos por questionário e entrevistas semiestruturadas. Embora esta combinação enriqueça a análise, não sendo comum este tipo de abordagem na maioria da literatura sobre o tema, os dados baseiam-se em grande medida em perceções e autorrelatos dos participantes, podendo sofrer enviesamentos consoante as suas convicções individuais e memórias dos acontecimentos (Agante, 2009; Aguiar, 2023).

Em segundo lugar, no domínio empírico, importa realçar que a amostra não representa o universo total dos estudantes universitários, sendo composta por estudantes ou ex-estudantes de Coimbra, com incidência maior em determinados cursos ou instituições. Além disso, acresce o facto de a participação no estudo ter sido realizada de forma

voluntária, e, como a literatura indica, pode levar a um viés de autosseleção, na medida em que estudantes mais interessados no tema estariam, consequentemente, mais predispostos a participar (Agante, 2009; Martins et al., 2010; Aveiro, 2018; Caetano et al., 2019).

Adicionalmente, o estudo incidiu sobre um caso muito específico, ou seja, o contexto académico de Coimbra, marcado por uma tradição académica única. Esta singularidade dificulta a sua transposição direta para outros contextos universitários, quer a nível nacional quer internacional, onde as dinâmicas sociais e a cultura académica associada ao consumo de álcool são bastante distintas.

Outra limitação prende-se com o estado da literatura sobre o consumo de álcool em contexto académico. Embora a investigação sobre o tema tenha vindo a crescer, continua a ser muito limitada, sendo apontada a necessidade de maior aprofundamento desta temática (D'Alessandro et al., 2023; Bonsu et al., 2024), principalmente em Portugal (Agante, 2009; Carvalho, 2010; Martins, 2012; Aveiro, 2018; Caetano et al., 2019; Trigo & Santiago, 2022).

Para além disso, como tem sido apontado na literatura, a ausência de investigação de âmbito longitudinal limita bastante a análise da evolução dos padrões de consumo ao longo do percurso académico (Brown & Murphy, 2018; Gambles et al., 2021; Fenton et al., 2023). Neste sentido, a presente investigação, por ser transversal, não permite captar eventuais mudanças de comportamento dos estudantes ao longo do tempo.

Por último, a própria natureza multidisciplinar da investigação constitui por si só uma limitação. Embora a articulação entre diferentes áreas como filosofia, economia, sociologia e outras ciências sociais enriqueça a análise, pode dificultar o aprofundamento de uma única perspetiva teórica ou científica.

7.3. Implicações e aplicações

Os resultados desta investigação indicam que o consumo de álcool em contexto académico deve ser compreendido como uma prática social e culturalmente enraizada, associada às dinâmicas de integração e aos rituais académicos (Van Gennep, 1960; Turner, 1969; Frias, 2003; Estanque, 2007, 2016). Portanto, medidas institucionais que

pretendam ser eficazes devem evitar abordagens exclusivamente restritivas, procurando ajustar estratégias à realidade e ao contexto de Coimbra.

Em termos práticos, os dados apontam para uma maior aceitação de medidas de mitigação de riscos, como campanhas de sensibilização – referidas, inclusive, por entrevistados como Maria Judite de Carvalho e Sophia de Mello Breyner –, presença de equipas de apoio e a disponibilização de água e comida de forma gratuita. De acordo com a literatura, intervenções comportamentais como *nudges* (Thaler & Sunstein, 2024) e estratégias baseadas em mensagens preventivas (Riordan et al., 2017) surgem como alternativas às medidas de âmbito restritivo.

Do ponto de vista institucional, a universidade, a Associação Académica de Coimbra e outras instituições ligadas aos estudantes podem desempenhar um papel central na promoção de contextos mais seguros, funcionando como um contrapeso que permita equilibrar a tradição com a redução de riscos. Esta intervenção deve centrar-se na prevenção de danos a terceiros, mas assegurando, simultaneamente, a liberdade individual (Mill, 1859).

Em suma, o objetivo não passa por “matar o ambiente de festa”, característico de Coimbra, mas sim encontrar um equilíbrio que promova ambientes mais seguros e sustentáveis.

7.4. Recomendações para investigações futuras

Apesar das limitações apresentadas anteriormente, a presente investigação abre portas para que futuros estudos possam aprofundar o consumo de álcool em contexto académico de forma mais diversificada.

Em primeiro lugar, torna-se importante o desenvolvimento de mais estudos em Portugal com um cariz multidisciplinar. Para além da escassez de literatura sobre o tema no nosso país, a maioria dos estudos foca-se essencialmente nas áreas da saúde e da psicologia (Aguiar, 2023; Trigo & Santiago, 2022; Fernandes & Santiago, 2020; Aveiro, 2018; Rodrigues et al., 2014; Martins et al., 2010), pelo que contributos na área da sociologia, economia, filosofia política ou outras ciências sociais poderão ser úteis para uma compreensão mais aprofundada deste fenómeno. Por exemplo, analisar o impacto económico do consumo de álcool no contexto académico, nomeadamente a nível das

atividades estudantis, estabelecimentos locais (como bares e restaurantes) e festas académicas, cujo peso económico no contexto universitário é muitas vezes reconhecido, mas pouco explorado na literatura (Agostinho, 2024; Teixeira, 2021). Esta análise deveria ter em conta também os custos económicos e sociais associados, nomeadamente a pressão sobre as urgências e os serviços hospitalares, bem como sobre as forças de segurança durante os períodos festivos.

Em segundo lugar, a nível metodológico, futuras investigações poderão beneficiar-se da diversificação de instrumentos de recolha de dados ao optar por estratégias mistas ou qualitativas. Embora a nível internacional já existam estudos com abordagens qualitativas (Brown & Murphy, 2018; Fenton et al., 2023), em Portugal continuam a predominar estudos de natureza quantitativa (Aguiar, 2023; Trigo & Santiago, 2022; Martins et al., 2010), o que limita uma compreensão a fundo das experiências e significados ao consumo de álcool.

Adicionalmente, seria pertinente analisar este fenómeno noutros contextos universitários, tanto a nível nacional como internacional, promovendo estudos comparativos entre instituições superiores. No entanto, estas análises deverão ter em consideração as diferenças culturais e sociais entre as universidades. Variáveis como estatuto socioeconómico dos estudantes ou a dimensão do meio académico poderão vir a ser relevantes, uma vez que influenciam os padrões de consumo e as dinâmicas de coesão grupal (Magalhães et al., 2024).

Além disso, o recurso a estudos de natureza longitudinal permitiria também perceber a evolução dos padrões de consumo ao longo do percurso académico, identificando possíveis mudanças de comportamento durante a experiência universitária (Brown & Murphy, 2018; Aresi et al., 2019; Worsley et al., 2021).

E por fim, seria igualmente interessante alargar a temática à própria sociedade portuguesa. Portugal é, segundo a OECD (2025), um dos países com maior nível de consumo de álcool. Todavia, alguns estudos e reportagens recentes (The New York Times, 2025; Time, 2025) indicam que as gerações mais novas têm vindo a consumir menos álcool, pelo que uma análise do fenómeno seria justificada para aprofundar estas mudanças.

Referências Bibliográficas

- Agante, D. M. C. (2009). *Comportamentos relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas durante as festas académicas nos estudantes do ensino superior* [Dissertação de mestrado em Saúde Pública, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra].
- Agostinho, N. P. (2024). *Perceções e atitudes relativas à Queima das Fitas: Uma análise comparativa entre residentes e visitantes* [Dissertação de mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].
- Aguiar, E. F. (2023). *Alcohol consequences and binge drinking of Portuguese college students: The role of college life alcohol salience, drinking motives, and protective behavior strategies* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra].
- Almeida, L. S., Casanova, J. R., Fernández, M. F. P., Reppold, C. T., & Gonzalez, M. S. R. (2020). Validity studies of the scale of positive and negative perceptions about alcohol effects. *Revista de Saúde Pública*, 54, 52. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001811>
- Aresi, G., Moore, S., Berridge, D., & Marta, E. (2019). A longitudinal study of European students' alcohol use and related behaviours as they travel abroad to study. *Substance Use & Misuse*, 54(4), 587–598.
- Associação Académica de Coimbra. (s.d.-a). *Festa das Latas*. Académica.pt. Acesso em 16 de setembro de 2025: <https://academica.pt/festas-academicas/festa-das-latas/>
- Associação Académica de Coimbra. (s.d.-b). *Queima das Fitas*. Académica.pt. Acesso em 16 de setembro de 2025: <https://academica.pt/festas-academicas/queima-das-fitas/>
- Associação Académica de Coimbra. (s.d.-c). *História política*. Académica.pt. Acesso em 8 de maio de 2026: <https://academica.pt/historiapolitica/>
- As Beiras. (2025, 3 de junho). *Coimbra: Queima das Fitas recebeu 220 mil pessoas*. Acesso em 12 de dezembro de 2025: <https://www.asbeiras.pt/coimbra-queima-das-fitas-recebeu-220-mil-pessoas/>

- Aveiro, A. S. D. (2018). *Álcool e qualidade de vida na população universitária de Coimbra* [Trabalho final do Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra].
- Bonsu, L., Kumra, P., Awan, A., & Sharma, M. (2024). A systematic review of binge drinking interventions and bias assessment among college students and young adults in high-income countries. *Cambridge Prisms: Global Mental Health*, 11, e33. <https://doi.org/10.1017/gmh.2024.24>
- Brown, R., & Murphy, S. (2018). Alcohol and social connectedness for new residential university students: Implications for alcohol harm reduction. *Journal of Further and Higher Education*, 42(2), 216–230. <https://doi.org/10.1080/0309877X.2018.1527024>
- Bryman, A. (2016). *Social research methods*. Oxford University Press.
- Cabral, L. do R. (2007). *Consumo de bebidas alcoólicas em rituais/praxes académicas* [Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto].
- Carvalho, F. N. (2010). *Hábitos alcoólicos dos estudantes do Mestrado Integrado em Medicina da Universidade da Beira Interior* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior].
- Caetano, A. P., Rodrigues, P., Louceiro, J., & Baía, J. (2019). Caracterização do perfil de consumo de álcool em contextos académicos de Aveiro. *Adictologia*, 5, 14–25.
- Costa, A., Figueiredo, J., Monteiro, P., Costa, S., & Xavier, S. (2016). Caracterização dos padrões de consumo de álcool em estudantes da Universidade de Aveiro. *Interacções*, 42, 112–124.
- Coutinho, C. P. (2022). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2.^a ed.). Almedina.
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (5th ed.). SAGE Publications.
- Cunha Filho, H., & Ferreira-Borges, C. (2008). *Uso de substâncias: Álcool, tabaco e outras drogas – Gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Coisas de Ler Edições.

Cunha Filho, H. T. da. (2016). *Políticas do álcool em Portugal no contexto europeu: Determinantes para a tomada de decisões e desenvolvimento de medidas em saúde pública* [Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa].

D'Alessandro, S., Carter, L., & Webster, C. (2023). Binge drinking: A review and research agenda. *Journal of Consumer Behaviour*, 22(1), 177–198.

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (s.d.). *Vagas e inscritos* [Dados estatísticos]. DGEEC. Acesso em 18 de novembro de 2025: <https://www.dgeec.medu.pt/art/ensino-superior/estatisticas/vagas-e-inscritos/652fba6bbd5c2b00958292c4>

Direção-Geral do Ensino Superior. (s.d.). *Complemento de alojamento* [Página institucional]. Acesso em 16 de setembro de 2025: <https://www.dges.gov.pt/pt/faq/complemento-de-alojamento>

El Ansari, W., Salam, A., & Suominen, S. (2020). Is alcohol consumption associated with poor perceived academic performance? Survey of undergraduates in Finland. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(4), 1369. <https://doi.org/10.3390/ijerph17041369>

English, T., Davis, J., Wei, M., & Gross, J. J. (2017). Homesickness and adjustment across the first year of college: A longitudinal study. *Emotion*, 17(1), 1–5. <https://doi.org/10.1037/emo0000235>

Estanque, E. (2007). A tradição e o movimento estudantil na Universidade de Coimbra. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciências Sociais*, 16(2), 1–22.

Estanque, E. (2016). *Praxes e tradições académicas*. Almedina.

Estanque, E. (2017a). A práxis do trote: Breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. *Sociologia & Antropologia*, 7(2), 429–458. <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v725>

Estanque, E. (2017b). The building of consent: Initiation rituals and students' power relations in the University of Coimbra. *Sociology and Anthropology*, 5(10), 823–835. <https://doi.org/10.13189/sa.2017.051003>

- Fenton, L., Fairbrother, H., Whitaker, V., Henney, M., Stevely, A., & Holmes, J. (2023). ‘When I came to university, that’s when the real shift came’: Alcohol and belonging in English higher education. *Journal of Youth Studies*, 27(7), 1006–1022. <https://doi.org/10.1080/13676261.2023.2190013>
- Fernandes, R. R. N., & Santiago, L. M. (2020). *Fatores preditivos do consumo de bebidas alcoólicas em festas académicas na população universitária de Coimbra* [Trabalho final de mestrado integrado em Medicina]. Universidade de Coimbra.
- Ferreira, J. A., Martins, J. S., Coelho, M. S., & Kahler, C. W. (2014). Validation of the Brief Young Adult Alcohol Consequences Questionnaire (B-YAACQ): Portuguese version. *The Spanish Journal of Psychology*, 17, e71. <https://doi.org/10.1017/sjp.2014.74>
- Figueiredo, H., Portela, M., Sá, C., Cerejeira, J., Almeida, A., & Lourenço, D. (2017). *Benefícios do ensino superior*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research* (4th ed.). SAGE Publications.
- Frias, A. (2003). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 81–116.
- Gambles, N., Porcellato, L., Fleming, K. M., & Quigg, Z. (2021). “If you don’t drink at university, you’re going to struggle to make friends”: Prospective students’ perceptions around alcohol use at universities in the United Kingdom. *Substance Use & Misuse*, 57(2), 249–255. <https://doi.org/10.1080/10826084.2021.2002902>
- Grácio, J., Agante, D., Couto, A., Brito, I., & Rodrigues, V. (2010). Cultura académica e consumos de álcool: Conhecer para intervir. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 259–266.
- Harris, M., Jones, C., & Brown, D. (2022). Alcohol use by athletes: Hierarchy, status, and reciprocity. *Journal of Sport and Social Issues*, 47(3), 277–300. <https://doi.org/10.1177/01937235221144432>
- Instituto Nacional de Estatística. (2026, 28 de janeiro). *Alunas/os inscritas/os no ensino superior (N.º) por Sexo e Idade; Anual* [Indicador 0009259]. Acesso em 29 de março de 2026: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0009259&contexto=pe&selTab=tab2&xlang=PT

- Jernigan, D., & Ross, C. S. (2020). The alcohol marketing landscape: Alcohol industry size, structure, strategies, and public health responses. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, Supplement 19, 13–25.
- Kvale, S. (1996). *InterViews: An introduction to qualitative research interviewing*. SAGE Publications.
- Langley, C. S., & Breese, J. R. (2005). Interacting sojourners: A study of students studying abroad. *The Social Science Journal*, 42(2), 313–321. <https://doi.org/10.1016/j.soscij.2005.03.004>
- Lapa, L. S. A. (2014). *Consumo de bebidas alcoólicas em estudantes do curso de licenciatura em enfermagem* [Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].
- Li, H. (2025). Students' wellbeing in positive higher education: Conceptual frameworks and influencing factors. *Frontiers in Education*, 10, Article 1607364. <https://doi.org/10.3389/feduc.2025.1607364>
- Maani, N., van Schalkwyk, M. C. I., & Petticrew, M. (2023). Under the influence: System-level effects of alcohol industry-funded health information organizations. *Health Promotion International*, 38, 1–9. <https://doi.org/10.1093/heapro/daad167>
- Magalhães, A., Sá, M. J., Aguiar, J., & Pinto, D. (2024). *Cartografia e dinâmicas socioeconómicas dos estudantes do ensino superior do Grande Porto e da Grande Lisboa* [Relatório]. Fundação Belmiro de Azevedo / EDULOG.
- Magnum Consilium Veteranorum. (2022). *Código da Praxe da Universidade de Coimbra* (versão digital do articulado). Universidade de Coimbra.
- Martin, J. L., Ferreira, J. A., Haase, R. F., Martens, M. P., Coelho, M., Martins, J., Jome, L. M., & Santos, E. R. (2020). The influence of personality and drinking motives on college student binge drinking in the US and Portugal. *European Journal of Health Psychology*, 27(1), 30–42. <https://doi.org/10.1027/2512-8442/a000047>
- Martins, A. (2012). *Consumo excessivo de álcool e qualidade de vida em estudantes da Universidade da Beira Interior* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior].

- Martins, J. S., Coelho, M. S., & Ferreira, J. A. (2010). Hábitos de consumo de álcool em estudantes do ensino superior universitário: Alguns dados empíricos. *Psychologica*, 53, 397–411. https://doi.org/10.14195/1647-8606_53_19
- Mill, J. S. (2023). *Sobre a liberdade* (P. Madeira, Trad.; reimp.). Edições 70. (Obra original publicada em 1859)
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2025). *Health at a glance 2025: OECD indicators*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/8f9e3f98-en>
- Pereira, S., & Lima, M. L. (2016). «O meu e o dos outros»: Avaliação de normas de consumo de álcool em estudantes universitários. In *Psicologia social da saúde* (pp. 29–49). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).
- Pessôa, C. A. M. (2012). *Consumo excessivo de bebidas alcoólicas no Enterro da Gata: Um caso de estudo para o marketing social* [Dissertação de mestrado, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho].
- Popper, K. (1959). *The logic of scientific discovery*. Hutchinson.
- Riordan, B. C., Conner, T. S., Flett, J. A. M., & Scarf, D. (2017). A text message intervention to reduce first year university students' alcohol use: A pilot experimental study. *Digital Health*, 3, 1–10. <https://doi.org/10.1177/2055207617707627>
- Rodrigues, P. F. S., Salvador, A. C. F., Lourenço, I. C., & Santos, L. R. (2014). Padrões de consumo de álcool em estudantes da Universidade de Aveiro: Relação com comportamentos de risco e stress. *Análise Psicológica*, 32(4), 453–466. <https://doi.org/10.14417/ap.789>
- Saldanha, L., Crego, A., Almeida-Antunes, N., Rodrigues, R., Sampaio, A., & López-Caneda, E. (2025). From abstainers to dependent drinkers: Alcohol consumption patterns and risk factors among Portuguese university students. *PeerJ*, 13, e20026. <https://doi.org/10.7717/peerj.20026>
- Spradley, J. P. (1980). *Participant observation*. Holt, Rinehart and Winston.
- Teixeira, P. F. A. (2021). *Estudo das alterações dos hábitos de consumo de cerveja – Super Bock Group* [Relatório de estágio de mestrado em Direção Comercial e Marketing, Instituto Superior de Administração e Gestão].

- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2024). *Nudge: A edição final*. Alfragide: Lua de Papel.
- The New York Times. (2025, September 4). *Is partying dead, or are you just old?* Acesso em 16 de abril de 2026: <https://www.nytimes.com/2025/09/04/style/is-partying-dead-gen-z.html>
- Time. (2025). *Why Gen Z is drinking less alcohol*. Acesso em 16 de abril de 2026: <https://time.com/7203140/gen-z-drinking-less-alcohol/>
- Trigo, A. C., & Santiago, L. M. (2022). Consumo de álcool nos estudantes do ensino superior de Coimbra e o impacto das festas académicas. *Acta Médica Portuguesa*, 35(4), 249–256. <https://doi.org/10.20344/amp.12366>
- Turner, V. (1969). *The ritual process: Structure and anti-structure*. Aldine Publishing.
- Universidade de Coimbra. (s.d.). *Dados do ensino*. Acesso em 29 de março de 2026: <https://www.uc.pt/dados/ensino/>
- Van Campenhoudt, L., Marquet, J., & Quivy, R. (2019). *Manual de investigação em ciências sociais* (Tradução da ed. original de 2017, revista e aumentada por I. Lopes; tradução da ed. de 1995 por J. M. Marques, M. A. Mendes & M. Carvalho). Gradiva.
- Van Gennep, A. (1960). *The rites of passage* (J. Caffee, Trad.). University of Chicago Press. (Obra original publicada em 1909)
- Worsley, J. D., Harrison, P., & Corcoran, R. (2021). Bridging the gap: Exploring the unique transition from home, school or college into university. *Frontiers in Public Health*, 9, Article 634285. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.634285>

Anexos

Anexo A – Dados DGEEC

1) Tabela 1: Estudantes deslocados por cidade (2022/2023 a 2024/2025)

Ano Letivo	Cidade	Deslocados	Não Deslocados	Total	% Deslocados
2022/2023	Coimbra	24 030	11 160	35 190	68,3%
	Porto	13 499	45 379	58 878	22,9%
	Lisboa	28 776	75 497	104 273	27,6%
	Média Nacional	141 492	286 714	428 206	33,04%
2023/2024	Coimbra	24 363	10 852	35 215	69,2%
	Porto	13 070	46 527	59 597	21,9%
	Lisboa	28 962	73 800	102 762	28,2%
	Média Nacional	142 611	287 615	430 226	33,15%
2024/2025	Coimbra	24 232	11 147	35 379	68,5%
	Porto	12 695	47 034	59 729	21,3%
	Lisboa	28 292	75 103	103 395	27,4%
	Média Nacional	144 789	292 203	436 992	33,13%

Fonte: Dados da análise de estudantes deslocados nas instituições de ensino superior (DGEEC).

2) Tabela 2: Principais Faculdades por Cidade (2024/2025)

Cidade	Faculdade	Deslocados	Não Deslocados	Total	% Deslocados
Coimbra	FDUC	2 438	702	3 140	77,6%
	FMUC	1 884	697	2 581	73,0%
	FEUC	1 584	653	2 237	70,8%
	FCTUC	5 095	2 293	7 388	69,0%
	FPCEUC	1 169	498	1 667	70,1%
	FFUC	1 165	391	1 556	74,9%
	FLUC	2 106	946	3 052	69,0%
Porto	FEUP	2 100	6 741	8 841	23,8%
	FEP	615	2 511	3 126	19,7%
	FMUP	882	2 329	3 211	27,5%
	FCUP	1 238	3 876	5 114	24,2%
	FDUP	349	885	1 234	28,3%
	FLUP	994	3 428	4 422	22,5%
	FPCEUP	365	1 242	1 607	22,7%
Lisboa	ISEP	1 267	5 759	7 026	18,0%
	FDUL	1 572	2 415	3 987	39,4%
	FMUL	1 763	2 539	4 302	41,0%
	IST	3 326	7 021	10 347	32,1%
	FCUL	1 220	3 915	5 135	23,8%
	ISCTE	3 723	7 473	11 196	33,3%
	ISEG	1 437	2 033	3 470	41,4%
	FCSH	1 662	2 902	4 564	36,4%
	FCT NOVA	2 110	4 511	6 621	31,9%

Fonte: Dados da análise de estudantes deslocados nas instituições de ensino superior (DGEEC).

Anexo B – Registos da Observação Participante

1) Observação Naturalista

A observação naturalista decorreu entre 2021 e 2024, durante o percurso académico do investigador em Coimbra. Esta fase correspondeu à vivência quotidiana da vida académica do investigador, envolvendo a participação em diversos rituais e contextos de sociabilidade – como jantares de curso e de carro⁸, serenatas, praxes, cortejos, convívios, *peddies*⁹ e momentos de *pre-drinking*.

2) Observação Estruturada

1. Jantar de Carros – 18 de setembro de 2025

Local: Restaurante no centro de Coimbra, perto da Monumentais

Horário: 20h30 – 23h45 (continuação pelos bares até por volta das 4h30)

O jantar teve início previsto para as 20h30, mas a refeição apenas começou por volta das 22h. Antes disso, o ambiente já é marcado por um consumo intensivo de bebidas alcoólicas, através sobretudo dos famosos “penáltis”, muito comuns em jantares de curso e associados a dinâmicas de grupo e rituais de pertença. Às 22h17, um dos senadores da praxe bebeu 9 penáltis seguidos, episódio comemorado com euforia por vários estudantes, presentes no jantar, sendo uma demonstração de estatuto, robustez e união.

Após a saída do restaurante (por volta das 23h45), a noite prosseguiu por vários bares estudantis (Jardins da AAC, 24 Bar e Moelas). Durante este período, continuou a haver consumo intensivo de álcool pelos bares e uma elevada coesão grupal com as pessoas presentes. Já perto da Monumentais, por volta das 3h16, observei uma ambulância; às

⁸ Para além destes jantares, recorrem-se, aos já citados, convívios com “bancas de shots”, mas também à venda de rifas, brindes (canetas, isqueiros, copos, canecas, ...) e a patrocínios ou doações.

⁹ O termo *peddy* (ou *rally tascas* noutras regiões) refere-se a um ritual de sociabilidade estudantil que consiste no percurso coletivo por vários bares (*peddy tascas*) ou por casas de estudantes (*peddy casas*). Em cada local ou “paragem”, o grupo realiza atividades de convivência que, na maioria dos casos, incluem o consumo de bebidas alcoólicas. O percurso da atividade funciona, simultaneamente, como um mecanismo de reforço dos laços entre o grupo e como um contexto onde são promovidas dinâmicas de competição de consumo de álcool, frequentemente associadas a padrões de *binge drinking*.

3h40, uma segunda intervenção médica surge no mesmo local, sugerindo o acontecimento de episódios de mal-estar associados ao consumo excessivo de álcool.

2. Semana da Latada – Final de setembro/Início de outubro de 2025

Praxe de Veteranos (Pré-Latada)

Antes do início formal da Latada de Coimbra, fui convidado, enquanto um dos “Doutores” mais velhos para a chamada “Praxe de Veteranos”, cujo propósito era explicar aos novos caloiros o simbolismo da Latada, a importância do papel do padrinho/madrinha e que a escolha do(s) mesmo(s) deve basear-se em alguém com valores próximos aos seus, e não apenas porque “pagou um fino numa noite”. Esta praxe demonstra a dimensão simbólica da tradição académica e a transmissão intergeracional típica da cultura de Coimbra.

Festas das Latas – *Pre-drinking* e Recinto (3 e 4 de outubro)

Durante os dias (e noites) de recinto, participei em momentos de *pre-drinking* com elementos da minha “família de praxe” (no caso em concreto, os meus “bisnetos”) e mais alguns amigos. Estes encontros incluíram jogos cujo principal objetivo era o consumo acelerado de álcool, funcionando simultaneamente como prática de coesão grupal e reforço identitário.

No recinto da Latada (Queimódromo), o padrão observado manteve-se alinhado com episódios de *binge drinking*, com continuidade entre o consumo prévio e o consumo durante o interior do recinto. Esta sequência revela uma dinâmica de rituais em que o *pre-drinking* atua como preparação simbólica e social para a entrada no espaço festivo.

3. Cortejo da Latada (5 de outubro de 2025)

O Cortejo teve atrasos superiores ao normal. Durante o percurso, fui acompanhando o curso de Gestão, onde “berrámos” as músicas do curso, símbolo que reforça o orgulho, a coesão do grupo, a identidade académica e o amor pelo curso e tradição coimbrã.

Pelas 18h, o cortejo permanecia na Praça da República, apesar do destino final ser o rio Mondego, o que demonstra uma forte adesão da comunidade académica aos rituais. Ao longo de todo o Cortejo eram exibidos diversos cartazes com críticas ao aumento das propinas no ensino superior, o que revela que este tipo de eventos, além da sua clara

dimensão simbólica e festiva, também possuem uma componente de manifestação política.

Ao longo do trajeto entre Alta, Baixa e Portagem, também observei comportamentos festivos associados ao consumo intensivo de álcool, incluindo estudantes que se atiravam para dentro de uma fonte em frente à Câmara Municipal de Coimbra, gesto comum todos os anos, que representa de certo modo a espontaneidade e liberdade que este tipo de eventos possuem. Fora isso, durante o percurso observei cerca de 10 ambulâncias, sinal da elevada prevalência de episódios críticos e certos excessos durante o evento.

Por fim, o Cortejo terminou no rio Mondego, onde, como a tradição manda, os caloiros foram “batizados” pelos respetivos Doutores (muitos dos quais padrinhos ou madrinhas dos mesmos), prática que simboliza a entrada formal no universo académico de Coimbra.

Anexo C – Fotografias

Fotografia 1 – Características de Coimbra



Imagem: Foto da T-shirt de caloiro de 2025/2026 do curso de Gestão (5 de outubro de 2025)

Fotos 2 a 5 – Montra de Entrada de um Supermercado em Coimbra









Imagens (2 a 5): Fotos da entrada de um Pingo Doce em Coimbra durante a semana da Latada (3 de outubro de 2025)

Anexo D – Parecer da Comissão de Ética

Parecer N.º 89/CEFLUP/2025

Referência do projeto: n. a.

Título do projeto: Do Excesso à Identidade: O Consumo de Álcool nos Rituais Académicos de Coimbra

1. **Submetido em:** 16/07/2025 e resubmissão com documentação complementar a 02/08/2025
2. **Proponente / Investigador Responsável:** Diogo Miguel Martins Nunes
3. **Equipa de investigadores:** n.a.
4. **Documentos anexos ao pedido de parecer:** Carta dirigida à Presidente da CEFLUP; Pedido de parecer à CEFLUP; Resumo do projeto; Guião das entrevistas; Metodologia adotada nas entrevistas; Termo de consentimento informado; Protocolo de gestão de dados, armazenamento e/ou eliminação dos dados após a conclusão do projeto.
5. **Natureza e contexto do projeto:** Dissertação de Mestrado do curso de Mestrado em Filosofia, Política e Economia, da Faculdade de Economia da Universidade do Porto e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a realizar pelo mestrando Diogo Miguel Martins Nunes, sob a orientação do Professor Doutor Diogo Lourenço.
6. **Financiamento:**
☐ Financiado
☒ Não financiado
7. **Local/Locais onde será realizado:** Coimbra
8. **Objetivo da investigação:** O projeto tem como objetivo geral analisar as práticas de consumo de álcool nas festas e tradições académicas ligadas à Universidade de Coimbra. Os objetivos específicos (associados à Universidade de Coimbra) centram-se na descrição do contexto e das práticas de consumo de álcool em eventos académicos; no estudo dos processos de decisão dos estudantes relativamente ao consumo de álcool; na análise dos impactos destas práticas (nomeadamente em termos dos dilemas éticos envolvidos e das questões sociais e económicas individuais e coletivas); e na proposta de modelos de regulação destas práticas.
9. **Atividades a realizar:** O projeto pretende fazer uma análise histórica do consumo de álcool nas tradições académicas da Universidade de Coimbra, estudar o fenómeno do consumo de álcool desde uma perspetiva filosófica e económica e refletir sobre as melhores formas de regulação dessas práticas. Pretende ainda articular a dimensão teórica com dados empíricos, obtidos através de entrevistas e inquéritos, com vista a identificar padrões de comportamento e de motivação na perceção sobre o consumo de álcool e entender a tensão entre a decisão individual e a pressão social.
10. **Instrumentos de recolha de dados e tipo de suporte a utilizar:** O projeto pretende recolher dados através de inquéritos anónimos e entrevistas gravadas com o consentimento de todos os

participantes. O projeto prevê que os inquéritos sejam realizados virtualmente, sob anonimato, através da plataforma Google Forms ou através de outra plataforma equivalente; e as entrevistas sejam gravadas em formato áudio e transcritas, com a autorização de todos os participantes, sendo os dados recolhidos utilizados apenas no contexto da investigação. O projeto estabelece que os dados recolhidos sejam armazenados no computador pessoal do mestrando, que estará protegido com uma palavra-passe, e sejam acedidos apenas pelo mestrando e pelo orientador.

- 11. Participantes:** Antigos e atuais estudantes da Universidade de Coimbra, preferencialmente com experiência relevante das tradições e festas académicas.
- 12. Critérios de inclusão** (se aplicável): n. a.
- 13. Riscos/ benefícios que poderão advir para os participantes:** O projeto não identifica riscos físicos, psicológicos ou sociais decorrentes da participação no projeto.
- 14. Consentimento e confidencialidade da informação:** A recolha de dados é precedida pela assinatura do documento de consentimento informado por todos os participantes. O documento de consentimento informado assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, a participação voluntária, a possibilidade de cessar a participação no projeto em qualquer momento, a segurança no armazenamento dos dados e a destruição dos dados após o fim do projeto.
- 15. Protocolo de gestão e armazenamento de dados:** O projeto apresenta um protocolo de gestão, recolha, armazenamento e eliminação de dados. O projeto prevê que os dados recolhidos sejam armazenados no computador pessoal do mestrando, que estará protegido com uma palavra-passe, e sejam utilizados apenas pelo mestrando e pelo orientador. Prevê-se a destruição dos dados de forma definitiva no fim do projeto (data prevista para a destruição definitiva dos dados: julho de 2026).
- 16. Data previsível de conclusão:** 31 de janeiro de 2026

PARECER:

A CEFLUP reconhece a relevância dos objetivos do projeto. Os dados recolhidos devem permanecer anónimos, protegidos e confidenciais em todas as fases de investigação e de disseminação dos resultados de investigação e devem ser destruídos após a conclusão do projeto. Neste sentido, recomenda-se que os dados recolhidos sejam armazenados num suporte físico exclusivamente dedicado ao armazenamento desses dados (nomeadamente um disco externo), acedido apenas pelo mestrando e pelo orientador. O projeto deve salvaguardar o direito dos participantes a pedir a destruição dos dados por eles fornecidos em qualquer momento e deve acautelar riscos de natureza física, psicológica e social decorrentes da participação nos inquéritos e entrevistas. Asseguradas estas condições, considera-se que estão garantidas boas práticas éticas no que concerne ao anonimato,

confidencialidade, gestão de dados e prevenção de riscos. Neste sentido, a CEFLUP emite um parecer favorável ao desenvolvimento do projeto.

O Relator:

Prof. Doutor João Carlos Martins Rebalde

Assinado por: **João Carlos Martins
Rebalde**
Num. de Identificação: 11796457
Data: 2025.11.11 11:12:12+00'00'



A Presidente:

Prof. Doutora Isabel Dias

Assinado por: **Maria Isabel Correia Dias**
Num. de Identificação: 07396720
Data: 2025.11.11 10:35:51 +0000



Anexo E – Questionários

06/03/26, 23:51

Inquérito sobre práticas académicas e consumo de álcool em Coimbra

Inquérito sobre práticas académicas e consumo de álcool em Coimbra

Este questionário insere-se no âmbito de uma investigação académica desenvolvida no contexto do **Mestrado em Filosofia, Política e Economia da Universidade do Porto**, incidindo sobre a experiência estudantil em Coimbra, nomeadamente práticas académicas, socialização e consumo de álcool em contextos estudantis.

Ao longo deste questionário, todas as referências a “Coimbra” dizem respeito à **cidade de Coimbra**.

A participação é **voluntária, anónima e confidencial**. Não será recolhida qualquer informação que permita identificar os participantes.

Não existem respostas certas ou erradas. O mais importante é que responda de forma honesta, com base na sua experiência e nas suas perceções.

O questionário demora cerca de **5 minutos** a ser preenchido.

** Indicates required question*

1. Alguma vez esteve inscrito/a numa instituição de ensino superior em Coimbra? *

Mark only one oval.

☐ Sim

☐ Não

Dados Sociodemográficos

2. Ano de Nascimento *

Introduza um ano entre 1940 e 2008 (ex.: 1998)

3. Género *

Mark only one oval.

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outro

4. Em que ano fez a sua primeira inscrição numa instituição de ensino superior na cidade de Coimbra? *

Introduza um ano entre 1950 e 2026 (ex.: 2020)

7. Qual o concelho de residência antes dessa mudança? *

Rituais académicos

8. Já participou em algum dos seguintes rituais académicos? *

(Selecione todos aqueles em que participou)

Check all that apply.

- ☐ Praxe
- ☐ Latada
- ☐ Queima das Fitas
- ☐ Jantares de curso
- ☐ Festas académicas em espaços públicos (bares, restaurantes, festas, discotecas)
- ☐ Convívios em casas/residências
- ☐ Não participei em nenhum
- ☐ Other:

Padrões de Consumo de Álcool

10. Alguma vez consumiu bebidas alcoólicas durante o seu percurso académico em Coimbra? *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Em que momento do seu percurso académico em Coimbra considera que o seu consumo de bebidas alcoólicas foi mais elevado? *

Mark only one oval.

- ☐ Início do período académico (Ano de caloiro)
- ☐ Meio do percurso académico
- ☐ Fase final do percurso académico (Ano de Finalista)
- ☐ Nunca bebi álcool em contexto académico

12. Nesse período, com que frequência consumia bebidas alcoólicas enquanto estudante em Coimbra? *

Mark only one oval.

- ☐ Nunca
- ☐ 1 vez por mês ou menos
- ☐ 2 a 4 vezes por mês
- ☐ 2 a 3 vezes por semana
- ☐ 4 ou mais vezes por semana

15. Em contexto académico (festas, jantares de curso, Latada, Queima das Fitas, ...), com que frequência consome/consumia os seguintes tipos de bebidas alcoólicas? *

Mark only one oval per row.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre ou quase sempre
Cerveja	☐	☐	☐	☐	☐
Sidra/Somersby	☐	☐	☐	☐	☐
Shots/bebidas espirituosas	☐	☐	☐	☐	☐
Vinho/Sangria	☐	☐	☐	☐	☐
Bebidas mistas (bebidas espirituosas misturadas com refrigerantes ou outros ingredientes, como gin tónico, mojito, vodka laranja, whisky cola, ...)	☐	☐	☐	☐	☐

Significado do Consumo de Álcool e Sensação de pertença

16. Até que ponto concorda com as seguintes afirmações? *

Utilize a escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "Discordo totalmente" e 5 a "Concordo totalmente".

Mark only one oval per row.

	1 – Discordo totalmente	2 – Discordo	3 – Nem concordo nem discordo	4 – Concordo	5 – Concordo totalmente
Na minha percepção, o consumo de álcool facilita a integração social dos estudantes deslocados na vida académica em Coimbra	☐	☐	☐	☐	☐
Beber com colegas ajudou-me a criar amizades ou a fortalecer laços sociais durante o período académico	☐	☐	☐	☐	☐
Associo a experiência estudantil de Coimbra ao consumo de álcool	☐	☐	☐	☐	☐

19. Quão importantes foram os rituais académicos (praxe, Latada, Queima, jantares de curso, ...) para a sua integração social na vida académica de Coimbra? *

Mark only one oval.

- ☐ Muito importantes
- ☐ Importantes
- ☐ Pouco importantes
- ☐ Nada importantes
- ☐ Não participei

20. Já sentiu desconforto, pressão ou exclusão social por não beber ou beber menos que os seus pares/amigos durante o seu percurso académico em Coimbra? *

Mark only one oval.

- ☐ Sim, claramente
- ☐ Sim, mas de forma subtil
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

Autonomia e Tradição

22. Tem conhecimento de alguma regra, orientação ou medida institucional sobre o consumo de álcool em atividades académicas e estudantis em Coimbra? *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

23. Na sua opinião, quão eficaz tem sido a atuação as instituições do ensino superior de Coimbra na gestão dos riscos associados ao consumo de álcool em atividades académicas e estudantis (festas, convívios, Queima, ...)? *

Mark only one oval.

- ☐ Muito eficaz
- ☐ Eficaz
- ☐ Nem muito nem pouco
- ☐ Pouco eficaz
- ☐ Ineficaz
- ☐ Não tenho conhecimento suficiente para avaliar

24. Como avalia a presença de marcas de bebidas alcoólicas enquanto patrocinadoras de grandes festas académicas (Ex: Queima das Fitas)? *

Mark only one oval.

- ☐ Positiva
- ☐ Neutra
- ☐ Negativa
- ☐ Não tenho opinião

25. Das seguintes medidas, quais considera mais aceitáveis, do ponto de vista pessoal, para reduzir os riscos associados ao consumo de álcool em contexto académico? *
- Selecione até 2 opções.

Check all that apply.

- ☐ Regras institucionais mais exigentes para a organização de eventos académicos por núcleos e associações
- ☐ Campanhas de sensibilização sobre consumo responsável
- ☐ Restrições à venda de bebidas com elevado teor alcoólico em eventos académicos
- ☐ Presença de equipas de apoio e primeiros socorros em grandes eventos académicos
- ☐ Obrigatoriedade de disponibilização de água e comida de forma gratuita em festas académicas, mesmo que implique custos adicionais para a organização
- ☐ Nenhuma destas medidas (Se selecionar esta não seleccione outras)

This content is neither created nor endorsed by Google.

Google Forms

Anexo F – Guião das entrevistas

1- Início

- Há quanto tempo estás/estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?
- Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?
- Deslocado/a

2- Integração e papel do álcool

- Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos/integrar-te?
- Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?
- O consumo de álcool ajudou-te na tua integração? Se sim, de que forma?
- Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti? (Latada, Queima das Fitas, praxe, jantares, “pré(s)”, núcleos, ...)

3- Normas sociais, pressão, hierarquia, simbolismos

- Sentes que existe pressão para beber em contexto académico? Se sim: Como é que aparece? (provocações, desafios, jogos)
- No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada)
- Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?
- O que significa “beber/aguentar bem” dentro do teu grupo? Isso é estatuto?

4- Deslocado vs. Não deslocado

- Achaste que ser deslocado/a influencia a forma como se vive Coimbra?
- Nota-se alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados (“os Coimbrinhas”¹⁰)?

5- Autonomia e regulação

- Quem é responsável por tudo isto: cada um de nós, os grupos, os núcleos, a AAC, a universidade, os bares? / Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool?
- Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? O que consideras que estragaria a tradição?

6- Parte Final

- Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias?
- Há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)

¹⁰ Embora Conimbricense seja a designação formal para os naturais de Coimbra, o termo “Coimbrinha” é utilizado informalmente para se referir às pessoas da cidade.

Anexo G – Termo de consentimento informado

Termo de consentimento declarado

Para os devidos efeitos, declaro que fui informado/a sobre o estudo intitulado “O Álcool e os Rituais Académicos de Coimbra”, desenvolvido por Diogo Nunes, no âmbito do Mestrado de Filosofia, Política e Economia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Autorizo a gravação da entrevista por mim concedida, sabendo que a minha identidade não será revelada e a informação por mim disponibilizada será utilizada única e exclusivamente para fins de investigação e análise científica, destinada a compreender perceções e experiências associadas ao consumo de álcool e às práticas em contexto académico.

Compreendo que a minha participação é voluntária, podendo recusar a responder a qualquer questão ou a desistir a qualquer momento, sem qualquer consequência.

Os dados serão recolhidos através da gravação da entrevista para posterior transcrição. Após a sua transcrição, as gravações serão eliminadas. A informação recolhida será tratada de forma confidencial, sendo garantido o anonimato através da utilização de pseudónimos, e será utilizada apenas para fins académicos.

Declaro ter lido e compreendido a informação mencionada e aceito participar no estudo nas condições acima descritas.

Data: ____/____/____

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo H – Transcrição das Entrevistas

A. Entrevista Ricardo Reis (H-21-FEUC-D)

P: “Há quanto tempo estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Estou no terceiro ano da licenciatura. Fiz o resto do meu ensino em Viseu.

A minha vida académica é o normal. Sai-se à noite, mais ou menos uma vez por semana. Há umas semanas que sim, outras que não; umas saio mais, outras menos. É muito de volta do básico, do genérico”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Imagina, não foi muito fácil integrar-me porque a praxe à malta que gosta, outra que não gosta, mas de qualquer forma conheces muita gente lá. Mas depois também fui sempre às aulas, tentei participar em todas as coisas e, eventualmente, fui conhecendo a malta. E também, não foi distanciando, mas distinguindo aqueles que são mais próximos, daqueles que eram menos próximos.

(...) foi à oportunidade à vontade de a malta se integrar, ou seja, seja num grupo um bocadinho maior, seja num grupo menor acabas sempre por encontrar o teu.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “É sempre tenho a praxe. Tenho as atividades tanto as do núcleo como as coisas/atividades na faculdade em si. Tem também eventos académicos como a Latada que é no início por isso, eventualmente, acabas por conhecer muita gente lá. Obviamente, tipo há muita gente que também conheces numa noite e nunca tinhas visto durante o dia, seja porque não vêm às aulas, seja porque sim.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração? Se sim, de que forma?”

R: “Imagina... não acho que seja extremamente obrigatório consumires álcool, mas acho que ajude sempre mais consumires álcool porque, eventualmente se tu te comportares como a maioria das pessoas é mais fácil associar-te à maioria das pessoas. Mas ajudou-me por esse lado, pelo facto de o álcool deixar-te sempre um bocadinho mais aberto à interação, deixa também um bocadinho mais aberto à experiência, e então é mais fácil falares com gente desconhecida, começas num momento a ter uma conversa completamente à toa. Às vezes uma conversa um pouco mais pesada, umas vezes menos, tanto faz.

Mas imagina, por exemplo, o [colega de curso] no primeiro ano não bebia, tipo praticamente não bebia. Saía na mesma, dizia que tinha problemas de coração, porque realmente tinha e conseguiu se integrar facilmente tanto que é uma das pessoas mais amadas entre aspas, a falar assim, mais amadas do curso, porque não é algo extremamente obrigatório, mas ajuda.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Imagina, acho que é tudo. É tipo, tem aulas, como é óbvio, é académico, tem atividades de núcleo, tem atividades da faculdade, da universidade, tem atividades tipo a Latada, tem jantares de curso, tem os carros que também há bocadinho esqueci-me de falar, mas temos os carros alegóricos. Tipo, tem tanta coisa que é difícil, acho que é difícil dizer só uma delas para falar de contexto académico. (...) Embora muitas delas não sejam bem “académicas”.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico? Se sim há algum contexto?”

R: “Tem sempre alguma pressão, tipo agora é penáti tipo em jantares de curso, e às vezes, tipo nem é para te pressionar, mas do género “Olha, anda cá, eu pago-te um copo. Vamos beber um bocadinho”. Algo um bocadinho mais básico. Há sempre um bocadinho de pressão para beber porque é o que a maioria faz, mas sempre um pouco de pressão. Dá para passar por ela sem beber, mas há sempre um bocadinho.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada)”

R: “Imagina, no meu acho que é um bocadinho irrelevante. A grande maioria bebe. Há dias que não se pode beber seja porque se está a tomar medicação, seja por outra razão qualquer, mas nós percebemos perfeitamente.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “Em que sentido significado social?”

P: “Se para ti é só diversão, ou algo mais? Normalmente associamos a integração, espontaneidade, a um rito de passagem.”

R: “Diversão é obviamente. Agora assim uma coisita um bocadinho mais significativa como ritual de passagem, epa ya. Imagina, qualquer das maneiras, eu antes e depois de vir para Coimbra, a quantidade de álcool que eu consumia aumentou bastante. Antigamente não bebia tanto álcool como agora. Até fazendo mais exercício físico... agora faço mais que exercício, mas também bebo mais.

Se calhar o rito de passagem, afinal és adulto e consomes mais. Por vezes, consomes até mais substâncias, não digo ilícitas, como droga, mas às vezes até tabaco acabas por fumar. Se calhar pode ser considerado um pouco como rito de passagem.

É estranho, eu estou a responder com “Ya é isso, mas não é bem”, mas acho que respondendo melhor à pergunta pode ser associado a algumas coisas, não a todas.”

P: “O que significa “beber/aguentar bem” dentro do teu grupo? Já foi considerado estatuto?”

R: “Imagina, já considerámos algo do género: “Aquele bebe muito então vai ficar acabado. Aquele outro vai ter que tomar conta destes.”. Por isso, imagina, já está um bocadinho calculado e já estamos um bocadinho habituados e sabemos mais ou menos o que acontece se tal pessoa ou tal pessoa beber demais, porque beber demais também dói.

Mas também temos perfeita noção do que: “Este não bebe. Aquele é o pai do grupo. Este outro, o mais certo é cair para o lado e ficar K.O. por isso não vamos puxar tanto por ele.”

Vou te dar um exemplo, a [colega de curso] se nós puxarmos um bocadinho por ela. Formos a um jantar de curso, bora beber um penalti, ela acaba. Daqui a bocadito, tipo passado uma horita ou uma horita e meia depois, ela está encostada a um canto. Por isso, ya há alguns estatutos para algumas pessoas.”

P: “Achaste que ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Imagina, acho que sim. Porque há pessoas que não têm aqueles pais assim que te prendem, mas há outros que tem pais mais galinhas, que querem saber sempre onde é que está o filho, onde é que está isto, etc. Há vezes é uma maneira de sensibilizar os pais também com a vinda para a universidade, das saídas à noite e tudo isso. Mas acho que faz diferença seja também por causa a nível de responsabilidade que muda bastante porque és tu que tens que tomar conta de ti e não os teus pais, mas também digamos que não “tens a trela”, ou seja, não tens os teus pais a dizer “Tens que fazer isto. Tens que fazer isto a tais horas”.

No entanto, isto não acontece com toda a gente. Imagina voltando ao exemplo da “Meter nome”, tipo nem sempre ela sai porque ela não vive cá. Vive a mais ou menos 20 minutos a meia hora de carro, não sei bem, ou seja, para ela por vezes não compensa sair à noite porque às vezes vai fazer uma viagem que o pai não está acordado, vai atrapalhar, etc. Por isso, às vezes pensa “Ok. Vou ficar por casa”. Ou por exemplo alguns “netos” meus que são de Condeixa e vão e vêm todos os dias, condiciona sempre um bocadito. Agora de resto acho que não estou em propriedade de quem saiba o suficiente para falar mais sobre isso.”

P: “Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Isto só depende de nós? A AAC tem algum papel? Tem a ver com os próprios bares e instituições?”

R: “Imagina, acho que o próprio ambiente académico já influencia um pouco ao consumo. Se calhar também é por causa de não estar muito atento porque às tantas, há aí atividades de sensibilização quanto à quantidade de álcool que se consome. Isso às tantas acontece, eu é que não tenho reparado. Mas tipo tudo o que acontece, o ambiente académico, os alunos, às vezes até professores, puxam muito também ao consumo do tipo: “Vão sair, vão fazer isso”, o que às vezes pode passar um bocado ao lado.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? O que consideras que estragaria a tradição?”

R: “Desculpa, repete a pergunta, se faz favor. Acho que dividiria em duas partes, por isso repete a primeira parte.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis?”

R: “Imagina, às vezes também vemos com cada pessoa à noite, que nós tipo realmente percebemos que há que por um bocado de limites, que haver maneiras de sensibilizar sobre isso. Se calhar, já que às tantas por causa das maneiras, vai haver sempre porque a maioria da malta faz, se calhar talvez, não sei, uma maior publicidade a bebidas tipo sem álcool, sei lá.

Mais ou menos com o mesmo sabor, não sei, mas não se calhar com os mesmos preços, ou seja, preços iguais. Embora, por acaso, nem sei como estão os preços disso agora, mas se calhar é isso. Mas é aquela coisa, por exemplo, eu próprio, às vezes saio com amigos e tipo se eu quiser e nós virmos um gajo que (...)

Agora é que estou a reparar que pelo resto que estou a ir um pouco contra o que disse nas primeiras perguntas. Mas se vemos um gajo com quem saímos, normalmente bebe muito e do nada está a beber pouco ou simplesmente sem uma razão aparente, também o puxamos um pouco. E se calhar se o víssemos a beber uma bebida... sei lá, sem álcool, por exemplo, uma cerveja sem álcool é isso que quero dizer, já acharíamos um bocadinho estranho. Já iríamos gozar um bocadinho, já iríamos mandar uma piada. Só que tipo, isso também já iria ser um bocado por causa da pessoa em si, sabermos que tem esse hábito, esse vício de consumir bastante. Imagina, agora pensando bem, se calhar Coimbra, tipo não te obriga, mas caso já o faças bastante torna-te difícil de sair.

(...) se tu nunca tiveste o hábito se calhar vão te perceber um pouco mais. Até porque, eventualmente também depende do grupo em que estás inserido, mas o mais certo é serem compreensivos.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias?”

R: “Não me vem nada à cabeça. Pode ser bué estúpido, mas imagina... olha tirar a serenata da queima do sítio em que está. Epa, eu sei que é uma cena bué à toa, mas é isso. Agora sobre festas e isso tudo, não vejo nada.”

P: Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)

R: “Não sei, imagina se calhar vou aproveitar para complementar esta pergunta sobre “matar a festa”. Imagina isto aqui é uma resposta extremamente subjetiva, mas acho que não havia grande coisa para mudar da tradição ou na cultura académica, sem matar a festa. A grande maioria aprecia isso. É tipo se não queres [som de puf, ou seja, deixa para lá], não vás. Ou então faz uma coisa diferente, aproveita de um jeito diferente, aproveita à tua maneira.

Imagina, agora vou meter conversa... eu antes de vir para cá, eu não era muito de festas. Obviamente ao vir para aqui vim uma coisa nova e que toda a gente faz que era: vai para a AAC, vai para a discoteca... sendo que eu nunca fui muito fã de discotecas, por exemplo. Agora já não é como antes, mas não é aquela coisa que eu adoro.

Uma coisa que eu fui, se calhar até foi agora mais do ser do terceiro ano. Tive um bocadinho mais tempo e até conheci mais gente, não só por causa do núcleo, mas também de futsal, que arranjei uma equipa nova. Quer dizer, não é bem uma equipa nova, mas veio muita gente nova. Então se calhar uma que eu também aprendi... “o que é que toda a gente faz?” Gosta de sair, gosta de ir beber um bocadinho e gosta de ir para discotecas. Eu já não! Gosto de sair, bora ir para a Alta, bora meter conversa com meio mundo numa noite. Eventualmente, acontecem coisas bué fixas, bué random, e tipo aproveitamos a noite dessa maneira.

Enquanto os outros gostam de passar a noite na discoteca e o caralho, eu não. Saio sempre de lá a suar, que às vezes é claustrofóbico estar lá sempre lá às cotoveladas e o caralho, mas há muita malta que gosta disso. O que é que eu quero dizer com isto, enquanto que uns gostam de umas coisas e os outros gostam de outras, é uma coisa em si aproveitada cada um à sua maneira. Era isso que eu queria dizer.

(...) quem por sua vez olha muito para a academia mais tipo, subir a nível de desporto... nós temos um cá na seleção nacional. Já não me lembro do nome, mas tem um futuro minimamente promissor. A própria faculdade, eles ajudam muito tipo dá-lhe oportunidades. Se calhar deviam dar mais condições, mas tipo mesmo assim faz no mínimo a sua parte.”

B. Entrevista Almeida Garrett (H-22-FEUC/FCTUC-ND)

P: “Há quanto tempo estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “São 3 anos de licenciatura, mais um semestre de mestrado.

A minha vida acho que não mudou muito. Sempre me dei com o mesmo grupo, com malta de cá Coimbra. Claro que sempre tive os convívios e etc. com a malta da universidade, mas por ser cá de Coimbra não era tão apelado a ir a essas coisas.”

P: “Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?”

R: “Participei em quase todos. Fui à Latada, fui às praxes, fui à Queima, tive em prés, convívios, peddies, qualquer um em princípio eu pertenci a um ou a outro”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “É uma situação complicada. Eu entrei primeiro em Economia e até foi bastante fácil porque calhei com malta de Coimbra, mas que eram de outras partes de Coimbra e tinha mais amigos de secundário que estavam na mesma situação que eu no mesmo curso.

Entretanto conheci o meu padrinho e mudei para Gestão na segunda fase da universidade, das candidaturas normais. E tive a sorte com o meu padrinho e conheci uma raparia que o ano passado tinha tido exatamente a mesma situação, de mudar a meio do primeiro semestre. Ele [padrinho do rapaz] apresentou-me a essa amiga e daí conheci as afilhadas dessa amiga, e essas amigas apresentaram-me ao resto do curso quase todo.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Eu acho que foram muito importantes porque se eu não tivesse ido a um certo jantar, que até foi o jantar de caloiros do meu ano, eu não teria conhecido o [colega de curso] e daí ser apresentado a quase toda a gente do curso.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração? Se sim, de que forma?”

R: “Eu acho que não. Pelo facto de ter sido um jantar de curso, mas eu conhecia as pessoas antes de começar a beber.

Mas pensando bem, se calhar quando conheci a [colega de curso], aquela amiga que tinha conhecido por causa do meu padrinho, foi no Cortejo da Latada, portanto a Latada estava subjacente a tê-la conhecido. Portanto de facto sim.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Em Coimbra para mim é sempre, e para todos os estudantes são por exemplo a Latada, Queima, as noites académicas. Para mim também tem muitas juniores iniciativas e associações cá em Coimbra, na qual eu estive numa durante 2 anos e meio, então isso tem sempre um peso muito importante.

E é praticamente isso. Tem sempre claro, as aulas e os trabalhos, porque há cadeiras que têm trabalhos preocupantes e há cadeiras que tem de se realmente ir. Mas de facto o mais importante serão de qualquer maneira o convívio com as pessoas, seja nas associações, sejam em festas.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico? Se sim há algum contexto?”

R: “Não acho que haja. Conheci muita gente que não bebia e fez o curso e que fez a licenciatura e davam-se com muita gente. Conheci muita gente que ia a convívios, e não bebia assim tanto, ou que não bebia só. Há sempre a pressão para te integares, mas é mais pela diversão do que qualquer outra coisa. Não acho que seja um ponto muito importante.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “Eu posso considerar que tive vários grupos de amigos e um deles era estritamente e praticamente só aulas e pouco mais. Claro que éramos amigos fora das aulas, mas não nos víamos na noite e etc., nem em festas académicas. Acho que eles foram uma ou 2 vezes à Queima, se tanto, e foi só pela diversão, mas nesse grupo, claramente o álcool não era tópico, não importava, não era escolha.

Outros grupos de amigos que tive se calhar era mais relevante. Há grupos que éramos mais por nos estarmos a divertir na noite e depois interessarmos aí e criarmos uma conexão por aí. Portanto, sim, o álcool aí teve um elo de ligação mais relevante.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “Acho que é só diversão. Acho que não tem nenhum significado por detrás. Se calhar alguém, (...) as pessoas acham mais engraçadas se tu beberes não sei quantos penaltis por vez, mas há pessoas que acham que és completamente maluco por estares a fazer isso.

Portanto, eu acho que socialmente o impacto é 0 (zero) porque vais aos “paus” extremos de toda a comunidade estudantil.”

P: “O que significa “beber/aguentar bem” dentro do teu grupo? Isso é estatuto?”

R: “Essa é uma pergunta meio complicada. É um estatuto que existe. Se bebes mais do que o teu amigo pode estar a gozar com ele a dizer que “Ele não bebe nada” ou que “Não

sabe beber”, mas é um estatuto que não interessa e os teus próprios amigos sabem que não interessa.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Influencia imenso. Eu sei que se fala muito dos custos de viver cá em Coimbra para quem é deslocado.

Mas por outro lado, quem é deslocado, normalmente está em situações mais propícias para ir a certos convívios e ir às praxes, que se calhar a malta de Coimbra não está tanto quanto eu estive. Eu tinha que gastar tipo 7 euros por praxe num Uber, no meu ano de caloiro. Ainda não conduzia.

Claramente comparado com os custos de a malta viver cá, gastar em alimentação e etc., não é comparativo. Mas o facto de eu ter de me deslocar e eles terem que se deslocar muito menos, se calhar para mim convinha ir menos vezes a certos convívios. Não tanto pelo custo monetário em si, mas sim pelo custo de oportunidade que eles tinham de vir cá, e se calhar conseguiram estar em outras oportunidades à frente, por terem conhecido grupos de amigos diferentes e etc. E se calhar por terem conhecido os grupos de amigos primeiro do que eu, ou de qualquer outra pessoa que não seja deslocado.

Mas claro que ser deslocado tens estes custos todos com alimentação, deslocações para voltar a casa, deslocações dentro da cidade que se calhar eu não teria. Mas em contrapartida, eu teria sempre que agora ir de carro para os sítios, depois ir de carro para os jantares e etc., e ter cuidado se estou a beber ou não, quanto é que eu posso beber ou não. Depois estacionar em Coimbra é sempre muito complicado. Mas sim há custos diferentes, e ser deslocado ou não, impacta imenso como vives Coimbra, seja pelo ter mais oportunidades, seja por teres oportunidades diferentes.”

P: “Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Ela tem responsabilidade pelo consumo? Isto só depende de nós? A AAC tem culpa? Tem a ver com os próprios bares?”

R: “Eu acho que é difícil porque cada pessoa sente o álcool de forma diferente, e é muito complicado as instituições gerirem isso.

Mas eu acho que elas tentam o máximo que conseguem... não servir malta que vejam que está demasiado alterada e demasiado má. Mas acho que não é algo que se pode direccionar a culpa para as instituições que estão a servir a bebida. Principalmente, em requisito de Queima e Latada, porque, como óbvio, as pessoas bebem muito antes de ir para o Recinto, e não é propriamente a Latada ou a Queima que conseguem controlar. Há segurança na entrada, mas se as pessoas estão alteradas ou se bebem 2 ou 3 copos a mais e ficam mal no meio de tanta gente não conseguem ver. Lá dentro é muito difícil.

No requisito mais bares e etc., também é muito complicado. Dependendo do bar, e dependendo da localização, porque na Alta, por exemplo, tens vários bares lado a lado. Se eu sou recusado num, no outro servem-me e noutro também. É muito difícil eles verem, e há muita gente lá à volta e eles tem que estar preocupados se vai haver um distúrbio diferente do que se alguém vai beber mais. Se bem que normalmente quem bebe mais, acaba por ser o responsável pelos distúrbios. Mas de facto as instituições nunca conseguem controlar muito bem, exceto servir ou não a alguém.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). “

R: “Eu acho que não é muito fácil criar medidas de mitigação, porque é sempre o mesmo ponto. Se alguém sente o álcool de maneira diferente, (todos somos diferentes), eu posso estar a uma bebida de vomitar, como uma amiga minha, que está muito pior, estar a 3 ou 4. E nós não sabemos, mas ela pode parecer pior e eu mais normal.

Não acho que as medidas de mitigação sejam fáceis. A única medida de mitigação que eu consigo pensar era ter-se de “soprar no balão” antes de pedir a bebida, o que é completamente inviável para uma instituição que sirva bebidas alcoólicas.

Acho que é muito difícil isso ser mitigado. É um daqueles negócios que tens é que aceitar as consequências.”

P: “O que consideras que estragaria a tradição?”

R: “É o que é. O facto de o álcool te influenciar desta maneira, traz várias consequências que as instituições não conseguem prever porque cada pessoa tem o seu limite diferente. Não é um ponto, assim de tradição de uma pessoa beber mais porque sim.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Eu acho que dava mais ênfase a todas as atividades que não sejam jantares com álcool, etc. Não necessariamente atividades sem álcool. Eu estou a falar em qualquer tipo de atividade noturna.

Eu acho que poderiam ser feitas muito mais atividades à tarde. Como há aqueles torneios de futebol em que a malta estão lá a beber se quiserem. Se quiserem estão a ver o jogo.

Se quiserem dar-lhes mais oportunidades do que apenas só sair e beber, porque jantares pouco ou mais são além disso e de estar na noite a ouvir música aos altos berros, enquanto podiam estar a fazer atividade física ou um torneio de Sueca, etc. Todas essas atividades acho que são muito mais relevantes. Quer dizer, não mais importantes, mas têm outra importância e eu acho que devem ser mais incentivadas e ênfase na cultura.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)”

R: “Acho que não. Acho que falei tudo o que tinha a dizer. Não há muito com que mudar na maior parte das situações.

Eu não sinto que as pessoas sejam obrigadas a beber. Acho que há alguma certa pressão, mas simplesmente se não quiseres... há uma pressão para te fazer crer, mas se não quiseres, acho que as pessoas não levam mal lá no fundo. Podes simplesmente não beber, e acho que as pessoas não te viram ou veem de outra maneira. Ou podes simplesmente beber menos. Eu acho que as pessoas quando bebem álcool não têm noção da situação das outras pessoas. Portanto, elas tentam fazer com que tu estejas se calhar no mesmo nível de diversão que elas, mas não têm noção perceção do nível em que tu estás. Portanto se calhar é isso.

As pessoas não levam a mal, porque sabem, também no fundo que não percebem que se tu estás bem ou tão mal como elas em termos de alcoolismo. Acho que a pressão no fundo surge de toda a gente se querer divertir e não conseguir, e se calhar não ter tanto a perceção se está toda a gente a divertir ou não.”

C. Entrevista Ana Luísa Amaral (M-21-FEUC-D)

P: “Há quanto tempo estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Estudo em Coimbra há três anos.

Como é que descreverias a minha vida académica? Animada. Foi completa. Teve atividades de vários tipos. Conheci muita gente.

Tive atividades que envolvia sair à noite, outras que envolviam somente interações e jogos durante o dia.”

P: “Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?”

R: “Queima, Latada, peddy casas, peddy tascas, praxe”

P: “És deslocada?”

R: “Sim.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Mais ou menos. Conheci muita gente logo de início.; conheci pessoas com quem rapidamente me deixei de dar. E demorei um bocadinho até conhecer as pessoas com que realmente me queria dar, com quem me continuo a dar, mas nunca faltou oportunidade para conhecer as pessoas.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Contribuíram bastante para conhecer pessoas novas, especialmente a praxe. Sempre que vinha à praxe era uma oportunidade que me forçava a falar com pessoas novas.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Sim.”

P: “Se sim, de que forma?”

R: “Acho que hoje em dia a maioria das pessoas consomem álcool. Então o facto de consumires ajuda-te a integrar-te, e também te deixa um bocadinho mais tranquilo.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Praxe, Queima, sair à noite, ... beber. Acho que é isso.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “Mais ou menos. Acho que existe um pouco de pressão. Mesmo assim, acho que essa pressão tem vindo a diminuir. Acho que hoje em dia as pessoas já não ligam assim tanto.”

P: “E como é que ela aparece?”

R: “Pessoas que te metem de parte se não beberes. Se saíres à noite e não beberes, não querem sair contigo.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “Não acontece nada. É igual como os outros.

(...) Nós já tivemos um caso assim. O [amigo] quando entrou, quando o conheci não bebia. O [amigo] passou muito tempo e muitas noites, foi sair connosco e não bebia.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “É diversão. Para mim, é mais sobre diversão. Mas acredito que para outras pessoas possa significar outras coisas.”

P: “O que significa “beber/aguentar bem” dentro do teu grupo? É estatuto, por exemplo?”

R: “Um bocadinho, sim. É algo que as pessoas falam pronto, e é engraçado se beberes muito, mas também não é uma necessidade que não é nada de outro mundo.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocada influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Sim. Acho que se tiveres a viver com os teus pais nunca tens nenhuma liberdade que tens se tiveres deslocado.”

P: “E notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas”?”

R: “Imagina, por acaso aqueles que eu conheço não. (...) Não me dou assim com tantos, mas daqueles que eu conheço...”

P: “Como vêes o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Ela tem responsabilidade pelo consumo? Isto só depende de nós? A AAC tem culpa? Tem a ver com os próprios bares?”

R: “Sim, eu acho que eles têm influência. Por exemplo, as atividades que promovem como por exemplo, os núcleos promovem peddy casas, peddy tascas, e todo esse tipo de atividades que promovem o consumo de álcool.”

P: “E que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas. E o que consideras que estragaria a tradição?”

R: “O que é que estragaria a tradição? Eu acho que não mudava nada.

As pessoas têm que ter noção, e acho que hoje em dia quem bebe já tem muito bem noção das consequências do que traz a bebida. Só faz e continua a fazer, é porque quer e não porque não sabe o que é que pode acontecer.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias?”

R: “Epa, se calhar podiam ser incluídas mais atividades que não envolvessem álcool, porque acho que cada vez mais, há mais pessoas a virem para a universidade que não bebem porque não podem ou não querem. Então acho que podia haver um maior dinamismo de atividades.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)”

R: “Acho que não. Não tenho mais nada a reportar.”

D. Entrevista Joana Bértholo (M-20-FEUC-D)

P: “Há quanto tempo estudas em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Portanto, estudo há 2 anos em Coimbra. Descreveria a minha vida académica (...) como um pouco atribulada.

Portanto, nem tudo foi assim um mar de rosas, nem tudo foi assim propriamente fácil, mas acho que agora está a começar a correr um bocadinho melhor. Portanto, a partir do momento em que tu entras e comesas a ter o teu círculo, que não foi o que aconteceu logo comigo, acaba por ser um bocadinho mais fácil.”

P: “Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?”

R: “Tudo o que tem a ver com as praxes. Tipo festas da latada, queima. Todos esses eventos que têm a ver com esse espírito académico da praxe.”

P: “És deslocada?”

R: “Sim. Sou de Celorico de Basto, por isso vivo a umas boas 2 horas daqui.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Não. Nada fácil. Não foi nada fácil fazer isso porque vinha de longe e vinha com aquele medo todo. Então quando estás com medo, ficas muito mais introvertido, e a forma como tu és com as pessoas acaba por ser a forma como elas vão ser contigo.

Portanto, eu acabei por falar com muitas pessoas a medo e nunca ser propriamente espontânea. Então quando tu não és propriamente tu, não vais encontrar alguém com a mesma vibração. Acabei por fazer amigos que não são propriamente a minha praia, portanto acabei por ficar ainda mais introvertida, e isto não é para mim.

E depois à medida que o tempo foi passando aí sim, fui começando a abrir mais as asas e a conhecer amigos que eram muito mais a minha praia.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Gostava de dizer que foi um papel muito importante e relevante, mas acaba por não ser assim tanto. Mas foi por minha causa, ou seja, foi pela questão de estar naquele método assim mais introvertida, e tipo “não quero ser eu próprio”. Então depois acabei por não conseguir aproveitar a 100%, mas acredito que para muita gente seja extremamente importante.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Sim. Em alguns jantares de curso, acredito que isso tenha ajudado a estar um bocadinho mais extrovertida.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Há um tempo atrás, por causa dessas questões todas que já respondi, vinha assim um bocadinho de confusão. Mas agora vem alegria. Tipo uma pessoa que venha estudar para Coimbra tem tudo aquilo que pode precisar que é cursos bem preparados, apesar de podermos ter cursos ainda com muita capacidade de melhoria, mas cursos bem preparados, docentes disponíveis para ajudar e depois a nível de espírito académico, temos todo um monte de pessoas vindas de todas as partes do mundo e muita gente de Erasmus, e acho que é uma porta aberta do tipo: tu chegas aqui e se não tiveres essa introversão toda e aquilo que eu tinha, acho que é muito possível de viveres alguns dos melhores anos da tua vida. Portanto diria alegria.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “Sim, completamente. Aliás, os doutores é que começam com essa “integração no álcool”. Acho que há um bocadinho essa pressão. Mas claro, se uma não quiser beber e disser: “Não bebo”, acho que aí já não há essa pressão social. Mas há um bocadinho se não essa afirmação.

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “Eu tenho vários grupos de amigos, mas o meu grupo de amigos mais próximo isso não acontece porque somos todas meninas e nós todas temos mais ou menos a mesma onda de “ok, não vamos beber muito”. Mas noutro contexto, se calhar, quando falo de um grupo mais direcionado para rapazes, a probabilidade de isso acontecer é um bocadinho maior.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “No meu caso nunca aconteceu, mas já presenciei muitos casos em que beber muito era sinal de elevação. Tipo “estou a beber muito, estou a ter atenção, estou a ser o foco e é isso que me interessa”. Porque há muita malta que chega à faculdade e não é ninguém, mas nos jantares de curso e nas praxes é que se exalta. E, portanto, nos jantares de curso, onde envolve álcool, acho que é uma boa oportunidade para essas pessoas se sentirem com o ego elevado. Mas no meu caso não, só que já presenciei casos desses.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Sim. No início sim, lá está. Eu acho que o facto de eu também ser introvertida foi muito derivado do facto de ser deslocada, portanto eu não conhecia nada. Enquanto que há pessoas que são de Coimbra, e já conhecem mais ou menos a cidade, já passaram pela faculdade uma ou outra vez.

Eu entrei em Coimbra, na segunda-feira, para a primeira semana de aulas. Na sexta-feira estava a conhecer a minha casa por videochamada, e só mudei no domingo. Portanto, eu só conheci a faculdade no domingo, e tipo passei aqui, e na segunda-feira vim ter aulas. E eu tive isto que é do tipo: “O que é isto?” (...) portanto isso também me ajudou a ficar muito mais introvertida e com medo. Portanto, daí vem todo o setor que já te falei”

P: “E notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas”?”

R: “Não. Se calhar no início tens mais aquela coisa porque os deslocados estão um bocadinho mais à nora e os Coimbrinhas é que orientam. Mas chegam ao momento em que toda a gente fica mais ou menos igual, porque tens a praxe para fazer as pessoas um bocadinho mais humildes, depois as aulas todos têm as mesmas aulas e, portanto, eu acho que depois acaba por ficar mais ou menos equilibrado.”

P: “Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? O consumo de álcool parte de nós? A AAC tem alguma responsabilidade? Os bares têm responsabilidade? As instituições têm algum papel? Qual o teu posicionamento?”

R: “Eu acho que, intrinsecamente, a universidade já está um bocadinho ligada a este espírito académico. Portanto, eles não influenciam, mas quem ouve falar de Coimbra já tem um bocadinho essa ideia. Portanto, existir a AAC ajuda um pouco, mas acho que eles diretamente não são responsáveis.

Só que há claro uma culpa indireta por toda a associação que já se faz a Coimbra. Mas se calhar eu direcionava um bocadinho essa culpa a nós estudantes e que fazemos a festa toda nas instituições.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). Consideras que tudo o que envolvesse mitigação, já estragaria a tradição?”

R: “Epa, imagina, eu não sei especificamente quais medidas. Por isso é que estou a dizer que não. Mas existir alguma coisa para, genuinamente não sei.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Acho que era só um bocadinho o excesso de álcool. Acho que as pessoas mesmo tipo os caloiros estão tipo na primeira Latada e já se estão a estragar, sem tipo conseguir viver metade do percurso [percurso/trajeto do Cortejo], percebes? Acho que era preciso só ali um bocadinho de moderação. Pois se calhar estraga, mas tipo um bocadinho de moderação para conseguirmos conhecer as pessoas e aproveitarmos as coisas sem excessos.

Em relação às praxes, tipo não temos uma praxe suja, por isso não mudaria nada. Se tivéssemos, eu mudaria. Mas acho que as praxes são razoáveis.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)”

R: “Assim de momento não me está a ocorrer nada. Porque eu também é como eu te digo: nunca excedi os limites, porque achei se excedesse não iria estar a aproveitar ao máximo uma Latada, uma Queima, uma saída. Portanto se calhar até posso ter, mas não me estou mesmo lembrada assim de uma mítica história.”

E. Entrevista José Saramago (H-20-FEUC-D)

P: “Há quanto tempo estudas em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Eu estudo em Coimbra há 3, vai fazer 3 anos. Estou no meu terceiro ano de licenciatura. Entrei em setembro de 2023, estou a acabar a minha licenciatura.

Quanto à minha vida académica, eu considero que a nível de estudos e de aulas, sinceramente, tinha inicialmente bastante presença. Ultimamente nem tanto, sinceramente. Mas como sempre, tudo o que é estudos e tenho as cadeiras todas realizadas, contudo a adesão às aulas ultimamente não têm sido grande coisa, também por causa dos encargos que tenho e das responsabilidades que tenho ultimamente.

Quanto à vida fora das aulas, sempre fui bastante ativo nesse aspeto, sinceramente. Eu desde cedo, já na minha terra, que tinha e gostava muito de sair e conviver. Eu pessoalmente, por acaso, nunca fui muito de ir a discotecas e bares; discotecas, música e etc. para dançar, mas sim de ficar mais em bares, conversa, etc., sempre que saí bastante.

Se quiseses uma frequência, no meu ano de caloiro, talvez algumas 2 a 3 vezes por semana, no mínimo, que ia sair à noite. Mas ultimamente menos, também e agora, uma pessoa que assumiu o cargo de presidente do núcleo. E pá também já começamos a ficar mais velhos, e é diferente. Mas mesmo assim de qualquer das maneiras, normalmente, pelo menos uma vez por semana, dedico-me a essas atividades mais recreativas.”

P: “Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?”

R: “Todos. Tudo o que é possível. Queima, Latada, tudo o que é convívios, tudo o que é atividades de núcleo, todo o tipo de festivais. Aliás, eu até muitas das vezes que saio porque eu também como acho que sabes, eu trabalho no ramo da noite lá em cima [referência à terra que é no Norte do país]. Eu tenho um festival lá em cima e tenho um bar também. Por isso, esta parte aqui de sair, para mim, sempre foi muito familiar. E eu também sempre tive aquela motivação de dizer: “A gente não vai estar cá em Coimbra a fazer a licenciatura para sempre, por isso enquanto podermos aproveitar” e acho que devia ser a mentalidade de quase toda a gente, e acredito que há muita gente que também pense como eu. Mas, eu normalmente estou em tudo aquilo que posso e tenho oportunidade e quando consigo participo sempre, e digo sempre em tudo e mais alguma coisa.”

P: “És deslocado?”

R: “Sou. Sou de Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real. Moro lá. Normalmente de autocarro são cerca de 3 horas e meia. Mas ultimamente tenho vindo de carro, o que fica a 2 horitas.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Ora, o meu início em Coimbra, eu pessoalmente não tive muitas dificuldades. Porquê? Porque eu participei em 2 edições da Universidade de Verão antes de vir para Coimbra. E a Universidade de Verão é uma iniciativa da UC e da Associação Académica de Coimbra onde os estudantes de secundário veem cá experimentar a universidade durante uma semana.

Opa e eu sempre fui bastante extrovertido. Mesmo na universidade de Verão já tinha algumas amizades que trouxe, e já tinha algumas amizades aqui na FEUC, por isso não foi muito difícil a passar aquelas primeiras semanas mais de desconforto e assim.

Ainda por cima, eu também tinha aqui a minha família de praxe a estudar em Coimbra. A minha madrinha, quer dizer os meus padrinhos e as minhas madrinhas são todos de Vila Pouca de Aguiar também, embora não sejam de Gestão. E também vim com a minha melhor amiga, ou seja, em termos de conforto nas primeiras semanas de chegada não tive dificuldade nenhuma. Aliás, até porque eu não sou uma pessoa disso.

Quanto à integração propriamente dita no curso, eu não tive muita dificuldade em arranjar amigos. Mas acho que também é muito da minha personalidade, porque eu sou uma pessoa bastante extrovertida, e nunca tive dificuldade em comunicar, nem em falar com ninguém. E sou, e como caloiro também o era, um bocado brincalhão, gostava de meter com toda a gente, por isso nunca tive grande dificuldade em me integrar.

Contudo, senti e sinto que Coimbra é um espaço muito bom de acolhimento de estudantes. Sinto que, em geral, a maioria dos estudantes sentem-se acolhidos. Pode não ser logo no período inicial, mas depois há sempre alguém que os acolhe, o que é muito bom.

Do curso em geral, na altura, não senti um grande acolhimento enquanto isso. Aliás, notava-se uma grande segregação do curso. Mas pronto, tu sabes que também estamos a fazer um esforço para que isso melhore. E tu sabes bem como as coisas eram aqui, e em nível de integração, eu pessoalmente não passei por grande dificuldade pessoal porque não era esse tipo de pessoa e de me queixar. Lá consegui arranjar o meu grupo. Mas em termos de pessoal mais velho, foram muito poucas as pessoas que efetivamente fizeram esse acolhimento. Mas é como te disse, estamos a fazer um esforço para que isso melhore este ano e este ano sentiu-se uma mudança brusca nesse aspeto.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Ora, rituais académicos? No sentido, tudo o que é praxe, eu sou te completamente sincero. Gosto muito da praxe. Gostei muito da minha participação na praxe. É uma experiência muito gira, mas na minha opinião pessoal, a nível de integração vale o que vale. No meu caso, pelo menos não foi assim. Não achei que fosse o motivo de integração, porque o meu grupo de amigos, os doutores que me acolheram, foram muito posteriores, foram de maneiras muito diferentes da praxe do que propriamente da praxe.

Aliás, eu como disse nem tenho nenhum padrinho nem nenhuma madrinha do curso. E até muitas das pessoas que tomavam conta da praxe nunca tive grande ligação pessoal com elas. Mas pronto, é o que é. Muita da integração, que depois foi feita aparte da praxe.

Quanto a rituais académicos, Queima, Latada, sair à noite, todo o tipo de tradições acho que são essenciais. Acho que Coimbra está repleta delas e acho que são essenciais na integração estudantil. Muitas vezes também atividades de núcleo, como tu sabes, há sempre convívio, uma certa integração até mesmo de malta mais velha que acho que correu bem.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Ajudou.”

P: “E de que forma?”

R: “Opa, o consumo de álcool entre os jovens aqui na universidade seja uma coisa que muita gente evite dizer, é visto como um fator de integração.

O rapaz que não bebe finos, o gajo que não bebe, até a parte do fumar às vezes, é visto como um bocado... epa não queria dizer, mas é visto como um Coninhas, pronto. (...) Mas isso é mesmo verdade. A pessoa que não participou nos rituais, que muitas vezes até o fumar passa ao ir para a varanda estar lá à conversa com o pessoal que fuma ajuda-te na integração, e o álcool acabava por ser também um fator.

As pessoas também desinibam-se mais quando estão depois de beber 2 ou 3 copos, mas sim eu considero que isso é promovido, que muitas das amizades que fiz até foram inicialmente em contexto de noite, em contextos de bebida. Por isso eu considero.”

P: “Quando pensas em “contexto académico” ou “ambiente académico”, o que é que entra neste conceito para ti?”

R: “Para mim, o ambiente académico engloba muita coisa. Primeiramente, tudo o que é e a primeira imagem que vem à cabeça, é falar da parte recreativa que é a Queima, a Latada, é falar de sair à noite com os amigos, etc.

Mas entrando também um bocado no contexto académico é também o “viver Coimbra”. Viver Coimbra na sua totalidade que é a parte reivindicativa dos estudantes. Tudo o que é oportunidade que Coimbra dá, porque Coimbra é o seio da reivindicação estudantil. Aliás, o 25 de Abril nasceu cá em Coimbra¹¹. É uma cidade que dá imensas oportunidades a nível de tudo, tanto no associativismo como em outro tipo de organizações. Dá imensas oportunidades aos estudantes e acho que toda a gente deve conseguir aproveitar isso e aproveitar essas oportunidades. E sobretudo o ambiente académico de Coimbra, acho que é um ambiente desafiador e acho que isso é muito bom, porque em Coimbra, apesar de qualquer curso, apesar de o curso ser retrógrado ou mais ou menos retrógrado, apesar de

¹¹ A referência diz respeito à Crise Académica de 1969, um dos episódios mais marcantes da história académica e estudantil de Coimbra, associado à contestação ao Estado Novo e frequentemente considerado como uma das grandes mobilizações anteriores ao 25 de Abril (Associação Académica de Coimbra, s.d.-c).

não estar ao nível de Lisboa ou Porto às vezes, aqui em Coimbra, surgem muitas oportunidades que não tens noutros sítios. Tanto a nível académico, como de integração do ambiente recreativo, mas também desta parte do que estou a falar mais estudantil, mais associativa, e para mim quando eu falo no ambiente académico de Coimbra, na academia, sobretudo lembro-me muito disso.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “É assim, eu acho que uma pessoa que não queira beber não bebe, e acho que não é forçado a isso. Se tiverem amigos como aos meus sim, sem dúvida.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “É gozado 100%. A nossa amizade baseia-se muito no grupo. Mas imagina é na brincadeira. É brincadeira, ninguém se chateia. Se alguém não beber, não é posto de parte. Mas sim, há sempre uma troçazinha, umas provocações.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “É assim, o beber em demasia eu acho que para muita gente, e para mim também, já foi sinal de estatuto. É sinal de... como é eu hei de dizer... “É o que bebe mais”, pronto. É alguém que tem mais capacidade que os outros, e acho que acaba sempre por ser uma das pessoas que é mais rígida e vangloriada no grupo. Por isso sim, o beber muito e o conseguir beber muito, eu acho que em Coimbra, ou pelo menos no meu grupo de amigos eu noto isso, e em muitos grupos de amigos eu noto isso, que o beber muito é visto como uma coisa positiva e como um bom fator.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Não. Nada. Eu aliás acho que as pessoas deslocadas vivem muito mais Coimbra, do que às pessoas que são de cá. Pelo menos é a opinião que eu tenho. As pessoas que já viveram, já tiveram aqui o secundário em Coimbra, acho que acabam por ser muito mais inibidas do que as pessoas que vêm de fora. As pessoas que vêm de fora vêm à descoberta, vêm a tentar perceber o que é que se passa, e muitas das vezes acho que as pessoas de Coimbra por acharem que já sabem como funcionam as coisas, perdem muitas oportunidades. Oportunidades muitas vezes que os deslocados, pela sua ingenuidade, pela sua necessidade de descoberta, às vezes têm outras experiências.”

P: “E notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas”, por exemplo na participação nos rituais?”

R: “Não. Na minha experiência pessoal, notei no meu ano que havia ali alguns grupos já formados e malta que já se conhecia anteriormente, sem dúvida. Atualmente, não diria sinceramente. Acho que (..) em comportamento as pessoas cá de Coimbra já têm grupos estabelecidos. Nota-se logo quem são essas pessoas que já têm o grupo estabelecido desde início. Normalmente são grupos de amigos muito restritos.

A nível de integração nem tanto, sou te sincero. Acho que são acolhidos da mesma maneira. Mas em termos de grupos de amigos, o pessoal que já traz o grupo de amigos

do secundário, malta cá de Coimbra, nota-se muito essa diferença. Mas isso há em todos os anos, e de certeza que no teu também.”

P: “Como vêes o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Ela tem responsabilidade pelo consumo? Isto só depende de nós? A AAC tem culpa? Tem a ver com os próprios bares?”

R: “Eu não considero. Eu acho que Portugal tem uma cultura muito de consumo de álcool. Muita gente já traz isso de casa e até das suas terras, provavelmente até a malta do secundário não vai para faculdade nem é a primeira vez que bebe. A primeira vez que bebeu muita pouca gente foi na faculdade, já beberam anteriormente. Em festas da aldeia, em convívios do secundário, em viagens e bailes de finalistas, etc.

Acho que parte muito da nossa cultura e, sinceramente, acho que uma intervenção institucional não vai fazer qualquer tipo de diferença. (...) Uma intervenção institucional no sentido tipo de um alerta para o consumo exagerado de álcool. Eu acho que iria funcionar até no sentido contrário.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). O que consideras que estragaria a tradição?”

R: “É assim, eu acho que o consumo de álcool e cada vez mais há uma responsabilidade por parte da comunidade de dizer e saber quando parar, no sentido principalmente em saber quando parar. Contudo, esse tipo de situações mais desconfortáveis ou se calhar mais inconvenientes, digamos no sentido de comas alcoólicos, malta que se sente mal, vômitos, isso no contexto académico não consegue ser evitado. Isso tem que ser feito quase como uma consciencialização em casa, na minha opinião é mais por parte do apoio parental. Claro que aqui o apoio dos estudantes mais velhos em Coimbra, também pode ajudar nesse sentido, mas em todo o estudante isso é uma situação inevitável, na minha opinião. E mesmo que seja feito qualquer tipo de intervenção, tu não consegues controlar e não é possível controlares a quantidade de bebidas alcoólicas que uma pessoa consome, porque eu agora consumo no teu bar, depois consumo noutro e a seguir vou consumir ao outro. Eu posso já estar a cair para o lado e tu vais vender-me bebidas na mesma, porque tu queres é vender bebidas. Tu não consegues fazer esse controlo. É impossível.

E eu a única função que eu vejo numa medida em concreto, seria a advertência para as situações. Se iria resultar? Na minha opinião, não. Na minha opinião não iria resultar. Medidas para a advertência de não conduzir sobre o efeito de álcool pá, sem dúvida, ou em outro tipo de situações. Agora para o consumo excessivo, eu acho sinceramente que isso ia passar completamente ao lado da comunidade estudantil.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Eu não faria nada. Eu acho que o significado de tradição é mantermos as coisas como elas sempre foram. E Coimbra tem uma tradição que faz imenso sentido, que tem enorme esforço para o objetivo da tradição que é a integração estudantil, manter o simbolismo de Coimbra, manter o significado das coisas. Por isso acho que nada tem que ser mudado. Aliás, acho que deve-se fazer um esforço comum para a tradição se manter, e se perpetuar pela história, porque cada vez mais até há um desinteresse cada vez maior sobre a

tradição, nota-se cada vez menos pessoas a aderirem por exemplo a praxes, manifestações, etc. Nota-se claramente um desinteresse crescente, o que na minha opinião é negativo.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, algum comentário que queiras fazer)”

R: “(...) Eu posso finalizar e dizer que Coimbra para mim foi muito importante, extremamente importante no meu percurso de vida. Coimbra foi uma cidade que me ensinou imenso e que sobretudo o que eu agradeço a Coimbra foram muitas das competições que puxaram muito pelo meu lado reivindicativo, e puxou-me muito pelo meu lado de querer fazer bem as coisas.

Voltando aqui um bocado atrás, a tradição é uma parte que eu respeito muito e gosto de participar, mas nunca foi muito a minha paixão por assim dizer. Gosto de ir, gosto de ver, gosto de fazer, mas nunca foi nada do que eu quis, nunca incidi muito sobre esse aspeto. Ajudo a manter e tu sabes que o meu esforço máximo que eu fiz foi com o nosso curso, a nossa licenciatura e da comunidade sobretudo.

Nós chegamos aqui em Coimbra, e na altura notei uma segregação sobre o curso. Metade dos estudantes pertenciam ao núcleo e diziam-nos que “Gestão é união” e que nos tínhamos que manter unidos, e a outra metade que não estava no núcleo mantinham-se calados e diziam nas costas de toda a gente que “Gestão não é união” e que o curso era segregado. E notava-se que havia uma clara distinção. Havia claramente uma parte do curso sem voz ativa. E depois de muitas pessoas e de falar com muitas pessoas, e de essas pessoas confiarem em mim, tive o prazer de fazer essa reivindicação dos estudantes dentro da licenciatura. E estou a fazer um esforço crescente, porque sei perfeitamente isso, que não é num mandato que isso vai mudar completamente. Mas estou a fazer um esforço crescente para que haja esse tipo de princípio e desse tipo de valores para que prospere. Sobre tudo que prospere, porque é o que eu digo aos meus miúdos: Eu fiz um mandato. Se for só um mandato não vale a pena. Não vale a pena manter aqui os meus valores e os meus princípios por 1 ano e depois mudar logo tudo.

Isso notava-se claramente a nível de integração, e eu acho que claramente tu sentiste isso também no teu ano. Hoje em dia, isso não se nota. Há uma integração clara dos estudantes. Nota-se um esforço claro de ambas as partes para fazer isso, e o que é muito bom de se ver. Isto é, no início do ano, agora já não, o que é normal já tens mais grupos de amigos e são mais fixos, mas inicialmente era bom ver toda a comunidade de gestão que aquilo era tudo misturado. Pá, a malta saía toda junta, fazíamos prés todos juntos, que foram coisas que nunca se fizeram antes.

Por isso este ano a integração foi muito boa, no objetivo e que foi a causa que eu segui e que tive muito apoio na altura. E agora é que isso se perpetue e que não volte a ser o que era antes. É o meu objetivo para este ano. É o objetivo para este final de mandato. Eu também fiz muito esforço para a integração, fizemos diversas atividades. (...) Nós desde o início do ano fizemos diversas atividades, tanto para a integração como para a aproximação do mercado de trabalho, a nível recreativo para fomentar a integração, a nível solidário. Criamos um pelouro novo que é o gabinete pedagógico de apoio ao estudante que tem esse objetivo de criar esta proximidade ao estudante, de fazer inquéritos regulares para perceber o que as pessoas querem, temos um gabinete físico, que é se as

peessoas quiserem ir lá dar sugestões. Nós puxamos mesmo pela comunidade para lhes dizer: “O que é que vocês querem? O que é que vocês precisam?”. E eu acho que isso tem sido muito bom, e acho que foi uma das grandes iniciativas da parte do meu mandato. Mas sobretudo falando na generalidade do curso, acho que houve uma melhoria. Espero que continue assim genuinamente, é a minha vontade.

Mas sobretudo, eu falo, mais genericamente de Coimbra, acho que todos os cursos e todas as comunidades têm as suas limitações. Mas, acho que Coimbra tem um esforço reivindicativo que tenta contrariar tudo aquilo que está mal, e é esses desafios que tem esse aspeto positivo de querer sempre fazer algo a mais e melhor. Eu noto isso muito aqui em Coimbra, que para mim é dos aspetos mais positivos, não falando a nível político nem nada, mas mesmo o esforço de reivindicação. Acho que é um dos aspetos principais que faz com que eu adore esta cidade, e vou ter muita saudade quando sair daqui, não tenhas a menor dúvida disso. Mas Coimbra ensinou-me muito, e construiu-me muito daquilo que sou atualmente.”

F. Entrevista Maria Judite de Carvalho (M-20-FEUC-D)

P: “Há quanto tempo estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Estudo em Coimbra há 3 anos. Este é o meu terceiro ano de licenciatura, e gosto muito da minha vida académica aqui. Acho que é dos sítios com melhor espírito.”

P: “Em que eventos/rituais académicos participas/participaste?”

R: “Particpei na praxe. Ainda hoje participo. Depois teve a maioria das atividades académicas, também particpei: Latada, Queima das Fitas, Cortejo tanto da Latada como da Queima, e outros eventos que surgem como do núcleo.”

P: “És deslocada?”

R: “Sim.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Eu sinto que sim. Estava toda a gente aberta para o mesmo, então acabei por me integrar muito rapidamente.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Vou ser sincera a praxe ajudou, mas não acho que tenha sido o mais essencial. Foram os jantares de curso, aulas e depois tudo.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Sinto que foi parte dela, mas também sinto que... não diria que não desse para ser sem ele. Mas também ajudou.”

P: “Quando pensas em “contexto ou ambiente académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Ser estudante; a parte das atividades; a cidade em si também que nos liga muito.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “Epa sim. Eu não sinto que tenha bebido por pressão, mas sei que também há pressão.”

P: “E em que contexto é que aparece?”

R: “Oh, sei lá. Para tu conviveres mais, às vezes, acabas por sair à noite. Podes sempre não beber, mas acho que é um bocado inevitável.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “No máximo houve assim uma piadinha e podem dizer: “Anda lá, bebe!”. Mas não é excluído por isso.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “Eu acho que é diversão, mas também há sempre aquela coisa do “fino social”. Tipo já tem outro significado. Não é só pela diversão, mas criou um valor.

P: “O que significa “beber ou aguentar bem” dentro do teu grupo?”

R: “Beber ou aguentar bem é chegar até ao fim da noite. Posso ter me divertido muito, mas inteira sem morrer a meio.”

R: “É estatuto beber bem?”

R: “Ah, não sinto porque eu acho que ninguém quer “morrer”, então toda a gente é assim. É bom reconhecer os seus limites. Não querer ser o maior, beber muito e depois não passar da meia noite.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Sim, e acho que ser deslocado é um ponto forte até. Porque permite-te ir a mais coisas porque estar em casa dos pais é diferente, tens de respeitar uma rotina que já existe em casa. Agora quando estás aqui tens toda a própria rotina.”

P: “E notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas”?”

R: “Noto, mas noto pelo tipo de rotina deles às vezes, e porque já se conheciam. Alguns deles já tinham assim um grupo, mas é como tudo: há pessoas mais abertas e há pessoas mais fechadas. Eu não sinto que seja especificamente o motivo para serem mais abertas ou fechadas.”

P: “Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Quem é o responsável pelo consumo? Somos nós? A AAC? Os bares?”

R: “Acho que cada um de nós tem que ter a sua própria responsabilidade e, claro, que se estás numa situação em que claramente já não estás bem, e estão-te a vender álcool

também são um bocado responsáveis pelo que vai acontecer. Mas acho que acima de tudo, tu és o responsável por ti.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). E o que consideras que estragaria a tradição?”

R: “Eu acho que talvez campanhas informativas sobre o álcool; saber parar; a experiência de outras pessoas que já tiveram ou passaram por maus bocados por causa do álcool, e coisas graves. E é a tal coisa: beber com moderação não faz mal a ninguém.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Assim de cabeça, acho que não tenho nada que me venha.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, posicionamento, etc.)”

R: “Acho que não. Apenas que recomendo toda a gente a vir para cá. Há sempre boas memórias para criar. Acho que em qualquer sítio, mas aqui acho que é mais especial.”

G. Entrevista Sophia de Mello Breyner (M-23-ExUC-ND)

P: “Há quanto tempo estudas/estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Estudei 3 anos no ensino superior em Coimbra. E considero que o meu percurso foi bastante especial. É algo que olho com muito carinho.”

P: “Em que eventos ou rituais académicos participaste?”

R: “O maior deles que participei foi na praxe e nos cortejos da Latada e da Queima. Inclusive no meu último ano tive um carro. Também participei nas festas relacionadas com estes 2 eventos.”

P: “És deslocada?”

R: “Não.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra no ensino superior? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Eu acho que sim, acho que foi muito fácil. Especialmente com o primeiro dia que tivemos aqui na FEUC, que era um dia de integração. Tivemos com os mais velhos, tivemos com os representantes do curso, e no final ainda fomos praxados. Só que naquele período antes de sermos praxados, estávamos todos assim: à procura do sítio; o que é que vamos fazer, porque nem era “vocês vão ser praxados”, era “temos aqui uma atividade para vocês” e nesse meio termo como nem toda a gente sabia onde é que eram os sítios tivemos oportunidade de falar e de fazer amizades.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Acho que tiveram um papel assim bastante importante, porque mesmo sendo de Coimbra, já tinha os meus amigos e já tinha uma ideia de como iam ser as coisas. Mas o facto de participar nestes rituais é que me ajudou a ir conhecendo as pessoas, porque eu vi-as na Praxe, depois na faculdade. Já começávamos a falar ali e havia um laço.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Eu acho que sim e não. Não era uma coisa que sempre: “Olha vamos beber álcool”. Tipo se tu não beberes não “és isto ou outro”, mas ao mesmo tempo, estava subentendido em todas as atividades que fazíamos. Se nós íamos a jantares de curso, era beber até não dar mais. Se fossemos sair à noite, a mesma coisa. Mas acho que à medida que fomos andando, eu digo comparando o meu primeiro ano com o meu terceiro ano, uma pessoa começou a deixar de beber assim tanto.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Eu acho que, aplicando também a minha perspetiva, é vir às aulas, conviver, cafés, sair à noite para o tal “fino social” também. Também engloba muito estar perto da associação. Para mim, eu estive muito dentro de organizações, estive a desenvolver. Eu acho que é essencialmente isto: é conviver e aprender.

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “Eu acho que sim. Acho que há gente que tem muita pressão para beber em contexto académico.

Eu sinto que eu na minha própria perspetiva não tive, mas eu tenho amigos, mesmo que tiveram noutras faculdades [de Coimbra], tinham muita pressão para beber.”

P: “E como é que ela aparece? Em que sentido?”

R: “Pronto, há aquelas praxes que não são praxes, que não devem ser feitas. Mas acontecem que te obrigam a beber, mesmo que tu não queiras acaba sempre por cortar ali aquela pressão e isso acaba por acontecer.”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “Eu acho que até tenho um bom grupo de amigos, porque ninguém é excluído nem nada. Se alguém bebesse demasiado estávamos lá para ajudar, se não quisesse beber estávamos lá é tipo: “Tranquilo”.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “É mais do que diversão. Já começa ali a chegar naquela linha de pode ser problemático se saís todos os dias comigo e estás a beber depois do teu limite. Mas também hoje olho mais para isso agora porque eu lembro-me das primeiras vezes que saí aqui em Coimbra como universitária, e uma pessoa não tinha noção dos exageros. É “deixa-me beber do tipo como se fosse sábado” e depois o problema é que vinha a seguir.”

P: “O que significa “beber ou aguentar bem” dentro do teu grupo? Isso é estatuto?”

R: “Epa, eu nem sei bem o que responder. Estatuto definitivamente não. É só do tipo “olha este aguenta bem de bebida”.

Eu acho que numa altura em que se calhar antes de entrar na universidade e também se calhar nos primeiros tempos diríamos: “pronto, esta pessoa sai cara quando vai sair “. Mas não, nada de estatutos.

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Eu acho que sim. Quem vem deslocado está numa cidade nova, pela primeira vez. Não devemos esquecer que temos 17, 18, 19 anos, e é a primeira vez que estamos fora da casa dos pais.

Queremos viver ao máximo, queremos arranjar amigos, queremos criar relações duradouras e, às vezes as perspetivas que nós temos de criar uma relação e como a conseguir não são por vezes as mais saudáveis. Há gente que acha que é “ok, tenho de ir para os copos todos os dias. Tenho de sair todos os dias da semana. Tenho de estar ali”, mas não é assim. E isto influencia mais os deslocados.”

P: “Notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas”, por exemplo na participação nos rituais?”

R: “Sim. Acho que se nota claramente uma diferença entre os deslocados e os “Coimbrinhas”. Os “Coimbrinhas” já estão acostumados a sair à noite, já sabem onde ir, já têm os amigos, já têm os grupos, já têm tudo. Já têm assim uma ideia mais formada do que é que vai acontecer nos próximos 3, 4 anos. Um deslocado não sabe muito para onde está a vir. Não sabe o que esperar. E depois é aquela coisa de não querer ficar sozinho: “Tenho de arranjar amigos”, que às vezes levam àquelas coisas não saudáveis que estava a mencionar anteriormente. E uma pessoa que já está nesta cidade, já tem o seu grupo de amigos não tem tanto essa tendência. Fica “Ah, posso não ter aquela base de amigos, mas tenho os outros”.”

P: “Como vêes o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Ela tem responsabilidade pelo consumo? Isto só depende de só de nós? A AAC tem culpa? Tem a ver com os próprios bares?”

R: “É assim, eu acho que devia haver uma maior intervenção por parte das instituições.

Imagina nos bares, eu sei que nós somos a maior fonte de receita deles aqui em Coimbra, especialmente porque é mais malta jovem que sai assim com maior frequência. Mas é comum tu veres uma pessoa que não está bem, e continua a beber, e continua a beber e continua a beber [ela citou 3 vezes]. Tem que haver um momento que a própria pessoa do outro lado a servir meta um travão.

A nível de instituições, eu acho que a universidade, não me lembro de uma única vez termos uma ação de formação ou de sensibilização para ter cuidado com o beber em demasia. Acho que também faz assim um bocadinho de falta.

Claro que nós todos, quando a maioria de nós entrou, sob aquela coisa de “se fores 3 vezes de coma alcoólico ou de ambulância és capaz de ser expulso da universidade”. Uma pessoa nem sabe se isso é mito ou não, mas há muita gente que chega naqueles exageros.

E acho que aqui também as instituições, e a própria universidade deve entrar, que é havia malta de Medicina e malta de Enfermagem que para não ir para as urgências, olha era do tipo soros. Era do tipo “vamos tratar aqui do nosso amigo com soro”. Então aqui entra muita sensibilização e também da própria universidade, da própria instituição académica, e da parte dos bares era mesmo meter limites: “As pessoas estão a vir cá sempre, mas também se nós queremos uma clientela saudável também é preciso impor limites”.”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). E o que consideras que estragaria a tradição?”

R: “Eu que tipo estragar a tradição não era, estragaria sempre: dizer “olha, vocês já não podem beber”, estragaria 100%; “Não podem oferecer bebida ao pessoal, principalmente por causa do cortejo ou da Queima das Fitas”, estragaria.

Era também impor coisas que acabam por estragar um bocadinho das atividades que a juventude tem quando acaba por sair das primeiras vezes como maior idade, pronto. Obviamente, temos de meter um pé nos excessos e aí entra as ações de sensibilização e isso tudo, mas é ter cuidado com aquilo que pode estragar. É preciso um meio termo.

Acho mesmo que as ações de sensibilização são extremamente necessárias. Nós obviamente aqui estamos a falar de álcool, mas há pessoas que entram pelas vertentes das drogas, e isso tudo. Tabaco também e esquece-se muito.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Acho que inseria aqui mesmo as ações de sensibilização por parte das instituições. Pode ser, por exemplo, dentro de um programa de skills [é comum este tipo de coisas nas universidades de Coimbra como em atividades, congressos e palestras]. Se nós estamos a criar skills, competências para os nossos estudantes, também temos de nos ajudar a compreender um pouco este nível da saúde. “O que é beber demasiado? As drogas, o tabaco, qual o limite considerável para ter uma boa vida?”.

Também dentro da Praxe acho que às vezes não há muito a noção do que é que é exagero ou não. Estamos muito naquela bolha de “estou-me a divertir, estamos a divertir”, e acho que também é importante às vezes inserir-se esses pontos, porque se é uma atividade que até certo ponto é pedagógica também tem de ser civilizado.”

P: “Para acabar, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? O que quiseses, história, posicionamento, ideia, pensamento...”

R: “Acho que só um reparo, porque eu acho que muitas vezes quando olhamos para a vida académica em Coimbra, os estudantes de Coimbra, pensamos logo na vida boémia. Não há um ponto que não diga isso.

Eu lembro-me de crescer e eu estudava [antes de vir para a universidade] ali ao pé da Agrária, tu vias os estudantes a descer trajados, ou às vezes estavam nas atividades deles, os caloiros todos mascarados a descerem a rua em caixotes do lixo ou em carrinhos e coisas assim. Eu acho que essa imagem que nos perdura na cabeça.

Mas na verdade, nós temos de começar a associar a vida académica em Coimbra com pessoas que se estão a conhecer e pessoas que estão a aprender os limites da diversão e que acabam por envolver muito da cidade nesta diversão.

Eu acho que se formos perguntar na rua “Quem é que não gosta dos estudantes de Coimbra?” há pouca gente que vai dizer que não gosta. E se disserem “gosto, mas...”, o mas vai ser relacionado com o beber em excesso e atividades associadas a isso que depois são atividades um bocadinho más.”

H. Entrevista Guerra Junqueiro (H-23-ExUC-D)

P: “Há quanto tempo estudaste em Coimbra e como descreverias a tua vida académica?”

R: “Há 2 anos, quando saí de lá. Estive lá durante 3 anos.

Em relação à minha vida académica foi basicamente sempre convívios e cenas assim. E ir às aulas, mas depois no final do dia já ir sair.”

P: “Em que eventos ou rituais académicos participaste?”

R: “Fui à praxe no meu primeiro ano, depois desisti porque não achei que fosse algo fixe enquanto doutor. (..) Depois Latada, Queima, convívios e isso.”

P: “És deslocado?”

R: “Sim.”

P: “Como foi o teu início em Coimbra no ensino superior? Foi fácil fazer amigos e integrar-te?”

R: “Por acaso, no início, como eu sou deslocado, e acho que acontece muito com os estudantes deslocados, acabam por ficar com as pessoas que já conhecem. Durante a primeira parte, essa integração é um bocado mais difícil, digamos assim, mas depois com estes “rituais” digamos assim, uma pessoa acaba-se por integrar melhor, porque também facilitasse mais, e é uma cena pós-aulas e pós-faculdade, que tu podes conviver com mais pessoas e partilhar mais experiências e ideias.”

P: “Qual o papel que os rituais académicos tiveram no teu processo de integração no Ensino Superior?”

R: “Como eu acabei de dizer, basicamente esses rituais ajudaram-me bastante porque, apesar de ter bastante amigos lá, não eram amigos de curso. É claro que falava com essas pessoas, mas falar com essas pessoas durante as aulas, durante o período letivo, não é facilitador.”

P: “O consumo de álcool ajudou-te na tua integração?”

R: “Eu acho que sinceramente, eu acho que o que ajudou mais foi sem dúvida, pá esses rituais. O álcool claro que ajuda porque nos libertamos mais. É uma cena que te liberta e não ficas com tanta vergonha.”

P: “Quando pensas em “contexto académico”, o que entra neste conceito para ti?”

R: “Basicamente, Coimbra acaba por ser a união porque, uma vez que, é uma cidade de deslocados, as pessoas acabam por se tornar mais unidas entre elas, e não há tanta, digamos, fuga de pessoas. Eu digo fuga, mas talvez distanciamento, e acaba por ser um ambiente de fraternidade, digamos assim.”

P: “Sentes que existe pressão para beber em contexto académico?”

R: “Eu sinto que haja pressão, mas no sentido de, não é que eu tenha sentido, mas claro que quando vais a um pré ou algo do género, tu comesças a ver toda a gente alcoolizada, e ficas um bocado do tipo, se não tiveres a beber claro, sentes-te de parte. Claro que quem não gosta..., mas acho que isso vai um pouco de pessoa para pessoa”

P: “No teu grupo de amigos, quem não bebe ou bebe pouco, o que acontece? (é respeitado, ignorado, excluído, não acontece nada).”

R: “Ninguém é excluído de nada, por exemplo, em Coimbra não, mas em Mogadouro [terra do entrevistado] acontece bué a cena de alguém tem que não beber para poder levar o carro ou assim. Tipo em Mogadouro aconteceu bué isso, então tipo não há discriminação de nada. Tipo alguém bebe menos ou alguém não consegue, pah, nunca houve discriminação nem nada. Então, estou a falar disto em Mogadouro, mas estou a falar disto para Coimbra. Eu acho que nunca há discriminação.”

P: “O que significa “beber ou aguentar bem” dentro do teu grupo? Isso é estatuto?”

R: “Imagina, por acaso essa é uma pergunta interessante, porque eu acho que não é estatuto porque ninguém se valoriza mais por beber mais. Eu acho que é engraçado, tipo imagina. Estás a perceber?

Não é uma cena de estatuto, eu acho que não é que a pergunta esteja mal formulada, mas acho que não sei. Mas eu estou a perceber o que estás a dizer. Há bué gente que pensa: “ok, bebes bué, és bué fixe”. Oh pah, mas eu acho que as pessoas são bué fixes. Mas isso não é estatuto, é engraçado.”

P: “Na tua experiência beber muito em contexto académico é só “diversão” ou tem algum significado social?”

R: “Acho que é diversão.”

P: “Achaste que ser ou não ser deslocado influencia a forma como se vive Coimbra?”

R: “Imagina, eu acho que sim porque, eu vou te explicar. Tu quando és deslocado, imagina. Imagina uma pessoa que é de Coimbra vai aos fins de semana a casa, vai todos os dias para casa. Então uma pessoa que é de fora de Coimbra, tipo é um bocado mais chato porque aos fins de semanas “não sei o quê e tal”. Ou seja, eu acho que sinto mais necessidade de ter mais proximidade com as pessoas, há uma maior obrigação. Claro que a integração em Coimbra é muito feita pelo facto de seres ou não deslocado. Eu acho que as pessoas deslocadas vivem mais Coimbra do que as pessoas que são realmente de Coimbra ou que são de zonas de perto.”

P: “Notas alguma diferença entre os estudantes deslocados e os estudantes não deslocados, ou seja, os “Coimbrinhas?””

R: “Opa, nota-se, mas acho não tem nada a haver com álcool nem com nada disso. Tem mesmo a haver com perspetivas diferentes. Uma pessoa vive com os pais, a outra vive sozinha. Eu acho que isso é totalmente diferente e não é uma cena que seja para debater.”

P: “Como vês o papel das instituições na gestão do consumo de álcool? Isto só depende de nós? A AAC e a universidade têm culpa? Tem a ver com os próprios bares?”

R: “Eu estou a perceber o que queres dizer. Imagina, eu vou ser sincero, eu acho que as pessoas só bebem demais porque querem. Ninguém obriga ninguém. E isso é uma coisa que, opa, tu em todos os cafés tens máquinas de tabaco, mas as máquinas de tabaco não te obrigam a fumar. Eu acho que é um bocado dessa lógica. Tipo, as instituições claro que podem tipo, opa, há danos que podem ser irreversíveis e merdas assim.

(...) é que tipo eu acho que não tem que restringir nem controlar. Têm que informar que danos é que podem existir”

P: “Que medidas de mitigação de riscos acharias mais aceitáveis? (Se é que achas que são precisas). E o que consideras que estragaria a tradição?”

R: “Eu acho que as pessoas é que têm de ser conscientes porque o consumo tem de ser moderado.

É a mesma coisa de que se tu comes sempre pizza todos os dias. A culpa é tua. Não vão proibir as pizzarias de produzir pizza só porque tu comes muito. Cada pessoa tem de se consciencializar. Não são instituições, não é a faculdade nem nada. São as pessoas.”

P: “Se pudesses mudar alguma coisa na tradição ou na cultura académica sem “estragar ou matar a festa”, o que farias? Se é que farias algo.”

R: “Imagina, eu acho que a cena fixe toda é essa. É uma cena que eu não noto aqui no Porto, que não noto em Lisboa. Eu acho fixe. Não mudava nada.”

P: “Por fim, há algo ou algum aspeto que não perguntei e que queiras referir ou mencionar? (histórias, pensamento, posicionamento, ideia, etc.)”

R: “Não.”